

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Cláudia dos Santos Klinski

**Ingresso e Permanência de Alunos com Ensino Médio Concluído
no PROEJA do IFE Sul-Rio-Grandense
Campus Charqueadas**

Porto Alegre

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Ingresso e Permanência de Alunos com Ensino Médio Concluído
no PROEJA do IFE Sul-Rio-Grandense
Campus Charqueadas**

Cláudia dos Santos Klinski

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Naira Lisboa Franzoi

**Porto Alegre
2009**

CATALOGAÇÃO



Agradecimentos,

Ao concluir este trabalho quero agradecer:

À Naira Franzoi que ao me acolher nesta trajetória de pesquisa, me mostrou o caminho a seguir com muito carinho e dedicação, respeitando e incentivando as fases de criação. Sua amizade e confiança foram indispensáveis para a execução deste trabalho.

Aos colegas mestres e mestrandos: Rita, Claudete, Israel, Danise, Edenilson, Maria do Carmo, Carla, Anália, Maria Clarice, por suas contribuições apoio e disposição em ajudar.

As pessoas que integram o Núcleo de Políticas e Gestão de Processos Educacionais. Aos professores do Programa de Pós Graduação, em especial a Vera Peroni e Simone Valdete dos Santos pelas suas sugestões para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas e pesquisadores do CAPES/PROEJA, muito obrigada por toda atenção. A Damiana em especial pela sua dedicação.

Ao IFET Sul-Rio-Grandense Campus Charqueadas, em especial à Rita, Carla, Iturriet Bender por me acolherem tão bem e participarem da realização da pesquisa.

À Mary (in memoriam) por sua extrema dedicação e gentileza durante o tempo que realizei a pesquisa, sempre disposta a responder aos meus questionamentos. E aos integrantes da secretaria do PPGEDU.

Aos meus pais Beti e José Luiz que abdicaram de seu tempo de aposentados para poder me auxiliar a concluir meus estudos, sempre me incentivaram e apoiaram muito.

Ao meu esposo Claudio e a minha filha Fernanda, pela minha ausência, pela tolerância, compreensão e apoio para que eu pudesse chegar até o final desta pesquisa.

Aos meus irmãos que acreditaram que eu conseguiria e me incentivaram e aos cunhados, sobrinhos que também apoiaram esta trajetória.

A banca de qualificação que me indicaram caminho a seguir, contribuindo muito para o meu trabalho

Aos meus colegas da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, que respeitaram meu tempo de pesquisa e as minhas ausências na escola, que me incentivaram e me apoiaram até o final, em especial ao Alessandro, Tatiana, Helena, Monica, Rosane.

Á todos que de uma maneira ou outra contribuíram para que eu atingisse o meu objetivo.

À Deus por tornar meu sonho possível!

RESUMO

Este trabalho é produto de uma pesquisa inserida em campo de conhecimento recente, que envolve o ensino médio, a educação profissional e a educação de jovens e adultos. Essa integração nasce a partir de 2006, com o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, no âmbito das Instituições Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET). O estudo foi realizado no IFET Sul-Rio-Grandense campus Charqueadas.

O empenho em realizar essa pesquisa deu-se pela escassez de trabalhos relacionados ao público que está sendo atendido pelo PROEJA, tendo em vista o caráter diferenciado desse programa. Nesse sentido, realizei uma pesquisa qualitativa mediante os seguintes recursos: utilizei roteiro de entrevistas semi-estruturadas, observações e análise da documentação e legislação educacional sobre o tema. O método de pesquisa delimita-se ao Estudo de Caso, tratando-se da questão que tem como objetivo compreender o que faz com que alunos com o curso de ensino médio concluído, ingressem e permaneçam no Curso de PROEJA Campus Charqueadas. Quais foram os fatores que influenciaram neste processo? Para desenvolver os objetivos do trabalho, foram analisadas as trajetórias formativas e profissionais desses estudantes.

Embasando-me nos dados coletados, foi possível compreender que os sujeitos que vieram participar do curso, buscavam uma formação profissional e ao se depararem com o curso oferecido percebem que existe um descompasso entre o que tinham idealizado e o que encontraram. Nesse sentido o PROEJA não estaria atingindo os objetivos da política para o público a qual se destina. Ao concluir, constata-se que apesar de já possuírem o ensino médio os alunos possuem um perfil muito fronteiriço com o dos alunos da EJA, e que esses sujeitos têm projetos após concluírem a sua formação, e muitos desses projetos se dão através da sua formação recebida.

Palavras-chaves: PROEJA; Educação Profissional; Ensino Médio; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This work is the product of a survey included in recent field of knowledge, involving high school, vocational education and education of young people and adults. This integration comes from 2006, with the National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education in the form of Youth and Adults - PROEJA under Federal Institutions of Education, Science and Technology (IFET). The study was conducted in IFE South Rio Grande Campus Charqueadas. The commitment to undertake this study was due to the scarcity of studies related to the public being served by PROEJA, given the distinctive character of this program. In this sense, I perform a qualitative research through the following features: use script for semi-structured interviews, observations and analysis of documentation and education legislation on the subject. The research proposes a method to the case study, with regard to the question that aims to understand what causes students to the course completed high school, enter and remain on course PROEJA Charqueadas Campus. What were the factors that influence this process? To develop the objectives of the study was to evaluate the educational and professional trajectories of these students. Me being based on data collected, it was possible to understand that the subjects who participate in the course, seeking vocational training, and when faced with the course offered realize that there is a mismatch between what they had designed and they have found. Accordingly PROEJA would not be reaching the goals of public policy for which it is intended. When finished, it was noted that although they already had high school students have a profile with the very border of students in adult education, and that these subjects have projects after completing their training, and many of these projects come about through their training received.

Key words: PROEJA, Technical Education, School, Education for Youths and Adults.



Dedicatória

Dedico este trabalho aos sujeitos desta pesquisa, por terem compartilhado comigo as suas trajetórias, os seus sonhos e as suas conquistas.

LISTA DE SIGLAS

EJA : Educação de Jovens e Adultos

PROEJA: Programa de Integração do Ensino Técnico de Nível Médio a Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

CAPES: Centro Aperfeiçoamento Ensino Superior

INEP: Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa

IFET: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia

CEFET: Centro Federal de Educação Tecnológica

SENAC: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PEC: Programa de Educação Continuada

NEJA: Núcleo de Educação de Jovens e Adultos

CNE: Conselho Nacional de Educação

MEC: Ministério da Educação e Cultura

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SETEC: Secretaria da Educação Tecnológica

PROEP: Programa de Expansão da Educação Profissional

BIRD: Banco Interamericano de Desenvolvimento

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FEE: Federação de Estatística e Economia

RMPA: Região Metropolitana de Porto Alegre

SUEPRO: Superintendência da Educação Profissional do Rio Grande do Sul

P.P.P: Projeto Político Pedagógico

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Cursos / Instituição.....	65
Quadro 2: Evolução das Matrículas EJA.....	71
Quadro 3: Evolução das Matrículas Ensino Médio.....	73
Quadro 4: Evolução das Matrículas Educação Profissional:.....	74

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade.....	66
Gráfico 2: Escolaridade.....	66
Gráfico 3: Índice de Trabalho.....	67
Gráfico 4: Índice de Matrículas na EJA.....	72
Gráfico 5: Índice de Matrículas no Ensino Médio.....	73
Gráfico 6: Índice de Matrículas na Educação Profissional.....	74

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	13
1.1 - MINHA TRAJETÓRIA.....	16
1.2- Aproximação, motivações e interesse acerca do tema a ser desenvolvido.....	19
1.3- Construindo o problema de pesquisa.....	21
1.4- Objetivos.....	28
1.5- Objetivo Geral.....	28
1.6- Objetivos específicos.....	29
2PERCURSO METODOLÓGICO.....	30
2.1- Os instrumentos de coleta de dados.....	31
2.1.1- Questionários.....	31
2.1.2- A Definição dos Participantes.....	31
2.1.3- Procedimentos utilizados para a Identificação dos participantes.....	33
2.1.4- Entrevistas.....	34
2.1.5- Análise Documental.....	35
3- O FIO CONDUTOR: ENTRE O FAZER DIÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO.....	36
3.1- Escola Técnica: Um Espaço para Educar o Homem.....	37
3.2- O direito à Educação Profissional.....	41
3.3- O Mundo Trabalho.....	44
4 AS MUDANÇAS NAS POLÍTICAS DA LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL.....	50
4.1- O histórico da (des) integração.....	50
4.2 Por uma Política de Integração.....	56
4.3 PROEJA – Tempos Legais Tempos de Constituição.....	60
5- ANÁLISE DOS DADOS:.....	69
5.1O CENÁRIO DA PESQUISA.....	69
5.2 - Estabelecimentos de ensino do município.....	71
5.3- Evolução das matrículas.....	71
5.3.1- Matrículas de EJA.....	71
5.3.2- Matrículas no Ensino Médio.....	72
5.3.3- Matrículas no Ensino Técnico.....	73
5.4- Os Sujeitos da Pesquisa.....	75
5.5 - A Escola Estudada.....	77
5.6 Da Escola Planejada à Escola Real.....	80
5.7 O desafio do PROEJA.....	85
6-A	FORMAÇÃO
PROFISSIONAL.....	101
6.1 Relação com o Trabalho.....	102
6.2 Relação com a Escola.....	108
6.2.1 A relação entre escola-trabalho aproximação/afastamento	110
6.2.2A relação entre a escola e a família aproximações / afastamento.....	111

6.2.3 A relação entre sucesso e o fracasso escolar.....	112
6.2.4 As opções formativas.....	113
6.2.5 O regresso à escola.....	115
6.3 ESCOLHA DO CURSO	116
6.3.1 Projetos Futuros - Antes de ingressar no curso.....	118
6.3.2 Projetos Futuros – Em que o curso mudou sua perspectiva de futuro	120
6.4 SIGNIFICADO DO CURSO	122
7 Encaminhando as Considerações Finais.....	131
CONCLUSÃO.....	132
REFERENCIAS	136
ANEXOS.....	141
Anexo I – Roteiro de Entrevista.....	141
Anexo II – Questionário.....	142
Anexo III – Termo de Consentimento Informado para Instituição	144
Anexo IV - Termo de Consentimento Informado Alunos	145

1 - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida em um campo relacionado à educação profissional articulada à educação de jovens e adultos – EJA. Refere-se ao *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos – PROEJA*.

Esta dissertação tem como objetivo realizar a análise dessa política ao verificar se essa ação do governo está atingindo realmente às pessoas as quais ela se destina. Segundo os documentos que dão respaldo à política, o público que vem participar dos cursos de PROEJA é constituído por trabalhadores com trajetórias escolares interrompidas, que buscam a formação profissional como alternativa para sua permanência ou re-inserção no mercado de trabalho. Enfim, para as pessoas que de uma forma ou de outra não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos no seu tempo e estão excluídas do processo de educação e ou da formação profissional. Quando esses sujeitos decidem retomar seu processo de formação, seja por intermédio da EJA ou da escola de ensino regular, entendo, que é dever da escola resgatar e promover a integração dessas pessoas contribuindo para a sua formação como cidadãos, o que inclui sua profissionalização

É, portanto, fundamental que uma política estável voltada para a EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização no sentido de contribuir para a integração sociolaboral desse grande contingente de cidadãos cerceados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade(BRASIL,2007 p.11).

Esse excerto extraído do Documento Base ilustra a relevância dada pelos formuladores dessa política ao atendimento da população alvo do programa, política que tem por objetivo qualificar e proporcionar a elevação de escolaridade para aqueles que não sistematizaram seus conhecimentos ao longo de sua vida, sendo meu interesse neste estudo a articulação da educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio, na modalidade EJA, visto que se trata de uma política nova, a qual está sendo implantada no país.

Neste estudo, apresento uma questão que é relevante à discussão da política do PROEJA; tomei conhecimento de uma situação peculiar junto à primeira turma do

PROEJA do IFET¹ Sul-Rio-Grandense Campus de Charqueadas: *os alunos possuíam ensino médio*, assim trago essa questão para refletir junto aos pesquisadores dessa política e aos sujeitos dessa turma do PROEJA.

Dessa maneira, a questão que norteia a presente pesquisa, a fim de contribuir com a análise da política, é: *como se deu o processo seletivo que culminou no ingresso e permanência de alunos com o ensino médio completo em um curso de PROEJA?*

Orientada por essa pergunta, tenho como objetivo geral deste estudo, analisar o significado da formação profissional para esses alunos, tendo como eixo norteador a proposta concebida para o PROEJA e as necessidades, as expectativas e as trajetórias formativas e profissionais dos sujeitos envolvidos nesse Programa.

Mais do que tudo, procuro juntar as peças de um quebra-cabeça para contar como se deu o processo de ingresso e permanência desses estudantes do PROEJA de Charqueadas, desse público com o ensino médio completo, quando a política se destina a realizar essa formação.

Para tanto, meu estudo busca relacionar alguns eixos dentro da temática – formação profissional e elevação de escolaridade - através de algumas questões como:

- 1) Identificar, junto aos estudantes, as suas trajetórias formativas e profissionais;
- 2) Quais os fatores que levaram os alunos a ingressar e permanecer na escola?
- 3) Quais os fatores que levaram a escola a acolher esses alunos? Como esperavam recebê-los e como os acolheram?
- 4) Qual o significado do curso para esses alunos?

Estruturei, assim, a minha pesquisa: primeiramente, descreverei um pouco de minha trajetória formativa e profissional, pois, no momento em que precisei mudar meu rumo, encontrei uma outra motivação para dar sequência a minha trajetória, que foi a de pesquisar a Educação de Jovens e Adultos integrada ao ensino técnico, assim descrevo os meus interesses e reflexões a respeito da temática estudada, as minhas questões e como construí o objeto de pesquisa.

¹ Antes era Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET. O Decreto nº6095/ 07 – Alterou a denominação para IFET (Instituto Federal de Educação Tecnológica Superior)– Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica.

No segundo capítulo, apresento o percurso metodológico da pesquisa, o qual tem como intenção evidenciar um estudo do tipo qualitativo, que tem como objetivo primordial realizar uma pesquisa empírica utilizando instrumentos e estratégias de análise que estão contidos na abordagem qualitativa, que dentre os tipos pesquisa, o que melhor se relacionou com a minha intenção de pesquisa foi o estudo de caso.

O referencial teórico do qual vou me valho está situado num vasto campo denominado Educação e Trabalho, do qual utilizo os conceitos que julgo pertinentes para conduzir a análise a respeito dos alunos do PROEJA. São questões que fazem parte do meu dia-a-dia, a formação do trabalhador que se dá na escola técnica, o direito à educação. E esses serão desenvolvidos no terceiro capítulo.

No quarto capítulo, trago as alterações ocorridas na legislação da educação profissional – a busca incessante por uma qualificação. Contextualizo a política do PROEJA e a sua implantação no estado.

O quinto capítulo é onde realizo a análise dos dados apresentando os protagonistas desta pesquisa - os estudantes do curso, as características econômicas, educacionais, demográficas do município onde o IFET Sul-Rio-Grandense Campus Charqueadas está inserido, bem como trouxe alguns dados sobre a sua instalação a partir da sua implantação até o ingresso dos sujeitos.

O sexto capítulo busca evidenciar através das impressões dos sujeitos acerca do curso em que está matriculado, salientando elementos essenciais que contribuíram para a sua formação, desses poderia relacionar as suas trajetórias formativas e profissionais, a sua relação com a escola e o trabalho e a vivência dos educandos em diferentes momentos do Curso.

Para realizar o fechamento do meu trabalho, nesta última parte, trago as minhas impressões e conclusões. A partir da análise do conjunto de dados obtidos junto aos alunos da turma, assim como, dos referenciais teóricos que me auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa, foi possível identificar alguns resultados que espero que venham a contribuir para a continuidade dos estudos a respeito desse tema.

1.1 - **MINHA TRAJETÓRIA** **A minha caminhada formativa e profissional**

Elaborar um memorial descritivo é reconstituir a própria existência. Essa não é uma tarefa fácil, o memorial é “uma descrição com muitos pormenores de uma realidade vivida”. O conteúdo de um memorial diz respeito às emoções, crenças, valores, ansiedades medos, contradições, prazeres, desprazeres do indivíduo. Enfim, é o registro escrito de situações vivenciadas, das relações intra e interpessoais. Portanto, para elaborar o presente memorial levei em conta as condições, situações e contingências que envolveram o desenvolvimento exposto. Procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerências e incoerências e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha vida profissional. Além de considerar este memorial auto-avaliativo, acredito que ele acaba se tornando um instrumento confessional de meus sonhos.(KLINSKI , 2006)

Esse excerto foi extraído da elaboração do meu memorial descritivo, que tinha por finalidade servir de instrumento de avaliação da disciplina In(ter)venções Pedagógicas do curso de especialização em PROEJA realizado em 2006. Para este momento, precisei buscar as minhas motivações que me conduziram até aqui. Agora me encontro novamente frente a elas. Pretendo retomar a minha trajetória, procurando justificar as minhas escolhas.

Posso afirmar que o ambiente educativo sempre esteve muito presente em minha vida, pois sou filha de uma professora, mas só fui me reencontrar com esse caminho após alguns anos - pois durante minha juventude, na época em que cursei o segundo grau, não queria mais ser professora - digo isso pois, quando era pequena, ia para a escola com a minha mãe e, no meu imaginário infantil, idealizava a situação de ser professora.

Prestei vestibular para Pedagogia e logrei aprovação quase vinte anos após a minha formatura e após ter realizado um curso na área empresarial em nível de pós-graduação e já estar atuando na educação profissional há mais de dez anos. Senti a

necessidade de retomar aos meus estudos, mas uma questão me intrigava: como? Qual caminho teria que tomar? Foi assim que cheguei na UFRGS no Programa de Pós Graduação em Educação. O meu primeiro contato com o programa foi através de uma disciplina como aluna PEC - com a professora Naira Franzoi. Fiquei muito entusiasmada e orgulhosa quando fui selecionada na disciplina Profissionalização e Transição entre Profissão e Mercado de Trabalho.

Durante a realização dessas disciplinas, foi preciso retomar o hábito de realizar leituras para compartilhar com todos. Neste dia da semana, em que ia para a UFRGS, era muito especial, a turma muito dinâmica, tinha experiências profissionais bem diferentes, agregando muito na minha caminhada. Para realizar o trabalho de avaliação final, busquei relacionar elementos da minha prática profissional e autores, dos quais eu havia me aproximado, que realizam uma leitura a respeito da inserção profissional de jovens e adultos no mercado de trabalho, e as causas de sua exclusão.

Na sequência dos meus estudos como aluna PEC, precisava reconsiderar e materializar algumas hipóteses que estavam se solidificando na área da educação profissional, então cursei mais duas disciplinas nessa modalidade – o fato de ter cursado como aluna PEC me aproximou da linha de pesquisa : Políticas e Gestão de Processos Educacionais. Assim, fui aproximando cada vez mais minha prática profissional com o mundo acadêmico.

Nessa trajetória como aluna PEC, ocorreram muitos espaços de debate. E esses contribuíram muito para demarcar as minhas intenções de pesquisa.

Fui construindo o meu objeto de estudo com intervenções e contribuições de muitas pessoas significativas para mim, e neste momento eu me encontrava profissionalmente fora de minha área de atuação que é a Educação Profissional. Assim, cheguei ao curso de Especialização em PROEJA. Após ingressar nesse curso de especialização, realizei seleção para o mestrado na linha de pesquisa Políticas e Gestão de Processos Educacionais.

Procurei até aqui realizar um mapeamento de minha trajetória formativa – a partir de agora, descrevo alguns fatos que marcaram a minha trajetória profissional até onde as duas se re-encontram.

Minha trajetória profissional sempre foi dedicada à educação, estou afirmando isso, pois até ingressar, em 1994, no quadro estável de professores da Secretaria de Educação atuei em escolas do nível infantil até o ensino médio e o profissional.

Durante a minha atuação como pedagoga, em uma Escola Estadual de Educação Profissional de Porto Alegre - o Centro Tecnológico Estadual de Educação Profissional Parobé - onde trabalhei por mais de doze anos, aprendi com os meus colegas, professores e alunos o valor de estar ali e de pertencer a um estabelecimento tão conceituado, de renome inclusive internacional.

O fato de tratar-se de uma escola centenária de educação profissional, muito respeitada por outras instituições, inclusive particulares, ajudou para que eu fosse convidada a trabalhar na iniciativa privada. Foi então que tive a oportunidade de desenvolver minhas atividades profissionais no SENAC, e lá constatei que as rotinas daquele trabalho eram muito diferentes da rotina do trabalho escolar. O trabalho na escola particular voltada para a empresa envolve tempo de execução, o trabalho na escola envolve tempo de reflexão e execução. O processo de trabalho na escola, primeiramente, envolve o ser humano, e, ao envolver pessoas, uma decisão ou uma palavra errada ou mal dita muda o rumo de muitas vidas. Na escola particular com foco empresarial, precisamos definir qual é o melhor curso para aquela região.

Nessa trajetória, por um curto espaço de tempo, também tive a oportunidade de vivenciar uma experiência com a educação de jovens e adultos em nível fundamental. Essa modalidade de ensino sempre aguçou a minha curiosidade, e essa experiência, embora curta, foi muito significativa, pois, assim como na educação profissional, muitos desses alunos eram adultos trabalhadores que precisavam retomar seus estudos ou certificar a sua prática profissional para que pudessem permanecer no concorrido mercado de trabalho.

Em nossa trajetória, enfrentamos muitas mudanças, precisando, muitas vezes, alterar os nossos rumos e adiar os nossos planos. Tomei novos rumos, que não expressavam a minha vontade. Mudar não é fácil, e eu, naquele momento, não sabia o que fazer com os meus sonhos e os meus projetos. Só tinha dentro de minha bagagem minha história de vida, sendo a experiência da Escola Técnica Parobé a mais significativa.

Encontrei uma explicação quando, trilhando por alguns caminhos até então desconhecidos, cheguei ao Curso de Especialização em PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos. Logo que o curso iniciou, saí da escola onde trabalhava

com as turmas de EJA e fui designada para outra escola retomando a minha trajetória na educação profissional.

1.2 - Aproximação, motivações e interesse acerca do tema a ser desenvolvido

Um novo desafio colocou-se em minha trajetória para que eu me dispusesse a investigar a educação de jovens e adultos e a educação profissional.

Como Trabalho de Conclusão do Curso realizei um estudo sobre os limites e possibilidades de implantação de turmas de PROEJA na escola técnica estadual onde trabalho atualmente.

Pretendia, com esse trabalho, averiguar se existia a aceitação da proposta por parte dos professores e gestores da escola. Os entrevistados foram seis professores (três do ensino médio e três da educação profissional) e dois gestores (a direção da escola e o superintendente da Superintendência da Educação Profissional do Rio Grande do Sul - SUEPRO). Constatei, através de seus depoimentos, um preconceito² muito grande em relação a essa população de jovens e adultos por parte de alguns desses profissionais, pois, sem conhecê-los, expressavam opiniões tais como: “são uns preguiçosos”. Segundo Paul Lafargue³, a luta pelo “direito à preguiça” é a luta verdadeiramente libertária, por meio da qual se construiria uma sociedade mais justa, regida pelo aproveitamento do tempo livre e não pela lógica de um esforço irracional e desumano. “São atrasados: passam anos sem estudar e depois voltam, e a gente precisa explicar duas ou mais vezes.” Ouvi dizer que “vêm de presídio”. Isso seria um empecilho para esse atendimento, cuja principal condição seria o acolhimento. Todos os entrevistados veem os alunos da EJA como público distante da sua realidade e expressam, mesmo sem conhecerem o trabalho que é realizado na educação de jovens e adultos, não estarem preparados para receber “esse tipo de aluno” na escola técnica. Segundo as suas falas, esse “tipo de aluno” tem um rendimento inferior, precisa de dedicação maior do professor, “vai tomar o tempo dos outros alunos, que estão mais preparados”.

² Na qualificação do projeto de Dissertação A prof^a. Simone V.dos Santos contribuiu para reflexão dessa questão – escrevendo em seu parecer: “fiquei me questionando sobre o papel dos cursos de licenciatura no reforço ou ruptura deste preconceito, da mesma forma como esta preparação para o trabalho é vista hoje com uma especificidade tal que “um tipo de aluno” não acompanha os demais, não acompanha a complexidade do conhecimento em relação ao processo de trabalho, que processo de trabalho é este, para quantos consumidores é este complexo processo de trabalho.”

³Paul Lafargue “O Direito a preguiça” (1999) – para maior aprofundamento.

Ao realizar a análise dos dados levantados, concluí que a rede pública estadual ainda não estava preparada para realizar o PROEJA naquele momento. Isso poderia acontecer no futuro⁴, desde que existisse empenho por parte dos integrantes de Secretarias Estaduais e um convênio com o Governo Federal para a liberação de recursos com a finalidade de formação do corpo docente e do dirigente da educação profissional.

Foi durante a realização desse trabalho, que começaram a surgir as dúvidas, pois precisava definir que rumo eu daria a minha dissertação, que estava em curso, e eu precisava ter identificação com o tema. Estava buscando não só essa identificação, mas também que ele agregasse valor a minha vida pessoal e profissional. Ao escolher o objeto de estudo, busquei o desafio de pesquisar o que está em meu cotidiano: a educação de jovens e adultos trabalhadores, no ensino técnico. Mas, na escola técnica onde eu trabalho, não teria essa possibilidade, uma vez que não havia sido implantado o PROEJA.

Até então, eu não havia pensado em trabalhar com a união dessas duas modalidades de ensino, e a idéia desse encontro deu-se a partir do contato com o curso de especialização. Isso me causou, logo no início, muita estranheza, fazendo-me imaginar como seria uma turma de jovens adultos trabalhadores articulando experiências entre o ensino médio na modalidade da EJA e o técnico, pois os alunos de EJA provêm de trajetórias escolares rompidas e os da educação técnica procuram especializar-se. Entretanto, as trajetórias desses alunos têm características semelhantes, pois quase todos vêm do mundo do trabalho. Pela minha experiência, só conseguia olhar para as duas modalidades de ensino separadas, pois durante os treze anos em que trabalhei na Escola Técnica Estadual Parobé, na coordenação pedagógica, escutei dos professores, muitas vezes, qual seria o perfil de um aluno para frequentar um curso técnico. Pensei no que eles já haviam expressado, em como teriam que mudar seu fazer e as suas concepções de educação para poderem trabalhar com essas turmas de PROEJA.

De acordo com Nóvoa (1994), o educador de adultos deverá reconhecer, nos sujeitos com os quais atua, a sua condição de cidadãos e não simplesmente os ver, como

⁴ Em 2008 foi realizado um convênio entre a SETEC/MEC e a SEC/SUEPRO – através do Programa Brasil Profissionalizado - **Programa Brasil Profissionalizado criado em 2007**. O objetivo deste foi para incentivar a expansão de matrículas no ensino médio integrado educação profissional e tecnológica nas redes públicas estaduais. Os recursos destinados ao programa são para manutenção e ampliação das escolas técnicas, incluindo a formação de professores. Aqui no estado cerca de 40 escolas técnicas estaduais serão incluídas no Programa no ano de 2009.

ocorre com alguns professores, como indivíduos “preguiçosos”, “rebeldes”, que não souberam responder aos “estímulos coletivos” e tornaram-se atrasados em sua escolarização, ou ainda, que não estudaram porque não quiseram, pois, conforme o autor, o educando “é um produto normal da sociedade em que vive”, uma vez que a sua condição atual é “relativa”, é um “índice social”, “revela apenas as condições exteriores da existência humana e os efeitos dessas circunstâncias sobre o ser do homem”(p.83).

Isso vai requerer dos educadores, tanto da EJA quanto da educação profissional, uma postura diferenciada na metodologia, na escuta – essencial para que se possa conhecer os saberes trazidos pelos alunos trabalhadores e para a articulação desses saberes com os conteúdos escolares a serem trabalhados na escola. A formação do educador para atuar com o ensino da EJA integrado à educação profissional será um grande desafio.

Conforme afirma Paulo Freire (1998), a educação decorre do fato das pessoas serem incompletas e estarem em relação com o mundo e em relação com as outras pessoas. Havia, portanto, uma grande motivação em participar do curso de especialização. Com todas essas reflexões de minha parte, eu precisava entender como seria realizada essa junção, e minha natureza incompleta impulsionou-me a esse curso, pois, assim, estaria interagindo, relacionando-me com os outros e com o mundo, conhecendo diferentes realidades para construir uma nova perspectiva de trabalho para o ensino técnico.

1.3 – Construindo o problema de pesquisa

Para Trivinõs (1987), quando o pesquisador formula seu problema de estudo, também clarifica as suas concepções teóricas:

A delimitação do problema significa um encaminhamento (...) Mas será na formulação do problema que a concepção teórica do estudioso ficará mais claramente estabelecida. E não só ela, mas também os objetivos, as hipóteses e/ou questões de pesquisa e, fundamentalmente, os métodos e técnicas que se empregarão na análise e interpretação das informações reunidas (p. 96).

Neste momento, preciso definir e selecionar os problemas, e, conforme Becker,

Nesse estágio o observador procura por problemas e conceitos que ofereçam a perspectiva de produzir a maior compreensão da organização que ele está estudando, e por itens que possam servir como indicadores úteis de fatos que sejam mais difíceis de observar. (...) A seleção de indicadores para variáveis mais abstratas se dá de duas maneiras: o pesquisador adquire consciência de algum fenômeno, e depois percebe que ele pode ser utilizado como indicador, de alguma classe mais ampla de fenômeno, ou pode ter um problema mais amplo, e busca indicadores específicos para utilizar no seu estudo (p.50 e 51).

Início esta nova etapa do meu percurso com o sentimento de estar no caminho certo - as reflexões e interações que vivenciei me indicam que o rumo que tomei é o mais indicado para este momento.

Sempre quando nos propomos a realizar uma pesquisa, pretendemos que esta seja de utilidade aos usuários dela e aos demais, espero assim poder contribuir com as conexões que estabeleci. Visto que esse campo, muito se aproxima das minhas ações ou do meu fazer pedagógico que é a educação profissional, assim ao buscar o melhor entendimento dos motivos que levam as pessoas a buscarem cada vez mais cursos de qualificação, reporto-me aos referenciais teóricos que discorrem acerca dessa temática. E utilizo o conceito em Antunes para definir a classe-que-vive-do-trabalho – entendo com o autor que :

Compreender, portanto, a classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora hoje, de modo ampliado, implica entender este conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e desprovidos dos meios de produção. Como todo trabalho produtivo é assalariado, mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo, uma noção contemporânea de classe trabalhadora deve incorporar a totalidade dos(as) trabalhadores(as) assalariados(as). (ALVES e ANTUNES, 2004 p.338)

Portanto são pessoas que não detém os meios de produção, eles produzem para que outros possam continuar detentores dos meios produtivos. São pessoas que vivem para o trabalho e do trabalho. Hoje, se tornou comum em nossa sociedade o que se poderia chamar de *chavão* quando dizem: as pessoas estão excluídas do mercado de trabalho em decorrência de sua falta de qualificação, existem sim vagas o que não existem são pessoas qualificadas para assumi-las. Esse fato, aliado ao das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, vem impondo aos trabalhadores a necessidade da qualificação profissional como uma saída para o desemprego.

Algumas dessas transformações foram causadas por fatores como fechamento de empresas de grande porte que produziam pouco e tinham um número significativo de funcionários que estão sendo substituídas por empresas de pequeno porte com maior tecnologia e um número menor de funcionários. À medida que avança a automação, tende a diminuir o número de postos de trabalho. Assim, para que o trabalhador possa se inserir ou permanecer na folha de pagamento da empresa, ele deverá ser capaz de produzir em vários setores dessa, bem como apresentar uma flexibilidade para poder se adaptar as constantes mudanças. Há uma tendência muito significativa de terceirização de serviços e de pessoas, o custo é menor. E uma disseminação de vendedores de “serviços”, são pessoas que se encontram em situação de exclusão e buscam, na informalidade, a sua sobrevivência. Com isso aumenta o individualismo, a concorrência, ter um trabalho já caracteriza um status em uma sociedade de desempregados.

Assim, compreendo a qualificação profissional não como uma discussão ou um novo interesse, pode-se dizer que, desde o momento em que se instaurou a divisão social do trabalho e, com essa, gradativamente, a divisão técnica do trabalho⁵, passaram a ser feitas, a princípio de forma genérica e depois de maneira cada vez mais específica, exigências sociais e técnicas aos indivíduos a quem cabe realizar trabalhos de acordo com tais divisões.

No campo deste estudo, o trabalho e a educação trilham lado a lado, a educação escolar, em sentido amplo, se dedica ao desenvolvimento integral do indivíduo, como

⁵ Para Marx, é uma divisão concreta que irá servir de ponte para chegarmos às relações sociais produtivas, que envolve, além das diferenças técnicas do trabalho, outra mediação: as próprias relações sociais. Essas se realizam através da apropriação do trabalho alheio, da propriedade privada dos meios de produção, relações expressam a exploração dos trabalhadores pelos capitalistas. A divisão do trabalho também apresenta as relações sociais entre os próprios capitalistas que dominam e necessitam trocar suas mercadorias, realizar o movimento de comprar e vender.

pessoa e como cidadão, contribui para a formação profissional, ao propiciar-lhe o acesso aos conhecimentos disciplinares, porque a formação geral abarca parte da formação e há a compreensão do contexto em que o exercício da atividade profissional se realiza ou se realizará. Sendo assim, a educação técnica faz parte da educação geral em um sentido estrito, e tem um sentido amplo quando completa a educação geral.

É histórico como se processa a formação social e cultural da humanidade em conformidade com o processo produtivo e se insere na luta capital e trabalho. Assim, para considerar formas, processos e perspectivas que a formação humana constrói na sociedade capitalista, será preciso analisar as diferentes formas em que o ser humano age – enquanto coletivo - e se modifica ao se constituir em parte desse trabalho.

Kuenzer (2008), ao tratar do caráter flexível da força de trabalho em relação à qualificação, diz: *o que determina a inclusão na cadeia, portanto, não é a presença ou a ausência de qualificação, mas as demandas do processo produtivo que combinam diferentes necessidades de ocupação da força de trabalho, a partir da tarefa necessária à realização da mercadoria.*

Quanto à qualificação humana, Frigotto afirma que:

diz respeito ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores em uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano. (2003, p.31-32)

Para empreendermos no processo de entendimento da formação humana, será preciso a compreensão de que estamos tratando de algo mais complexo, que não poderá se restringir somente para satisfação de necessidades básicas do homem. Esse processo ultrapassa a dimensão do agir, e com isso visa promover possibilidades para que o homem se desenvolva, se aproprie do seu ser de todas as formas, explorando todos os seus sentidos e suas potencialidades para que possa se satisfazer e se realizar.

Assim, quando se formaliza esse processo, o mesmo desencadeia a articulação com a educação básica, formação profissional, qualificação profissional. Da mesma forma, instituições são criadas com o objetivo de realizar essas ações específicas que atuam na formação humana.

Foram organizados Movimentos por trabalhadores e pesquisadores preocupados com a situação de fragilidade em que se apresentava a educação técnica e a formação geral. Ramos (2005) afirma que, durante o período de transição para o novo governo, ocorreram debates entre representantes de movimentos populares, sindical, universidades e representantes de administrações públicas ocorrido em Santo André com o objetivo de realizar avaliação conjunta de ações desenvolvidas e/ou em desenvolvimento no campo da formação profissional e a sua relação com a educação escolar para dessa maneira gerar subsídios às políticas públicas do novo governo. (Ramos, p.38).

Alguns pressupostos desse grupo a fim de orientar a construção de políticas públicas no campo da formação profissional dirigida a jovens e adultos trabalhadores:

- As políticas públicas devem garantir a formação profissional a todos os trabalhadores brasileiros homens e mulheres, jovens e adultos;
- Devem ser formuladas e implementadas políticas públicas de formação profissional especialmente destinada a trabalhadores, homens e mulheres, jovens e adultos, com baixa renda, baixo nível de escolaridade e qualificação profissional;
- As políticas públicas devem garantir o direito à educação básica, pública, gratuita e de qualidade a todos os cidadãos brasileiros, inclusive àqueles que não tiveram acesso à escolaridade na idade própria;
- A formação profissional, garantida aos trabalhadores como um direito, será sempre complementar e nunca substitutiva da educação básica; (A qualificação profissional como política pública”. IIEP, Santo André/SP, 2002)

Segundo Fischer e Franzoi (2009), acerca do oferecimento de políticas que visem à integração entre a educação profissional e a EJA:

Outro ponto importante dos debates era a integração entre educação profissional e Educação de Jovens e Adultos, eixo de muitas experiências surgidas na década de 1990, no âmbito dos movimentos sociais. Tais experiências, contraditoriamente, ganharam impulso a partir de sua proposição e execução no âmbito do Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR), do Ministério do Trabalho e Emprego. Uma das primeiras ações da diretoria de Ensino Médio da então SEMTEC/MEC foi desenvolver, em 2003, um estudo sobre essas experiências, com a participação de pesquisadores de universidades envolvidos com o tema. (FISCHER e FRANZOI, p.7, 2009)

De acordo com Ireland (2009), é importante reconhecer que a maioria dos estudantes que procuram concluir a Educação formal também carece de qualificação profissional e, por isso, deve-se articular a formação deles com a Educação continuada. Entre as iniciativas do governo para tentar dar conta dos anseios de uma população há tanto tempo desatendida, nesse segmento, que representa um grande avanço na área, está o PROEJA. O objetivo dessa política é dar qualificação e elevação de escolaridade.

O que se aspira é uma formação que permita a mudança de perspectiva de vida por parte do aluno; a compreensão das relações que se estabelecem no mundo do qual ele faz parte; a ampliação de sua leitura de mundo e a participação efetiva nos processos sociais. Enfim, uma formação plena. Para tanto, o caminho escolhido é o da formação profissional aliada à escolarização, tendo como princípio norteador a formação integral.(BRASIL, 2007 p.7)

O PROEJA foi normatizado através da promulgação do Decreto-Lei 5840/06, que trata sobre esse Programa. É um marco para a educação profissional e, para os jovens e adultos, uma possibilidade de concretizar os estudos em nível médio e fundamental, integrados à educação profissional. Até a criação desse programa, a proposta de elevar a escolaridade de milhares de pessoas adultas e oferecer ao mesmo tempo uma formação profissional ainda era restrita a poucas instituições não-

governamentais. Com o decreto, o governo expressa a sua vontade de estender essa oferta às instituições federais de educação tecnológica.⁶

Para a execução de um programa de Educação de Jovens e Adultos, nesse nível de ensino, é necessário formular uma proposta político-pedagógica específica, clara e bem definida, para que ele possa atender às reais necessidades dos sujeitos envolvidos e oferecer respostas condizentes com a natureza da educação que esses sujeitos buscam, dialogando com as concepções que já trazem do campo de atuação profissional, sobre o mundo do trabalho, sobre a vida.

E, por ser um campo peculiar de conhecimento, demanda a correspondente formação de professores para agir nessa esfera. Isso não significa que um professor que atue na educação básica ou profissional não possa trabalhar com a modalidade EJA. Todos os professores podem e devem, mas, para isso, precisam mergulhar no universo de questões que compõem a realidade desse público, averiguando seus modos de aprender, para que possam compreender e favorecer essas lógicas de aprendizagem no ambiente escolar. Para essa finalidade, é fundamental que, antes da implantação dessa política, haja uma formação docente continuada, por serem os professores também sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, em processo de aprender por toda a vida.

Moura (2006) salienta que a formação de professores deverá ser planejada com uma perspectiva sensível, no sentido de que tanto o professor como o aluno sejam protagonistas de sua formação. Com o intuito de proporcionar essa formação, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC, como gestora nacional do PROEJA e responsável pelo estabelecimento de programas especiais para a formação de formadores, implantou o que chamou de “pólos de especialização em diferentes estados do país. No Rio Grande do Sul, foi organizado em pólos que ficaram a cargo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e dos IFE- RS – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia RS - Campus Bento Gonçalves e IFE Sul-Rio-Grandense, no ano de 2006.

..

A minha formação no curso de especialização embasou-me para ver as turmas de PROEJA com essas especificidades, pessoas que virão buscar qualificação profissional

⁶ O decreto trata também da extensão do Programa ao nível fundamental, indígena e às redes públicas estaduais e municipais, mas esse não é o foco do meu trabalho. A implantação do Programa na rede pública estadual foi foco da análise em meu Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização.

e elevação de escolaridade para aqueles que têm escolaridade baixa. Só que me deparei com uma situação incomum para mim, que ocorreu em um de nossos encontros com o grupo de orientandos. Uma das colegas, supervisora do IFE Sul-Rio-Grandense⁷, campus Charqueadas, relatou a implantação do PROEJA ali. Uma das particularidades é que essa escola iniciou as suas atividades com uma turma de PROEJA. O que chamou a minha atenção e conduziu-me até a turma do curso técnico em Informática, foi o fato de que ingressaram no curso tendo já o ensino médio concluído.

Sendo assim, encontrei com o meu problema de pesquisa ao me deparar com tal situação, e questionei se os objetivos da política do PROEJA estavam contemplados ao se formar essa turma. Portanto, refletir sobre os sujeitos que são objetos deste estudo significa mergulhar em tal empreitada, buscar a compreensão da história de uma categoria de cidadãos, de histórias de vida, de relações, de sentidos, saberes.

A fim de procurar todas as contribuições no campo da pesquisa que possam, ao decorrer dessa investigação, favorecer a explicação de elementos e o apontamento de novos caminhos para alcançar os objetivos. Penso que, para a investigação a que me proponho, considerando os limites da minha pesquisa, o caminho mais adequado seria uma abordagem qualitativa de pesquisa, do tipo estudo de caso.

1.4 - Objetivos

1.5 - Objetivo Geral

Assim, pelo exposto, proponho *compreender o que fez alunos com o ensino médio concluído ingressarem e permanecerem no curso de PROEJA em Charqueadas?*

- **Quais os fatores que influenciaram esse processo?**
 - **do ponto de vista da escola**
 - **do ponto de vista dos alunos**

⁷ Unidade de Ensino de Charqueadas, do CEFET de Pelotas

1.6 - Objetivos específicos

Este estudo tem a finalidade de responder algumas questões específicas referentes à temática:

- ✓ Identificar, junto aos estudantes, as suas trajetórias formativas e profissionais;
- ✓ Verificar quais os fatores que levaram os alunos a ingressarem e permanecerem na escola;
- ✓ Quais os fatores que levaram a escola a acolher esses alunos? Como esperavam recebê-los e como os acolheram?
- ✓ Qual o significado do curso para esses alunos?

2. PERCURSO METODOLÓGICO

“Há descontinuidades vigorosas entre o mundo do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele possa ter a experiência da estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural.” (VELHO, G. 1978 in NUNES, E.).

Ainda utilizando-me do autor, para definir o caminho que tenho a percorrer, utilizo esta frase – “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto conhecido”.

Encontro-me, neste momento, fazendo escolhas entre abordagens e caminhos muitos a escolher (MARQUES, 2001). Propus, neste momento, realizar uma pesquisa empírica com elementos, instrumentos e estratégias que estão contidos em uma abordagem qualitativa. Dentre os tipos pesquisa, o que melhor se relacionou com a minha intenção de pesquisa foi o estudo de caso.

Para Lüdke e André (1986, p. 23), o estudo de caso é um tipo de investigação qualitativa que vem ganhando muita aceitação e credibilidade na área da educação, mais precisamente para investigar questões relacionadas com a escola. Estuda-se um caso “para conhecer e compreender melhor os problemas da escola”. Retratar o seu cotidiano, em toda sua riqueza, traduz-se em um elemento valioso para uma melhor compreensão do papel da escola e de suas relações com outras instituições e com a sociedade.

Conforme os autores, o estudo de caso é utilizado quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, portanto esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, pois pretendi buscar a construção de um novo sentido para os estudantes ao desvelar qual o significado para os estudantes dessa escola, ao realizar o curso de PROEJA, visto já possuírem o ensino médio.

Me propus a trabalhar com um estudo de caso, compreendendo que esse poderá ser similar a outros, mas ao mesmo tempo mantém particularidades, pois tem interesse próprio, singular aos demais. E terá um valor em si mesmo.

2.1. - Os instrumentos de coleta de dados

Utilizo instrumentos e estratégias de análise que estão contidos na abordagem qualitativa, apoiando-me em algumas características básicas que configuram a pesquisa qualitativa em educação, que Lüdke e André (1986) resgatam em Bogdan e Biklen (1982): a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é maior do que com o produto; o significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial ao pesquisador (p.11/12).

2.1.1 - Questionários

O uso de um questionário fechado não estava nas minhas intenções, mas, logo ao iniciar a pesquisa, senti necessidade de levantar alguns dados gerais dos alunos. Para posterior análise, procurei identificar alguns dados como moradia, rendimento, e se estavam empregados ou não, assim como, verificar a sua situação funcional, se empregado estatal, autônomo, privado. (ver anexo).

Procurei elaborar um questionário simples, pois esse não era o objetivo principal do meu trabalho, o questionário foi aplicado em sala de aula da turma e envolvi todos os alunos, totalizando 20 vinte questionários respondidos.

2.1.2 – A Definição dos Participantes

Os sujeitos protagonistas desta pesquisa foram selecionados, pois estava tentando reconhecer, dentre eles, aqueles que melhor se identificaram com o objeto do meu estudo, os interlocutores deste estudo, que ao trazerem as suas falas dariam a matéria-prima para a investigação. Pretendi assim, não adentrar nesta densa e cara discussão na definição de quem são os sujeitos da vida adulta e de quem é ou são os sujeitos jovens.

Minha preocupação inicial foi esclarecer, junto aos estudantes da turma, quais eram as minhas intenções para realizar a pesquisa, por que estava lá e se gostariam de participar.⁸

A seguir, agendei a realização das entrevistas com alguns educandos para os próximos dias. Na mesma semana, agendei uma entrevista com o gerente de educação para esclarecer quais eram os meus objetivos ao pesquisar aquela instituição de ensino justificando a minha presença no local. Dessa forma, é indispensável que o pesquisador fique em contato direto com a realidade desses interlocutores, narrando e analisando todos os dados e manifestações presentes no grupo.

O gerente de ensino demonstrou-se muito acolhedor e receptivo à realização desta pesquisa.

A primeira parte do trabalho que realizei constituiu-se de um questionário, realizei com todos os alunos da turma, (20) vinte alunos, e tinha por interesse verificar a faixa etária, sexo, estado civil, procedência, nível de estudo, hábitos de estudo, trabalho (e em que área), salário e renda, e suas impressões acerca do curso em que estão matriculados.

A segunda parte do trabalho consistiu na elaboração de um roteiro de entrevista semi-estruturada, que compreenderam questões relativas à escolha do curso, qual a sua relação com o trabalho e a escola, além de tentar compreender os motivos que os levaram a cursar novamente o ensino médio. Para constituir essa etapa não tive a preocupação com a questão de gênero, foram entrevistados onze alunos do curso, em dois momentos: o primeiro momento se deu antes que eu qualificasse o projeto de dissertação - entrevistei quatro alunos e esses estavam no segundo ano do curso; o segundo momento, então, foi após a qualificação, quando entrevistei os outros sete alunos que estavam cursando o terceiro ano.

O roteiro de entrevista semi-estruturada compreendeu mais de trinta questões subjetivas, já visando à composição de algumas categorias que irão arranjar a análise dos dados, como: Perfil, Trajetória Profissional e Formativa, Projetos Futuros, Motivação para o Curso e Significado do Curso, Atendimento das Expectativas. Após a transcrição das entrevistas e leitura do material obtido nas questões subjetivas do roteiro, e com base, portanto, no material empírico estudado, encontrei quatro

⁸ Diário de campo: neste dia, cheguei na escola muito nervosa e com muita expectativa fui recebida, pela coordenadora do PROEJA da escola e a seguir fui conduzida até a sala de aula, me apresentei ao grupo de alunos e expliquei como pretendia realizar o meu trabalho. Fui muito bem recebida e acolhida, todos aceitaram participar e logo fiz um cronograma de encontros para poder ouvir a todos.

categorias de análise. Na categoria Relação com o Trabalho, utilizei como indicador a Trajetória Profissional, e na categoria Relação com a Escola a Trajetória Formativa. Na categoria A Escolha do Curso, utilizei como indicadores: Projetos Futuros, Perspectivas e Expectativas. Por último, na categoria Significado do Curso, utilizei como indicadores o espaço educativo, as relações no interior da escola e o espaço físico.

Os alunos foram entrevistados na escola, os professores eram comunicados antecipadamente da minha presença e liberavam os alunos para participarem. O fato de ter realizado esta pesquisa em dois momentos propiciou uma maior compreensão do meu objeto de estudo, pois assim tive a oportunidade de adensar as minhas reflexões, e realizar acréscimos ou recortes a respeito do material colhido; cumpre salientar que nada do que foi obtido foi descartado. Procurei aprofundar as questões a serem investigadas, o que me proporcionou a confrontação de alguns dados, enriquecendo o meu trabalho.

Entrevistei o gerente de educação e a supervisora pedagógica da escola com o objetivo de colher mais subsídios que me auxiliassem na composição e análise dos dados a respeito dos motivos que levaram a instituição a escolher esse curso.

As informações obtidas através dos questionários e entrevistas foram aplicadas no primeiro e no segundo semestre de 2008, e sistematizadas no primeiro semestre de 2009.

Durante esse período, realizei uma pesquisa em sites da internet com a finalidade de verificar como se constituía o processo seletivo para o PROEJA em IFE de todo o país.

2.1.3 – Procedimentos utilizados para a Identificação dos participantes

O gerente de educação da instituição, a supervisora pedagógica e a coordenadora do curso serão reconhecidos apenas por seus cargos.

Optei por não identificar os alunos por seus nomes próprios, com o consentimento deles dei-lhes nomes que tinham a ver com posturas suas que percebi nas entrevistas. Assim, o *aluno música* recebeu esse nome, pois se identificou muito com a música como uma possibilidade para alcançar um curso superior, e é com música que ele se sente realizado. A *aluna batalhadora* iniciou muito jovem a sua vida profissional e procurou superar as adversidades impostas. A *aluna sorridente*, suas falas sempre eram acompanhadas de um sorriso muito generoso e contagiante. A *aluna professora*

sonha em exercer a profissão no futuro, os cursos que fez ou que pretende fazer são meios para atingir seu grande objetivo: o de dar aulas para crianças. A *aluna leve* foi assim denominada apesar de apresentar em sua trajetória uma história de muito esforço, mas ela conseguia transmitir em suas falas em leveza muito peculiar. A *aluna esforçada* deixou transparecer em seus relatos que tudo o que fez e o que passou com a sua família, até o dia de hoje, só foi atingindo em razão de seu esforço pessoal. A *aluna completa* disse que desde o primeiro dia de aula seus colegas a chamavam assim. A *aluna escritora* por gostar muito de escrever e ter conseguido publicar seu livro. O *aluno mudança* foi identificado assim, pois em toda a sua trajetória sempre esteve em busca de mudança. O *aluno esporte* por gostar muito de praticar esportes, por passar boa parte de sua vida indo para a escola em outro município de bicicleta, e por, hoje, dedicar seus fins de semana para ensinar futebol para crianças, está engajado no Programa Escola Aberta. O *aluno João* pediu para ser identificado dessa forma. Assim como o aluno Wellinton. O *aluno ocupado* não estava muito disponível para conversar, mas deixou seu depoimento por escrito. E o *aluno anônimo* também pediu que eu o identificasse dessa maneira.

2.1.4 - Entrevistas

Em Lüdke & André (1986), a entrevista aparece como sendo uma relação de interação com “influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (p.33).

As entrevistas semi-estruturadas, que apresentam como característica básica a não-uniformidade de perguntas e respostas num processo que se desenrola segundo um esquema básico, porém não rígido, permitindo ao pesquisador realizar as adaptações necessárias, foi a minha opção de coleta de dados, pois me permitiria assim deixar que, no momento da entrevista, eu não me detivesse a roteiros pré estabelecidos, poderiam surgir novos elementos.

Isso quer dizer que a entrevista vai além da obtenção de informações necessárias. Considerando, principalmente, que, na entrevista, há um encontro de sujeitos imbricados em histórias pessoais, desejos e emoções, posso afirmar que, também ali, há uma interação de caráter social e socializador e, portanto, sujeita a todas as influências

recíprocas às quais o entrevistador e o entrevistado, como sujeitos fundantes da ação, submetem-se (KLINSKI, et. al; .2007).

2.1.5 - Análise Documental

De acordo com Lüdke e André (1986), embora não muito utilizada na área da educação como em outras áreas, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. (p.38).

Para compor e compreender a instituição que me acolheu neste momento da minha pesquisa, procurei por subsídios a fim de que esses me auxiliassem a construir o meu trabalho. Busquei subsídios na legislação específica referente às instituições federais de educação. E outros subsídios como fotografias de atividades realizadas por eles, assim como documentos legais da escola: o projeto político pedagógico da instituição, e o plano de curso, o Documento Base do PROEJA. Aliei aos dados obtidos através da pesquisa quantitativo-qualitativa aplicada no ano de 2007/ 2008 CAPES/ PROEJA⁹.

⁹ Desde 2007, quando se constituiu o grupo de pesquisa CAPES/ PROEJA é realizado um levantamento em todas as instituições da rede federal de ensino, acerca do oferecimento dos cursos de PROEJA. Neste estão contemplados dados como raça, sexo, idade, escolaridade, situação civil. Assim como, busca-se obter dados qualitativos a respeito dos motivos para escolha do curso e se a instituição realizou algum movimento para evitar a evasão.

3 – O FIO CONDUTOR: ENTRE O FAZER DIÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos primeiros passos a seguir foi o mais complexo: definir o referencial teórico que iria embasar o meu trabalho, compreender esse meu novo tempo de pesquisa, revendo minha trajetória pessoal e profissional. Iniciei meu caminho de pesquisa trazendo comigo interesses, desejos que me moveram enquanto pesquisadora e que estão me orientando durante esse processo. O referencial teórico do qual me valho está situado num vasto campo denominado Educação e Trabalho, do qual utilizo os conceitos que julgo pertinentes para conduzir a análise a respeito dos alunos do PROEJA.

Neste capítulo, busco refletir como se dá a relação entre a educação e o trabalho ao trazer questões que fazem parte do meu dia a dia que é formação do aluno trabalhador.

Ao organizar a construção do referencial teórico que embasou a minha pesquisa, demonstro que esses representam a compreensão com a qual eu tenho pensado sobre o tema a ser estudado.

Para a sustentação da abordagem e análise dos dados que serão obtidos por meio desta pesquisa e para o aprofundamento dos processos educativos desses estudantes, mediante a relação deles com o saber e a escola, busquei nos estudos de Charlot (2000 e 2005) o autor contribui para entender os processos de aprendizagem, e como o homem constitui-se na relação com o outro e com a relação que os alunos têm com o estudo.

Arroyo (2005) ajuda-me a refletir sobre a igualdade de direitos que todos têm em relação à educação. E Nóvoa (1994) contribui na reflexão sobre como deveria ser a formação dos docentes para atuar na EJA. Franzoi (2003) ajuda-me a analisar as trajetórias profissionais, e em Freire (1992) busco apreender como se constitui a aprendizagem do sujeito enquanto indivíduo inserido em um contexto social.

Em Kuenzer (2007), busco compreender a lógica de formação que se fez presente no sistema escolar, e elementos para analisar a relação entre o ensino médio e a educação profissional. Utilizo Manfredi (2001) para discutir a divisão social do

trabalho e a estrutura escolar, o dualismo entre o ensino secundário e o ensino profissional.

Com Frigotto (2002), procuro entender a dupla face do trabalho, como criador e destruidor da vida, e os movimentos que foram realizados a favor de uma mudança na legislação da educação profissional. Utilizo Saviani (2006) para discutir a relação entre trabalho e educação, e Nosella (2006) para defender o trabalho como princípio educativo.

Nos estudos de Cunha (2000), busco elementos para analisar as mudanças ocorridas no sistema educacional brasileiro, no que tange à educação profissional. Schwartz (2001) ajuda-me a compreender o sentido do trabalho para o trabalhador, e com Pochmann procuro avaliar as condições de inserção no mercado de trabalho, considerando o mundo globalizado em que vivemos.

3.1 - Escola Técnica: Um Espaço para Educar o Homem

A escola é um local perpassado pelas lutas e anseios de uma população. Assim, ela é a responsável pela sistematização do conhecimento, devendo proporcionar aos seus sujeitos condições de melhor interagir e atuar nas transformações tão necessárias. Nesse espaço destinado a construção de aprendizagens, é lá que as formas de aprender e de ensinar sofrem as modificações, de acordo com as mudanças que acontecem no mundo, e trazem consigo implicações relacionadas à inserção do homem nesse contexto.

Assim, estabelecendo como um marco referencial de mudanças a década dos anos 90, no final do século XX, quando a globalização ganha impulso e são constituídas as novas formas de produção, há um significativo aumento de mão-de-obra ociosa, atingindo o circuito da pobreza e da exclusão social.

Kuenzer (2005), de acordo com as pesquisas que tem realizado nas últimas duas décadas, vem constatando que existem duas mudanças significativas contraditoriamente articuladas:

por um lado, ocorreu uma mudança de eixo na relação entre formação e conhecimento, e, portanto entre educação e trabalho, em que o desenvolvimento das habilidades

psicofísicas cedeu espaço para a capacidade de trabalhar teórico praticamente; ao mesmo tempo, contrariamente à democratização das oportunidades de acesso à educação de qualidade. (p.32)

Conforme a análise da autora, há um reforço para a continuidade ou permanência da dualidade estrutural presente na educação desde os primórdios tempos¹⁰, quando se evidencia uma relevância para que o trabalhador seja capaz de realizar multi tarefas. Tal exigência é justificada pelo agravamento da crise, e pela manutenção das diferenças de classes tendo como cenário as novas estratégias de acumulação.

As novas relações entre as forças produtivas e a educação de trabalhadores se tornam mais cristalinas, tendo como ponto de partida o avanço do conhecimento técnico-científico e sua difusão no processo produtivo alterando significativamente o modo de trabalho. Dentro dessa dinâmica, a qualificação profissional emerge no cenário contemporâneo como um elemento importante na composição dos fatores que regem a competitividade dos países, das organizações e dos indivíduos. Esse posicionamento traz uma nova forma de competência desvinculada do saber científico, propiciado pela escolaridade. O foco é na ocupação do indivíduo. Mas, por outro lado, há uma exigência, determinada pelos interesses do capital para os que vivem do trabalho, para que esses dominem o trabalho intelectual, exigindo desses que utilizem o seu saber tanto em situações conhecidas como para situações inéditas, executando-as com muita criatividade e agilidade.

A partir dessa lógica do capital, a formação profissional foi colocada como a galinha dos ovos de ouro¹¹, transformou-se em uma condição supostamente indispensável para a inserção ou para a reconversão profissional.

¹⁰ Ver em MANFREDI S. 2003 – Educação Profissional no Brasil.

¹¹ No conto A Galinha dos Ovos de Ouro: “certa manhã, um fazendeiro descobriu que sua galinha tinha posto um ovo de ouro. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

– Veja! Estamos ricos!

Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte, a galinha tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu a melhor preço.

E assim aconteceu durante muitos dias”.

Utilizei essa expressão porque a educação profissional tem sido colocada, assim como a galinha para o fazendeiro, como resolução para todos os seus problemas. (O conto segue, e o seu fim é bastante conhecido. O fazendeiro fica admirado com tantos ovos e deduz: "se esta galinha põe ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!". Mata a galinha e fica admirado, pois, por dentro, a galinha é igual a qualquer outra).

Ainda que se saiba que, na classe dominante, as competências se desenvolvam desde a inclusão com a família, que viabilizam o desenvolvimento social e propiciam as linguagens, o raciocínio e o ingresso ao contato com diferentes culturas, mesmo assim não se prescinde da educação escolar. Muitas vezes, a qualificação profissional torna-se a única alternativa para milhões de pessoas que vivem do trabalho, onde as carências financeiras são um empecilho para o acesso aos bens culturais como a classe dominante - a escola passa a ser espaço principal para a conquista de conhecimentos que permitam o desenvolvimento das competências requeridas para a inclusão na vida social e produtiva.

Muitas vezes, já no ensino médio, os alunos necessitam de uma qualificação. Pois o mercado tem exigido, para o exercício de atividades mais simples, uma escolaridade maior do trabalhador. Essa realidade reflete-se na volta à escola por parte da população. O trabalho tem papel fundante na vida desses sujeitos - por sua condição social, muitas vezes, é só por meio dele que poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos.

Paro (2001) afirma que é indispensável que se reflita sobre a função educativa da escola:

É preciso que se coloque no centro das discussões (e das práticas) a função educativa global da escola. Assim, se entendemos que educação é atualização histórico-cultural dos indivíduos e se estamos comprometidos com a superação do estado geral de injustiça social que, em lugar do bem viver, reserva para a maioria o trabalho alienado, então é preciso que nossa escola concorra para a formação de cidadãos atualizados, capazes de participar politicamente, usufruindo daquilo que o homem histórico produziu, mas ao mesmo tempo dando sua contribuição criadora e transformando a sociedade. Só assim a escola estará participando de forma efetiva como elemento da necessária “reforma intelectual e moral”, de que nos fala Gramsci (1978b).

Kuenzer (2002) ressalta que é urgente a “construção de uma nova proposta político-pedagógica para o ensino médio, para a superação da divisão do saber em face de distinção entre saber intelectual e manual”.

De acordo com Paro (2001), o trabalho é referência para todos em nossa sociedade. Porque não divisa outra solução, conseguir um emprego e deixar-se explorar é o sonho da imensa população de desfiliaados. Assim, toda a vida dos membros das camadas trabalhadoras, desde a infância, é preenchida por preocupações a respeito do trabalho alienado que está desenvolvendo ou vai desenvolver no futuro.

Pochmann (2004), ao analisar as possibilidades para o segmento jovem da sociedade, afirma que o país está estagnado economicamente há 24 anos. O mercado de trabalho brasileiro tem uma dinâmica excludente que destrói as vantagens potencialmente oferecidas pela educação, além de aumentar as desigualdades de renda para os mesmos níveis educacionais. Revela que, entre os anos de 1992 e 2002, os níveis mais elevados de escolaridade são os que apresentam a maior taxa de desemprego. Contrariando a teoria do capital humano, em um panorama de economia paralisada a elevação dos níveis de escolaridade – há pouco investimento em tecnologia e o mercado de trabalho apresenta-se precarizado – acaba sendo insignificante para fomentar a geração de trabalho.

Isso está na contramão do que acontece com os filhos da classe dominante, que entram no mercado de trabalho mais tarde, geralmente após completarem pelo menos a universidade, ocupando, nas empresas, as poucas vagas superiores, com maiores remunerações, o que reproduz, por consequência, a desigualdade de renda. O autor concluiu, ainda, que o que existe, na maioria das vezes, é limitado, quando não equivocado tecnicamente, pois grande parte das políticas para o jovem tende a condenar o filho do pobre a ter de ingressar precocemente no mercado de trabalho. Diante dessa realidade, a partir das novas formas de relação que se estabelecem entre ciência e trabalho, consolida-se a idéia de que a formação profissional irá favorecer a inserção dos sujeitos no mercado de trabalho. Sem deixar de considerar a necessidade de uma educação contínua ao longo da vida.

A partir daí, a escola de ensino técnico vê-se pressionada pelo mercado a formar profissionais com base no desenvolvimento de competências, e, ao mesmo tempo, preparar para o exercício da cidadania.

3.2 - O direito à Educação Profissional

Tendo como premissa, neste estudo, a Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, o objetivo central da discussão é a reinserção desses sujeitos que de uma maneira ou de outra se encontram do lado de fora da escola.

Assim, é imprescindível que o desenho curricular a ser desenvolvido tenha uma proposta que considere a formação articulada e integrada valorizando os saberes do cotidiano da formação profissional e da geral.

Conforme o Projeto Político Pedagógico, o IFE entende:

O que se quer com a concepção de educação integrada é que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho, uma formação que prepare os sujeitos para participação efetiva nos seus contextos com autonomia de pensamento e capacidade de interação crítica.(PPP, 2008 p.42)

A instituição vê a educação profissional como grande finalidade da educação - a escola sendo um espaço de formação do ser humano em sua complexidade

A educação profissional tem especial importância como meio para a construção da cidadania e para a inserção de jovens e adultos na sociedade contemporânea, caracterizada pela dinamicidade e por constantes transformações técnicas. Para que ela desempenhe seu papel, não pode ser compreendida como um mero treinamento com vista à empregabilidade imediata. Deve ser encarada, independentemente da modalidade na qual seja desenvolvida, como meio para construir conhecimentos, adquirir competências que

possibilitem interferir no processo produtivo, compreender as formas de produção e desenvolver habilidades que capacitem o trabalhador para o exercício da reflexão, da crítica, do estudo e da criatividade. (PPP, 2008 p.42)

Arroyo (2005) afirma que a educação de jovens e adultos só será reconfigurada quando se der o seu reconhecimento de sujeitos direitos humanos. Na visão do autor, os sujeitos só reivindicarão os seus direitos quando tomarem consciência de que estão privados dos bens simbólicos que a escolarização deveria garantir - “educação para todos”. E a Educação de Jovens e Adultos tem sido tratada somente como uma complementação de carências, como se os sujeitos fossem sujeitos de direitos complementares.

Segundo Bobbio (1992),

A existência de um direito, seja em sentido forte fraco, implica sempre a existência de um sistema normativo, onde por "existência" deve entender-se tanto o mero fator exterior de um direito histórico ou vigente quanto o reconhecimento de um conjunto de normas como guia da própria ação. A figura do direito tem como correlato a figura da obrigação (p. 79-80).

Em nossa sociedade, o direito à educação, como direito declarado em lei, é recente e remonta ao final do século XIX e início do século XX. Hoje em dia, parece que está mais clara a consciência de que a educação trata de um dever do Estado e um direito do cidadão.

Esse processo de conscientização de direitos que se dá na educação básica parece estar solidificado, mas ainda necessita de cuidados. A Constituição Federal garantiu os direitos básicos à educação e à saúde.

Jamil Cury (2002) afirma que o direito à educação decorre de dimensões estruturais coexistentes na própria consistência do ser humano.

A racionalidade, expressão da ação consciente do homem sobre as coisas, implica também no desenvolvimento da capacidade cognoscitiva do ser humano como meio de penetração no mundo objetivo das coisas.

De acordo com o autor, somente quando os homens se dão conta da importância de se reconhecerem e a partir daí interagirem com os outros homens usando as suas capacidades cognitivas, que é marca do ser humano, “só assim é que a ação do homem com o outro e sobre as coisas torna-se humana e criativa”.

Assim, os homens passam a exigir o direito à educação como reivindicação e participação política.

Desse modo, a educação como direito e sua efetivação em práticas sociais se convertem em instrumento de redução das desigualdades e das discriminações e possibilitam uma aproximação pacífica entre os povos de todo o mundo.

(CURY 2002 p.16).

No campo da educação profissional, conforme considera Arroyo (2000), somente a partir da Lei Capanema, afirmou-se a formação e qualificação do trabalhador como um direito do *capital*, é de quem vai custear o trabalho, utilizando-se de recursos de cunho público.

O autor aponta dois caminhos para se refletir essa questão: o da concepção presente na sociedade e o da política educacional. É necessário verificar, junto à sociedade, qual a sua concepção em relação à formação e qualificação, trabalho domínio do saber, se estão se afirmando como direitos. Na questão política, torna-se indispensável que se faça uma avaliação de como o direito está se apresentando na sociedade.

“O direito se afirma a partir da luta social, que posteriormente pode se transformar em lei ou em políticas efetivas garantidoras do direito já consubstanciado na sociedade.”

Um bom começo seria verificar, junto aos trabalhadores e seus sindicatos, como estão se vendo, se eles têm consciência de seus direitos, se esses sujeitos têm noção de que sua formação se situa somente no plano do mercado ou do direito? Em nossa sociedade, os direitos ainda são condicionados ao mercado. Arroyo (2000) nos diz que o sujeito está condicionado ao conceito de possuir credenciamento para o mercado. Segundo ele, uma coisa é se reconhecer a educação como direito de todos, outra coisa é a sociedade afirmar que sem educação não se é nada, reconhecendo os direitos à educação ao mercado. Isto acontece, conforme salienta o autor, porque ainda estamos vivendo no reino da necessidade e não no reino da liberdade. Onde o direito à educação permanece sempre vinculado a um objetivo, que seja passar no vestibular, concluir os

estudos para realizar algum concurso, e não como um direito do sujeito de se desenvolver em todas as suas dimensões de ser humano. “Estamos vivendo como sujeitos da sobrevivência, não como sujeitos plenos e plurais”(p.74).

Vivemos em momentos difíceis em que muitas pessoas estão sem trabalho, onde o trabalhador necessita dominar esses ou aqueles conhecimentos para poder disputar uma oferta de trabalho. Será uma tarefa complexa convencer o trabalhador de seu direito à formação plena.

3.3 – O Mundo Trabalho

As mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, a precarização e a flexibilização, que hoje caracterizam a organização da produção, refletem-se nas relações de trabalho. O avanço da tecnologia e a automação dos processos vêm eliminando funções que eram ocupadas por trabalhadores. As crises econômicas causaram uma diminuição de pessoal, gerando um clima de insegurança nas relações de trabalho.

Para Frigotto (2002), o trabalho, ao mesmo tempo, é criação e destruição da vida. O trabalho, no sentido da criação, é constitutivo do ser humano, à medida que esse interage com a natureza. Frigotto aponta que o “trabalho, em seu sentido de produção de bens úteis materiais e simbólicos ou criador de valores de uso, é condição constitutiva da vida dos seres humanos” (2002, p. 12). Na interação entre as pessoas e entre essas e a natureza, os seres humanos vão-se construindo e reconstruindo-se – é a mediação que o homem necessita para construir-se historicamente. Mas, para que o trabalho seja mediação para o bem viver, numa sociedade de humanos, ou seja, numa sociedade onde predomine a liberdade e não a necessidade, é preciso que estejam presentes as demais características que fundam a humanidade do homem, em especial a sua condição de sujeito.

Frigotto (2002), ao explicar o que significa o trabalho para Marx¹², enfatiza que nos diferenciamos do animal porque esse não modifica a natureza, e essa é uma condição necessária ao ser humano em qualquer tempo histórico, que supera a ideologia de reduzir o trabalho humano somente ao sentido de troca, embora o trabalho assuma formas históricas específicas nos diferentes modos de produção da existência humana.

A segunda dimensão do trabalho, já destacada por Frigotto: o trabalho sob a forma de emprego ou assalariamento, que se tornou destruidor da vida em nossa sociedade competitiva. No capitalismo - compra e venda de força de trabalho, trabalho assalariado, trabalho alienado- para que ocorra a acumulação do capital, é necessário haver o trabalho assalariado, pois, assim, o trabalhador passa a ser mercadoria para o empregador.

As relações de produção determinam novos modos de vida e comportamentos. Essa nova concepção de mundo fragmentada, produção racionalizada, exige um novo trabalhador “por meio da oferta de escolas que se diferenciam segundo a classe social dos sujeitos que se propõem a formar: trabalhadores ou burgueses”.

Segundo Kuenzer (2007), é possível identificar a dualidade entre a formação geral e a formação profissional:

As formas que a dualidade assume no regime de acumulação flexível. A hipótese que tem orientado essas pesquisas é de que o regime de acumulação, que tem sido chamado de flexível¹³, ao aprofundar as diferenças de classe, aprofunda a dualidade estrutural, como expressão cada vez mais contemporânea da polarização das competências (p1154).

Segundo a autora, a dualidade tem sido assumida a partir da análise realizada por Gramsci (1978), que afirma que “não existe dicotomia e sim organicidade entre a

¹² “ Antes o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida . Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele, e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.”(MARX, 1983, p. 149)

¹³ Harvey (1992, p.140) conceitua acumulação flexível como “regime de acumulação que, confrontando-se com a rigidez do fordismo, apóia-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados, dos produtos e dos padrões de consumo. Essa flexibilização demanda novas formas de disciplinamento dos agentes econômicos e políticos”.

reprodução e a constituição das classes sociais”. (p.1154). E Harvey (1992) afirma que a condição da existência do regime de acumulação é a correspondência entre a transformação das condições de reprodução dos assalariados de modo a fazer com que os comportamentos de todos os tipos de agentes político-econômicos mantenham o sistema funcionando; ou seja, a correspondência entre as formas de disciplinamento e as necessidades do sistema produtivo, relativas à formação de trabalhadores e dirigentes. (p.118).

Trata-se de manter as formas de disciplinamento de acordo com as necessidades do sistema produtivo relativas à formação de trabalhadores e dirigentes. Há necessidade de formar um homem que se adapte aos modos de produção, não sendo necessário, para esse modelo, que o homem depreenda “energias intelectuais e criativas”.

O modelo administrativo taylorista/fordista, que disciplinava o trabalho, “definia as funções operacionais, técnicas de gestão e de desenvolvimento da ciência e da tecnologia”. Para Kuenzer (1999), no Brasil, “a pedagogia do trabalho taylorista-fordista priorizou os modos de fazer e o disciplinamento, sem nunca se comprometer com o estabelecimento de uma relação entre o trabalhador e o conhecimento que, ao integrar conteúdo e método, propiciasse o domínio intelectual das práticas sociais e produtivas” (p.127).

Nesse regime de acumulação, a dualidade era assumida: para cada classe social existia uma escola. Nessa concepção, não haveria a necessidade de pensar sobre o trabalho realizado. Conforme enfatiza a autora, a “expansão das escolas profissionais não resulta em democratização, mas sim no aprofundamento das diferenças” (KUENZER, p.1157).

Essa diferenciação curricular é o que define a linha pedagógica da escola e consolida o caráter antidemocrático da escola tradicional, há o privilégio do exercício das funções intelectuais e diretivas a uma classe e é designando formação profissional para exercício de funções operacionais como única alternativa de ascensão social à outra classe.

Com o desenvolvimento da sociedade e o avanço científico, há uma pressão pela democratização das relações sociais, trazendo à discussão para a sociedade: “Essa nova realidade exige novas formas de mediação entre o homem e o conhecimento, que já não se esgotam no trabalho ou no desenvolvimento da memorização de conteúdos ou formas de fazer e de condutas e códigos éticos rigidamente definidos pela tradição taylorista / fordista” (KUENZER p.19).

No setor produtivo, a questão da divisão entre trabalho intelectual e instrumental é colocada em discussão, apontando sinais de esgotamento do fordismo, através do reconhecimento de que todos exercem, em determinado grau, funções operacionais e intelectuais.

O avanço científico e tecnológico insere uma incoerência na relação entre trabalho e o processo produtivo: quanto mais simples é a execução da tarefa, mais complexo torna-se o gerenciamento dessa. De acordo com Kuenzer (2007):

O enfrentamento dos impactos negativos das formas de rigidez sobre as taxas de lucro passou a exigir a racionalização, reestruturação e intensificação do controle sobre o trabalho, o investimento em novas tecnologias, a automação, a busca de novos nichos de mercado, que buscasse atender qualitativa e quantitativa os clientes. O toyotismo¹⁴ apresentou novas experiências na organização industrial e na vida social, que vão dar forma, na análise de Harvey, a um novo regime de acumulação, chamado por ele de flexível, que irá levar às novas relações entre economia e o Estado, com profundos impactos sobre os trabalhadores e suas formas de organização (p.1158).

E, para o atendimento dessa demanda, passou-se a exigir do trabalhador maiores conhecimentos, com possibilidade de compreender as mudanças tecnológicas, o que vai exigir que a formação desse trabalhador seja composta de uma sólida educação básica, que contemple o acesso à cultura após dar-se a formação profissional, complementada pela formação no trabalho e não exclusivamente a formação profissional, como no regime anterior. Pois, nesse “regime flexível, o trabalhador irá transitar, ao longo de sua

¹⁴ O Japão foi o berço da automação flexível, pois apresentava um cenário diferente do dos Estados Unidos e da Europa: um pequeno mercado consumidor, capital e matéria-prima escassos, e grande disponibilidade de mão-de-obra não-especializada, o que impossibilitava a solução taylorista-fordista de produção em massa. A resposta foi o aumento na produtividade na fabricação de pequenas quantidades de numerosos modelos de produtos, voltados para o mercado externo, de modo a gerar divisas tanto para a obtenção de matérias-primas e alimentos quanto para importar os equipamentos e bens de capital necessários para a sua reconstrução pós-guerra e para o desenvolvimento da própria industrialização.

trajetória, por várias ocupações, e, com isso, não há necessidade de capacitar em uma ocupação laboral específica”. Sendo assim, a escola nega a dualidade estrutural e continua a oferecer uma educação que não inclui as pessoas que dela necessitam para a sua sobrevivência.

Segundo (HARVEY 1998 *apud* KUENZER 2007 p.1164), o princípio que dirige essa reestruturação é a “redução do emprego regular, a favor do crescente uso do emprego em tempo parcial, temporário ou subcontratado”. As empresas mantêm, em seu núcleo, profissionais estáveis, que estão em locais estratégicos, e para atender às exigências do mercado têm trabalhadores temporários, facilmente localizados nesse mercado. Esses trabalhadores são caracterizados por possuírem pouca qualificação e terem alta rotatividade.

Kuenzer (2006) analisa essa reestruturação considerando o lado do mercado e o lado da escola. “O mercado faz um processo de exclusão includente”, que tem garantido diferenciais de competitividade para os setores reestruturados por meio da combinação entre integração produtiva, investimento em tecnologia intensiva de capital e de gestão e consumo precarizado da força de trabalho. Do lado do “sistema educacional de Educação Profissional, há um processo de inclusão” que, dada a sua “desqualificação, é excludente”.

É a isso que a autora chama de “dualidade negada”. No entanto, ela reconhece que, nessa nova forma de lidar com o conhecimento do trabalhador, abrem-se novas possibilidades. Esse é o foco de interesse de Schwartz (2001), o autor afirma que existe no trabalho algo que escapa ao conhecimento dos responsáveis pela formação profissional e formação geral nas instituições de ensino, e que só pode ser alcançado por meio do conhecimento de quem vive as situações de trabalho, ou seja, dos próprios trabalhadores. Para ele, “a distância que existe entre o trabalho que foi prescrito e aquele que foi realizado concretamente são como um espaço onde cada um experimenta um determinado uso de si, recriando o que estava, supostamente, antecipado.” (SCHWARTZ, 2001, p. 11).

Paolo Nosella (2006), ao referendar Marx, defende o trabalho como princípio educativo, afirmando que o trabalho é essencialmente “a interação dos homens entre si e com a natureza”. Para tanto

A escola-do-trabalho não-burguesa é a escola que desenvolve os homens para “dominar e humanizar a natureza, em

colaboração com os outros homens. Se historicamente o trabalho, “de manifestação de si tornou-se perdição de si, o processo educativo precisa ser contrário a esse movimento para, assim, resgatar o sentido do trabalho como libertação plena do homem”.(NOSELLA,2006 p .12)

4 AS MUDANÇAS NAS POLÍTICAS DA LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL

Para melhor entender o processo de instituição do PROEJA, é necessário situá-lo no contexto das mudanças pelas quais as políticas públicas vêm-se pautando. Em decorrência dessas mudanças, as escolas técnicas vêm enfrentando, nos últimos anos, amplas mudanças em suas práticas pedagógicas e têm tido dificuldade em manter sua identidade pedagógica quando precisam definir o que é essencial na formação dos sujeitos, o que importa ou não. A escola tem gerenciado a sua organização pedagógica em um contexto de transformação dos processos de organização da produção. Para tanto, busco organizar este capítulo realizando um apanhado histórico que abrangerá: desde o surgimento dos Liceus as primeiras Leis Educacionais, aos dias de hoje com a promulgação do Decreto nº. 5840 / 06.

4.1 - O histórico da (des) integração

No período colonial, no Brasil, o modelo econômico implantado influenciou na formação da força de trabalho pela inserção da mão-de-obra escrava. Conforme Cunha (2000), o sistema escravocrata, que sobreviveu por mais de três séculos, deixou marcas profundas, criando a representação de que todo trabalho manual que exigisse esforço físico era um trabalho desqualificado. Para as pessoas que viessem a executar esse tipo de trabalho, não era dado o direito à educação escolar acadêmica, pois era vista como desnecessária para a formação dessa mão-de-obra. Essa idéia perdurou até meados do século passado.

Os antecedentes históricos da educação profissional apresentam um viés assistencialista, como no período colonial, com a criação das Casas de Educandos e Artífices destinadas aos desafortunados, e de formação para o trabalho artesanal com a criação dos Liceus de Artes e Ofícios entre 1858 e 1886. De acordo com Manfredi (2003), nas primeiras décadas do século XX, no âmbito da sociedade civil, despontaram projetos de Educação Profissional diferentes dos propostos pelos setores dominantes. Trata-se daqueles relacionados a trabalhadores organizados em sindicatos. (p.91). Apesar de não representarem a maioria dos trabalhadores, foram os primeiros a fundar experiências na educação profissional, com objetivos que visavam ao distanciamento dos modelos dos projetos estatais vigentes na época.

Ainda utilizando a autora no Estado Novo, a política educacional legitimou a separação entre o trabalho manual e o intelectual, erigindo uma arquitetura educacional que ressaltava a sintonia entre a divisão social do trabalho e a estrutura escolar, o dualismo entre o ensino secundário e o ensino profissional (MANFREDI, p.95). Outro fato característico da época é a centralidade do papel do Estado como agente de desenvolvimento econômico. Há um crescente desenvolvimento industrial e uma diversificação de atividades, em contrapartida, o setor agrícola sofre uma grande crise. Durante esse período, do Estado Novo, as relações entre Estado e sociedade civil passam por um período de total intolerância e cerceamento; não são autorizadas as organizações independentes dos trabalhadores.

A Constituição do Estado Novo, em 1937, estabelecia, em seu art.129, a existência de escolas vocacionais e pré-vocacionais, como dever do Estado para com as classes menos favorecidas, com a colaboração das indústrias, dos sindicatos econômicos as chamadas classes produtoras, as quais deveriam criar, na esfera de sua especificidade, escolas de aprendizes destinadas aos filhos de operários.

As escolas de aprendizes foram reaparelhadas e transformaram-se em Liceus Industriais destinados ao ensino profissional de todos os ramos de ensino, sob dependência direta do Governo Central, com a criação de um currículo único e o estabelecimento de normas rígidas. Consolidou-se, assim, a educação profissional no Brasil, considerada, em grande medida, de segunda categoria. Essa organização volta a ser alterada em 1942. Durante o Estado Novo (1937-1945), a regulamentação do ensino foi levada a efeito a partir de 1942, com a Reforma Capanema, sob o nome de Leis Orgânicas do Ensino, que estruturou o ensino industrial, reformou o ensino comercial e criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, em 1942, como também trouxe mudanças no ensino secundário.

Em 1946, já no fim do Estado Novo e durante o Governo Provisório, a Lei Orgânica do Ensino Primário organizou esse nível de ensino com diretrizes gerais, que continuou a ser de responsabilidade dos estados; organizou o ensino primário supletivo, com duração de dois anos, destinado a adolescentes a partir dos 13 anos e adultos; a legislação de ensino organizou também o ensino normal e o ensino agrícola, e deu competência à União para legislar sobre Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Além disso, a nova Constituição fez voltar o preceito de que a educação é direito de todos, inspirada nos princípios proclamados pelos Pioneiros, no Manifesto dos Pioneiros da

Educação Nova, nos primeiros anos da década de 30. E foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, em 1946. Segundo Manfredi (2002) o SENAI e o SENAC que eram organizados e geridos por um sistema corporativista de representação sindical patronal, representando, assim, o desmantelamento da organização e das iniciativas dos trabalhadores, e a criação de um sistema paralelo de formação profissional que atendia às demandas do mundo do trabalho¹⁵. A qualificação do trabalhador passa a ser atribuição do Sistema S¹⁶, indicando os rumos da qualificação, determinando tempos, currículos, estruturas educacionais, avaliação, certificação. Assim, esse sistema privado destaca-se na formação de mão-de-obra, enquanto o sistema oficial canaliza seus esforços na expansão do ensino secundário e superior.

A equivalência entre o ensino secundário e os cursos profissionais veio a ser estabelecida com a promulgação da Lei 1076 / 50, permitindo aos concluintes de cursos profissionais a continuação dos estudos, em níveis superiores, desde que provassem possuir níveis de conhecimento indispensáveis à realização dos estudos. Apresenta-se, assim, uma solução paliativa, que só abriu as possibilidades de transferência de um ensino a outro. A plena equivalência formalizou-se na LDB 4024/61, à medida que foi suspensa a necessidade de provas. Assim, conseguiu equiparar a educação profissional do ponto de vista da equivalência e continuidade de estudos, mas essa Lei não conseguiu sepultar de vez a dualidade entre o ensino para elites e para os operários.

No golpe de 64, foi implantada no país a ditadura militar. Os cidadãos não eram mais donos de sua voz, e houve um controle total sobre todos. O campo educacional é alterado pela política do crescimento econômico, e o desenvolvimento industrial demanda formação de mão-de-obra qualificada. O governo militar precisa expandir a sua base industrial e investe em projetos de alta visibilidade, como pólos petroquímicos, hidroelétricas, para justificar a necessidade de contratação de mão-de-obra especializada.

A promulgação da LDB 5692/71 vem adequar a universalização da educação profissional às demandas do mercado e reforma o ensino de 1º e 2º graus. A profissionalização compulsória traz um grande fracasso ao sistema educacional,

¹⁵ Naquele momento, a Federação das Indústrias e as outras federações do empresariado ficam responsáveis pela qualificação do trabalhador, utilizando o dinheiro público. A educação profissional é privatizada ao invés de publicizar. Passaram anos e ainda não saímos dessa concepção.

¹⁶ O Sistema S: compreende: SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural; SENAT – Serviço Nacional de Transportes; SESC – Serviço Social do Comércio; SESCOOP - Serviço Social de Cooperativas; SESI – Serviço Social da Indústria.

servindo muito mais para frear a corrida dos novos concluintes às universidades do que para promover a educação profissional (CUNHA, 2000).

Os efeitos foram danosos, e grandes dificuldades da educação profissional da atualidade podem ser explicadas por essa lei, como centenas de cursos técnicos e programas profissionais e da EJA sem investimentos apropriados, quer em instalações, quer em termos técnicos e docentes, além de cursos técnicos diluídos em 2º grau, descaracterizando as redes públicas de ensino. O sistema S, por sua vez, recebe recursos e incentivo para a manutenção dos seus cursos de aprendizagem em funcionamento, tornando-se, assim, mais fortalecidos.

A Lei 7044/82 altera o dispositivo da Lei 5692/71 e torna facultativa a profissionalização, restringindo a educação profissional às instituições especializadas. O objetivo dessa lei é oportunizar pelo ensino de 2º grau “o desenvolvimento de potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania” (BRASIL, Lei nº7044/82). Essa era a situação da educação profissional quando iniciaram os debates em torno da nova LDB.

Na década de 80, convivemos com anistia, com o fim da ditadura, com uma enorme dívida externa, e, em 1988, é promulgada a nova Constituição, que contempla a educação profissional na confluência dos direitos fundamentais do cidadão: o direito à educação e o direito ao trabalho. O art. 214 do capítulo III, seção I,

Define que a lei estabelecerá o Plano Nacional de Educação visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público, para promover: erradicação do analfabetismo; universalização do atendimento escolar; melhoria da qualidade de ensino; formação para o trabalho; promoção humanística (BRASIL, 1988).

A educação básica tem por finalidade, segundo o artigo 22 da LDB, “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Mas no ensino médio, o antigo 2º grau, que passa a estruturar-se a partir da Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942, perdura, até os dias atuais, a categoria central que tem orientado a organização dos sistemas educacionais nacionais: a

dualidade estrutural, expressando, no nível da educação, as contradições da formação social brasileira.

Até meados dos anos 80, essa educação ainda era associada ao conceito de formação de mão-de-obra, reproduzindo um dualismo presente entre as elites e a maioria da população. Dualismo que é fruto de nossa herança colonial e escravocrata: quem executava o serviço era relegado a uma condição social inferior - eram escravos não-cidadãos.

Essa lógica de formação fez-se presente no sistema escolar até que os novos padrões de produção fossem inseridos no universo escolar. Surgiram novos termos, como “trabalhador flexível”, que significa que o trabalhador deve ter capacidades intelectuais que lhe permitam adaptar-se a uma produção flexível. O novo trabalhador deve ser capaz de dominar as linguagens, incorporando, além da língua materna, novos idiomas. Deve ter um posicionamento ético, agir com responsabilidade pelo seu trabalho, e deve possuir senso crítico e agir com criatividade. Na realidade das escolas, em grande parte, o que prepondera são as concepções e práticas pedagógicas que reproduzem e legitimam a formação dos indivíduos isolados, e que preconizam uma relação individualista com a sociedade.

A partir da promulgação da LDB 9394/96¹⁷, ocorre a regulamentação da educação profissional, especialmente com o Decreto nº 2.208/97 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino técnico e o ensino médio. Cria-se uma nova forma de dualismo na educação ao se separar o ensino médio da educação profissional. Conforme Kuenzer (2001), o caráter intermediário do Ensino Médio, a mediação entre o ensino fundamental e a formação profissional a fim de preparar para a continuidade de estudos e ao mesmo tempo para o mundo do trabalho deixa o ensino médio sem identidade.

Com a separação do ensino técnico e do ensino médio, no Decreto 2208/ 97, há uma aproximação dos cursos técnicos dos processos de produção vigentes, reforçando

¹⁷A Lei de Diretrizes e Bases da Educação veio em atendimento aos preceitos constitucionais e resultou de um longo processo de tramitação que se iniciou em 1988, ano em que foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil. Levou oito anos de tramitação no Congresso Nacional e, finalmente, em 20 de dezembro de 1996, ganhou o número 9394 e foi sancionada e promulgada (CURY, 1997).

os processos de treinamento do trabalhador, no mero domínio de técnicas de execução de atividades e tarefas no setor produtivo e de serviços – portanto, uma formação meramente técnica. Para a educação profissional, o Decreto nº 2208/97 trouxe para as escolas técnicas a possibilidade de flexibilizar o currículo em módulos, propiciando uma formação aligeirada. Os cursos direcionaram-se muito mais à necessidade do mercado: a educação é focada no ensino das competências, e os conteúdos não têm mais significado. A política educacional estabelece, através do “modelo de competências”, uma relação direta e subordinada da formação escolar ao sistema produtivo. O que prevalece, nessa lógica, são os interesses da produção e não o preparo para a cidadania.

Segundo Kuenzer (1999), na “concepção taylorista-fordista, as relações entre educação e trabalho eram mediadas por atividades operacionais”. O trabalhador era considerado qualificado quando executava tarefas com habilidade, geralmente adquirida pela combinação entre treinamento e experiência. “O conceito de competência profissional compreendia alguma escolaridade, treinamento para ocupação e muita experiência, cuja combinação resultava em destreza e rapidez”.

A partir de minha vivência na escola de ensino profissional, posso afirmar que a vinda de adultos trabalhadores para a escola técnica é uma constante. Os alunos vêm em busca de uma profissionalização ou necessitam de uma atualização. E esta qualificação, passa a ser condição indispensável, para as pessoas que vivem do trabalho pensam que se não tiverem a qualificação para o exercício de sua ocupação no entendimento desse aluno trabalhador isso irá determinar a sua condição de empregado ou desempregado.

Essa afirmação está baseada em minha experiência, em escola pública, na realização dos testes de seleção anuais e/ou semestrais das escolas técnicas. Durante o período para a seleção de ingresso de novos alunos para os cursos técnicos das escolas públicas, há sempre uma considerável procura, sempre maior do que o número de vagas oferecidas pelas escolas.

Nas escolas públicas de ensino profissional, havia a preocupação em manter os cursos atualizados de acordo com a lógica de mercado e, entre o período da promulgação do Decreto nº.2208/97, de 1998 e 1999, os cursos foram reestruturados para que a escola pública não fosse desatualizada e desinteressante ao mercado. Algumas escolas haviam assinado, anteriormente, um convênio com o Governo Federal e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - o BIRD, através do qual deveriam cumprir determinadas metas, dentre as quais estavam a organização curricular por

módulos e o ensino voltado para as competências laborais exigidas pelo mundo do trabalho, para que pudessem receber do Governo Federal verbas para poderem modernizar suas precárias instalações.

4.2 Por uma Política de Integração

A escola tem, ao longo dos anos, garantido seu papel formando as elites para assumir postos dirigentes. E, conforme Kuenzer (2000), será necessário, portanto, formular diretrizes que priorizem uma “formação científico-tecnológica e sociohistórica para *todos*,” no sentido da construção de uma igualdade que não está dada no ponto de partida, e que, por essa mesma razão, exige mediações diferenciadas no próprio Ensino Médio para atender às demandas de uma clientela diferenciada e desigual.

Na realidade política do país, ocorre a troca de Presidente da República¹⁸. Havia, conforme Frigotto, Ciavatta, Ramos, por parte do presidente Luís Inácio Lula da Silva, um compromisso assumido para a educação profissional¹⁹: “o tratamento a ser dado à educação profissional, anunciado pelo Ministério da Educação no início do governo, seria de reconstruí-la como política pública”, a fim de corrigir as distorções de conceitos e práticas de governos anteriores.

Entre essas correções, uma das mais relevantes é a publicação do Decreto nº5154/04, em julho de 2004, que revogou o Decreto nº 2208/97.

Foram retomadas as discussões sobre uma educação universal, compreendendo-a como uma educação unitária destinada à superação da dualidade entre o ensino técnico e o ensino médio, preocupada com o desenvolvimento de conhecimentos científicos abrangendo as novas tecnologias, sem ter o foco exclusivo para uma formação somente profissional.

Tais discussões dirigiram a compreensão que uma alternativa viável é um tipo de educação que contemple a integralidade e o aprofundamento dos conhecimentos do

¹⁸ No ano de 2002, é eleito o presidente Luis Inácio Lula da Silva, com o apoio de setores populares, o governo Lula.

¹⁹ Conforme já citado no início de trabalho, uma das expressões de grande relevância dada influência destes setores um grupo de trabalho, reunido em Santo André reuniu representantes de universidades, de associações sindicais a fim de elaborarem um documento para orientar a construção de políticas públicas no campo da formação profissional dirigida a jovens e adultos trabalhadores.

ensino médio, com conhecimentos do ensino técnico em uma possibilidade de integração entre estes.

Ao contemplar tal perspectiva, agregando a ciência, a tecnologia e o trabalho como eixos estruturais, estaria assim, estruturando uma formação que privilegia a integração entre ciência e tecnologia.

Esse foi um dos eixos que estruturaram e construíram as bases que originaram o Decreto nº5154/04. Esse instrumento legal, embora não tenha conseguido revogar totalmente a separação entre o ensino médio e o ensino técnico, que foi trazida pelo Decreto nº.2.208/97, teve o grande mérito de revogá-lo e de trazer de volta a possibilidade de integrar o ensino médio à educação profissional técnica de nível médio, agora, numa perspectiva que não se confunde totalmente com a educação tecnológica ou politécnica, mas que aponta em sua direção porque contém os princípios de sua construção.

O Decreto 5154/04 contempla a Educação de Jovens e Adultos a partir do art. 3º :

Os cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, referidos no inciso I do art. 1º, incluídos a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização, em todos os níveis de escolaridade, poderão ser ofertados segundo itinerários formativos, objetivando o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social.

O itinerário formativo será o percurso que o sujeito irá fazer a partir das suas escolhas, determinadas pela sua necessidade ou pelo seu interesse: qual ou quais os cursos irá fazer para compor o seu itinerário formativo. E esses cursos “articular-se-ão, preferencialmente, com os cursos de educação de jovens e adultos”(§2º Decreto 5154).

Uma formação voltada para a superação da dualidade estrutural entre cultura geral e cultura técnica ou formação instrumental (para os filhos da classe operária) *versus* formação acadêmica (para os filhos das classes média-alta e alta). Esse ensino médio dever ser orientado, tanto em sua vertente dirigida aos adolescentes como ao público da EJA, à formação de cidadãos capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando contribuir para a

transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos. (BRASIL, 2007p. 27).

Como dito, nas reformas educacionais desencadeadas, a partir da LDBEN n.º 9.394/96, em relação à educação tecnológica e à formação profissional, especialmente com o Decreto n.º 2.208/97, separou-se o que era ensino médio da educação profissional. As escolas onde trabalhei reformularam seu currículo, e posso afirmar que houve, nesse período, um intenso movimento para que a escola pudesse adaptar-se às modificações solicitadas. Os prazos eram exíguos, e houve, por parte de alguns professores, uma grande euforia, pois poderiam colocar em prática a idéia que nutriam de uma escola somente de educação profissional, imaginando que o ensino médio deixaria de existir naquele local para sempre.

A dualidade entre as duas modalidades de ensino acentuou-se com a implementação do decreto, e deixou-se de discutir o que era central na escola: o currículo, para disputar-se cargas horárias, formas de seleção e ingresso de alunos aos cursos técnicos. Na primeira proposta de reformulação curricular, nem a Língua Portuguesa era contemplada, sendo necessária muita negociação para a inclusão dos conteúdos da formação geral. A escola Parobé, por possuir um grande número de alunos na área industrial, foi uma das primeiras a assinar o convênio com o Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP, visando à melhoria de sua estrutura física.

A discussão em torno da formação dos alunos restringia-se somente ao aumento da carga horária, sem considerar tais alunos como seres humanos, que estabelecem suas relações com o meio ambiente e com os outros seres humanos, podendo transformar a sua realidade. Essa ausência de reconhecimento do ser humano como um ser integral tem um vínculo com a história da educação profissional, como visto.

No entanto, após a promulgação do Decreto, pouco mudou na realidade que eu vivenciava. A dualidade estrutural permanecia: o ensino médio continuava sem relação com a formação profissional, e a educação técnica era destinada ao sistema produtivo seguindo uma lógica do sistema de organização para o trabalho taylorista-fordista, relacionada a um processo individual de aprendizagem de formas de fazer definidas pela necessidade da ocupação a ser exercida.

A promulgação do decreto n.º5154/04 apontava a superação da dualidade do ensino no país, integrando novamente o ensino médio e a educação profissional ao revogar o decreto n.º2208/97 naquilo que proibia a integração entre a educação profissional e o nível médio. Os cursos seriam planejados de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com uma matrícula única.

Para que a integração entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio constitua-se em política pública educacional é necessário que essa assuma uma amplitude nacional na perspectiva de que as ações realizadas nesse âmbito possam enraizar-se em todo o território brasileiro. (BRASIL, 2007).

A preocupação não deveria se restringir somente à integração entre o ensino médio e a educação profissional, mas sim à união dessas modalidades de ensino com a modalidade de jovens e adultos EJA. É uma questão relevante, pois essa modalidade trata com sujeitos historicamente excluídos do sistema de ensino - e hoje com um agravante que é muito significativo que são em grande parte os jovens que frequentam cada vez mais essa modalidade, devido a constantes insucessos no sistema regular de ensino. Além disso, ainda não se conseguiu equacionar as dificuldades financeiras das famílias, e apesar dos programas como o Bolsa Família, ainda é significativo o número de jovens que abandonam a escola para ingressar no mercado de trabalho com o intuito de auxiliarem a sua família na composição da renda. Jovens que, mais tarde, retornam para a EJA – com objetivo de conseguirem uma melhor colocação no mercado de trabalho, certos de que esta lacuna na escolarização lhes fez falta.

Outra questão apontada refere-se que, em âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, há pouca ou nenhuma expectativa de inclusão de jovens de classes populares entre os atendidos pelo sistema de educação profissional.

Portanto, é fundamental a construção de uma política pública voltada para a EJA que contemple a elevação de escolaridade com profissionalização, no sentido de contribuir para a integração sociolaboral desse grande contingente de cidadãos cerceados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade. (BRASIL, 2007 p.11).

4.3 PROEJA – Tempos Legais Tempos de Constituição

O objetivo do Programa é criar uma política pública voltada para a educação de jovens e adultos que contemple a elevação da escolaridade com profissionalização.

Para a implantação do programa, é necessário superar diversos desafios políticos e pedagógicos. Construir um currículo integrado, considerando-se as especificidades desse público tão diverso – uma proposta de ensino médio integrado à educação profissional na modalidade EJA – constitui-se uma possibilidade de ressignificar a sociedade, de compreender que o público destinatário da política tem características diferenciadas. E eleger quais são os instrumentos para reconhecimento dos saberes adquiridos em espaços não-formais de aprendizagem; como articular as diferentes políticas sociais e qual o papel da escola pública são alguns dos questionamentos trazidos pelo PROEJA.

Um dos passos a dar para a implementação dessa política é o rompimento com a dualidade histórica e estrutural: ensino médio versus educação profissional. Conceber uma proposta de educação integrada é estabelecer uma conexão entre trabalho, ciência e tecnologia, levando em conta o ser humano como ser integral, o saber acumulado, o resgate da cidadania, dando aos educandos maiores condições de intervir na sociedade para buscar seus direitos e construir uma sociedade mais justa. Isso vai requerer dos educadores, tanto da EJA quanto da educação profissional, uma postura diferenciada: na metodologia, na escuta – essencial para que possam ser conhecidos os saberes trazidos pelos alunos trabalhadores e para a articulação desses saberes aos conteúdos.

O PROEJA, ao tratar da formação humana, idealiza-a como indissociável da compreensão do mundo, para que o sujeito possa agir na construção de uma sociedade mais justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele (BRASIL, 2006).

A formação do educador para atuar com o ensino da EJA integrado à educação profissional será um grande desafio. O PROEJA propõe um desafio pedagógico e gerencial em que se torna necessária a formação/qualificação de professores e gestores para atuar na implantação, implementação, monitoramento e avaliação do programa, bem como profissionais aptos a produzir e sistematizar conhecimentos em seus campos

de abrangência. Em atendimento parcial a essa necessidade, a SETEC, em colaboração com os IFET e Universidades, distribuídos nas regiões do país, tem promovido anualmente cursos de Especialização PROEJA – Pós-Graduação Lato Sensu.

O documento-base do PROEJA ressalta a importância do papel do professor enquanto sujeito que, ao buscar alternativas para sua prática pedagógica, torna-se aprendiz. Para se estabelecer uma outra prática pedagógica, é necessária a definição, no projeto político-pedagógico da instituição escolar, de um trabalho pedagógico interdisciplinar em que as áreas de conhecimento dialoguem entre si, em sintonia com a realidade, a cultura, as vivências e experiências. É preciso pensar nos sujeitos que se quer formar com uma postura ética e humana, cujos comportamentos e valores possibilitem a construção de uma consciência social emancipadora e transformadora da realidade.

Outra ação é o Acordo de Cooperação Técnico-Científico-Pedagógico PROEJA CAPES/SETEC²⁰ no desenvolvimento de núcleos de pesquisa sobre PROEJA, tanto dos aspectos pedagógicos como os de gestão e de fomento à criação de linhas de pesquisa que contemplem a proposta do PROEJA nos programas de pós-graduação *stricto sensu* existentes no país. No Rio Grande do Sul, a pesquisa tem por objetivo mapear as experiências de educação profissional e tecnológica integrada à educação de jovens e adultos no Estado do Rio Grande do Sul, visando contribuir com um campo de estudos teóricos, metodológicos e interdisciplinares, através de estudos acerca de diferentes aspectos que giram em torno desse campo, tais como: produção de saberes no e para o trabalho; trabalho e saberes docentes; diversidade e produção de identidades sociais; construção de currículos, cenários regionais, historicidade e contexto social (Projeto nº10, p.4, CAPES/PROEJA).

²⁰ Grupo de pesquisa do qual faço parte. No Rio Grande do Sul, o PROEJA CAPES/SETEC desenvolve-se sob a coordenação das universidades: UFRGS, UFPEL e UNISINOS. É uma ação conjunta entre a Escola Técnica- ET; Colégio de Aplicação da UFRGS, ; Colégio Industrial de Santa Maria; CEFET de Pelotas e suas Unidades de Ensino de Charqueadas e Sapucaia do Sul; Escola Agrotécnica Federal de Alegrete e CEFET de Bento Gonçalves.

O PROEJA foi implantado primeiramente na rede federal de educação técnica e tecnológica. Foi destinado, no ano de 2006, o correspondente a dez por cento (10%) das vagas oferecidas em 2005 para o ensino médio integrado à educação profissional, destinadas a jovens com acima de 18 anos e adultos que tenham cursado somente o ensino fundamental. Conforme Caetana Juracy Rezende Silva²¹ (2007), “a política de integração tem-se constituído em uma teia de ações complexas e que se articulam de maneira mais ou menos direta” (p.1).

A implantação do PROEJA, aqui no estado, ocorreu, assim como em outras instituições federais de nível técnico no país, através de uma determinação do MEC para o cumprimento do Decreto nº5840/06 – o qual instituiu o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

As instituições foram surpreendidas com tal determinação – e uma de suas primeiras ações foi encaminhar os docentes das instituições a frequentarem um Curso de Especialização Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – na UFRGS, que iniciou em agosto de 2006, juntamente com outra turma em Bento Gonçalves. O PROEJA foi implantado inicialmente nos seguintes IFET: IFET RS Campus de Bento Gonçalves, e Campus de Porto Alegre em parceria com o Colégio de Aplicação dessa Universidade, o IFET Sul Rio-Grandense Campus de Pelotas, e Campus de Charqueadas, Campus Sapucaia dos Sul, a Escola Técnica de Santa Maria, o IFET Farroupilha Campus de São Vicente do Sul, e Campus de Alegrete - Escola Técnica Agrícola, além de escolas da rede estadual e de redes municipais.

Algumas instituições já tinham a experiência com a Educação de Jovens e Adultos, mas o PROEJA estava se revelando em uma proposta desafiadora para as instituições tradicionalmente voltadas para a formação profissional.

Os cursos escolhidos para tal formação foram Curso Técnico em Operações Comerciais; Curso Técnico em Informática com ênfase em Hardware e Redes Integrado à Educação de Jovens e Adultos de Nível Médio (PROEJA- Informática); Curso Técnico Agrícola - Habilitação Agroindústria com ênfase em Produtos de Origem

²¹ Técnica em Assuntos Educacionais do Ministério da Educação e Coordenadora Geral de Educação Técnica no Departamento de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Artigo publicado no <<http://portal.mec.gov.br/setec>>.

Animal Integrado à Educação de Jovens e Adultos de Nível Médio (PROEJA-Agroindústria); Curso de Processos Administrativos; Curso de Instalação e Manutenção Industrial; Curso de Técnico de nível médio em montagem e manutenção de computadores – forma integrada – modalidade EJA.(Ver quadro 4)

Os cursos oferecidos foram na área do Comércio; na área de Informática; na área da Agroindústria, na área de Moda e de Manutenção Industrial. Pelas características de ensino das instituições, pude perceber, por exemplo, que em Bento Gonçalves seus cursos tanto técnicos quanto os tecnólogos não têm tal formação para alunos desse nível de ensino. Em Sapucaia do Sul, encontrei a mesma realidade, em São Vicente do Sul o curso de informática está sendo oferecido tanto em nível de formação técnica quanto tecnológica. Na instituição de Santo Augusto, há ênfase entre as formações mas não há o oferecimento do mesmo curso. No CTISM/Santa Maria, o curso oferecido para a formação em PROEJA pertence a área do qual é oferecido à formação técnica pós-médio, mas não dá aos alunos do PROEJA o mesmo status após concluírem seus cursos. Na escola de Alegrete, os dois cursos oferecidos pertencem ao elenco de cursos ofertado pela escola, tanto a nível superior quanto técnico. Em Pelotas, também não há a relação com os outros cursos oferecidos, *claro que podemos encontrar ênfase* em algumas das formações como a de eletrônica e a de comunicação visual, mas o perfil de conclusão é totalmente diferente. Em Charqueadas²², o curso oferecido pertence à grade de oferta dos cursos da instituição. Na instituição CAVG, ocorre o mesmo.

No artigo do livro Reflexões sobre a Prática e a Teoria em PROEJA (2007), essa questão já havia sido levantada como uma importante discussão a respeito da formação que está sendo oferecida:

Como grandes questões retiradas dos resultados destas pesquisas é possível citar: a formação profissional do PROEJA não correspondendo as de excelência das instituições – no caso da UNED de Sapucaia do Sul vinculada ao setor plástico e no CEFET de Bento Gonçalves ao curso de Enologia – é considerada de segunda categoria? Será uma formação profissional de pobre para pobre? (ARENHALT, FRANZOI, SANTOS 2007,p.28).

²² Vou apresentar maior detalhamento na análise dos dados, visto ser a instituição que eu estou pesquisando.

Tal questionamento, a respeito das motivações dessas instituições para assumirem esse posicionamento, ao decidirem sobre a oferta de seus cursos, se faz presente em nossos encontros do grupo de pesquisa CAPES / PROEJA - pois é quando os diversos atores que estão atuando na proposta podem discutir, trocar idéias, apresentar propostas, com a finalidade de juntos buscar a compreensão e a superação das dificuldades que se apresentam na implantação dessa política.

Segundo a instituição de Sapucaia do Sul, houve a realização de uma pesquisa junto a diferentes segmentos da sociedade (...) *ouvimos a comunidade estudantil e setores do comércio e indústria de Sapucaia do Sul e região acerca do curso técnico que ofereceríamos dentro do PROEJA (BERGAMASCHI, NORO 2007 p.90).*

Ainda em relação ao levantamento realizado, constatou-se que a preferência dos estudantes de EJA é para o curso de informática – a instituição ouviu ainda os representantes do Comércio do município “cujo resultado demandou formação nas áreas de tecnologia da informação (informática), comércio (vendas e atendimento ao público) e gestão (negociação e autonomia para resolução de problemas)” (p.91)

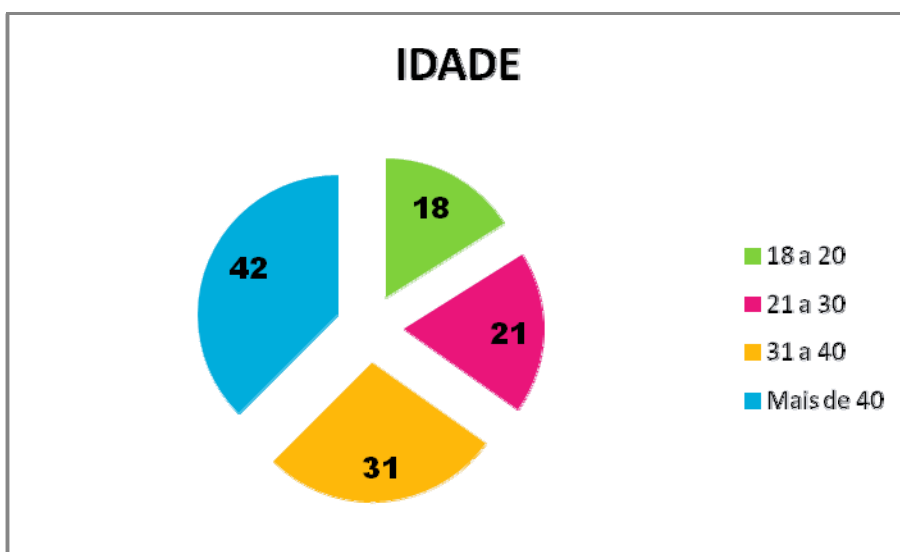
Houve uma avaliação por parte da instituição ao considerarem as demandas externas do mundo do trabalho, e um estudo realizado pelo IBGE “*indicava as áreas de comércio e serviços como potencial no aumento de vagas de ocupação em micro e pequenas empresas, para pessoas a partir dos 50 anos de idade, com 11 anos ou mais de estudo*”. Aliado a esses dados, houve a conveniência da instituição à adequação de recursos humanos e recursos materiais na implementação do curso de PROEJA.

A seguir, apresento os dados colhidos e sistematizados pela equipe CAPES/PROEJA. Esses se referem à escolha dos Cursos por instituição (quadro 1); Idade do público dos cursos de PROEJA (gráfico 1).; nível de escolarização do público, (Gráfico 2). E de alunos trabalhadores dos cursos (gráfico 3).

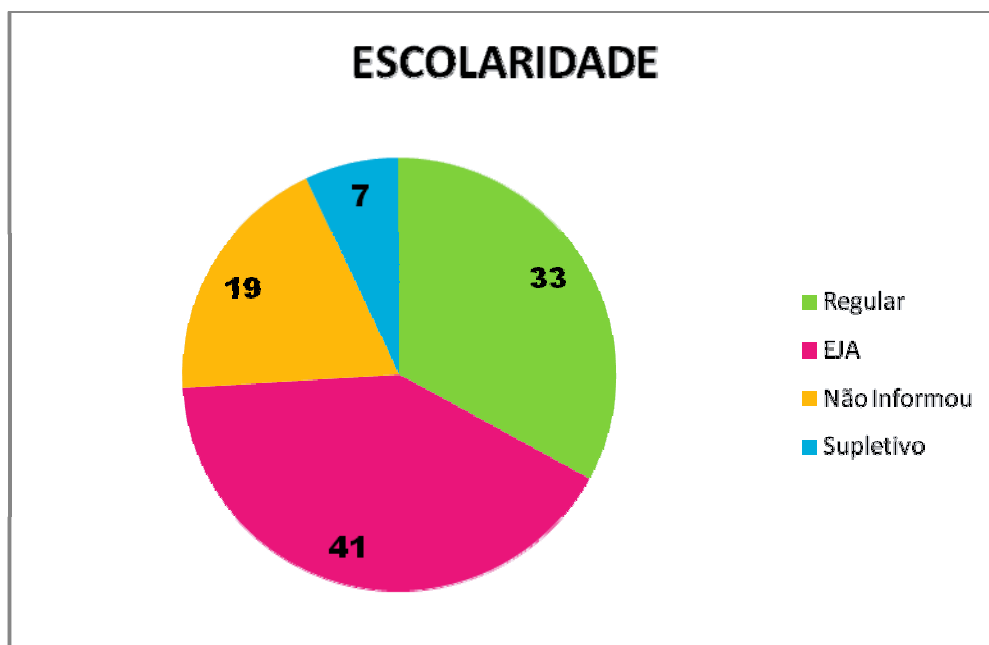
QUADRO 1: CURSOS/ INSTITUIÇÃO

INSTITUIÇÃO	CURSOS
BENTO GONÇALVES	Técnico em Comércio.
SAPUCAIA DO SUL	Técnico Nível Médio em Processos Administrativos
SANTO AUGUSTO	Técnico em Operações Comerciais
PELOTAS	Técnico de Nível Médio em Montagem e Manutenção de Computadores
CHARQUEADAS	Técnico de Nível Médio em Informática – Forma Integrada
CAVG/UFPEL	Técnico de Nível Médio em Vestuário: Modelagem e Confeção
CTISM/SM	Instalação e Manutenção Industrial
SÃO VICENTE DO SUL	Curso Técnico em Informática
EAFA	Técnico Inform. com ênfase em Hardware e Redes e Técnico com Habilitação em Agroindústria
CAVG/UFPEL	Agroindústria Familiar

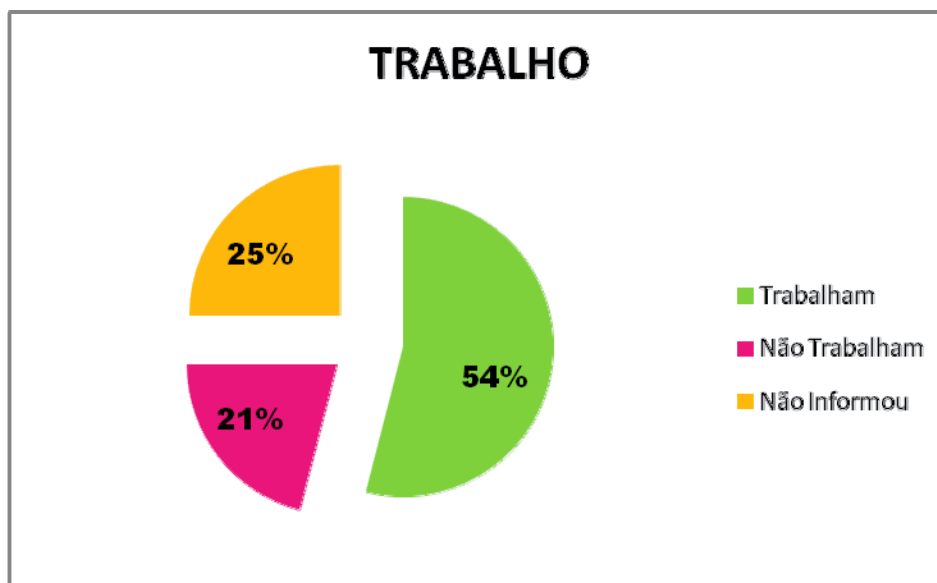
Fonte: CAPES/PROEJA – Sistematização de dados Brasília/2008

Gráfico 1: Idade

Fonte: CAPES/PROEJA – Sistematização de dados Brasília/2008
Organizado por Valdinei Marcolla

Gráfico 2: Escolaridade

Fonte: CAPES/PROEJA – Sistematização de dados Brasília/2008
Organizado por: Valdinei Marcolla

Gráfico 3: Índice de Trabalho

Fonte: CAPES/PROEJA – Sistematização de dados Brasília/2008
Organizado por : Valdinei Marcolla

De acordo com os gráficos, verificou-se que 42% dos alunos estão na faixa etária entre 21 e 30 anos, a segunda maior idade está entre 31 e 40 anos, representando 31%. Verificou-se, de acordo com os dados apresentados, que 41% dos estudantes provêm de cursos de EJA, assim como os alunos trabalhadores representam 54%. Analisando esses dados, constatei que de certa forma o PROEJA está atingindo a população a qual se destina à política.

Outro aspecto a ser considerado refere-se à duração/carga horária dos cursos o Decreto 5840/06 estabelece em seu artigo 4º - *Os cursos de educação profissional técnica de nível médio do PROEJA deverão contar com carga horária mínima de duas mil e quatrocentas horas, assegurando cumulativamente:*

I - Destinação de, no mínimo, mil e duzentas horas para a formação geral;

II – a carga horária mínima estabelecida pra a respectiva habilitação profissional técnica;

Assim, de acordo com o referido Decreto, a formação profissional deverá contemplar a carga horária mínima estabelecida para a respectiva habilitação profissional, portanto conforme a opção formativa da instituição será acrescida a esta a

carga horária que se refere à formação na modalidade EJA ou geral que é de no mínimo 1.200 horas, observando-se as diretrizes curriculares nacionais. Cada instituição apresentará a sua matriz curricular, no IFE de Charqueadas foi proposto: 2640 horas do curso - 2400 de carga horária acrescidas de 240 de estágio curricular obrigatório.

A instituição adotou o regime de matrícula seriado, com periodicidade letiva anual e modalidade presencial. No Projeto Político Pedagógico, o sistema de avaliação da instituição se entende:

Quando o professor deseja que cada um de seus alunos se desenvolva da melhor maneira e saiba expressar suas competências, avaliar é mais do que aferir resultados finais ou definir sucesso e fracasso, pois significa acompanhar o processo de aprendizagem e os progressos de cada aluno, percebendo dificuldades e procurando contorná-las e superá-las continuamente. (PPP. 2006:38/39).

5 ANÁLISE DOS DADOS:

Apresento, neste capítulo, para que se tenha claro, a forma utilizada na busca da compreensão das questões relativas à escola estudada, bem como a respeito da visão dos sujeitos dessa turma, para tal organizei desta maneira:

1- Situo e contextualizo a realidade do município, apresento o cenário da pesquisa, a realidade sócio-econômica e histórico-escolar do município, os dados foram obtidos através de consulta junto a dados divulgados pelo INEP, IBGE, Prefeitura Municipal de Charqueadas;

2 - Apresento os sujeitos dessa pesquisa, as concepções de cidadão e as especificidades desses sujeitos, que estão implícitas no processo de formação;

3 - As opções dos gestores para a escolha da formação, como foi o processo de constituição da escola, do planejamento inicial à escola real;

5.1 O CENÁRIO DA PESQUISA²³



²³Esse item foi desenvolvido tendo como fonte de pesquisa o site www.charqueadas.rs.gov.br – acessado em 04/06/08. E a partir de dados extraídos do Plano de Curso CNCT – PROEJA – INFORMÁTICA – CHARQUEADAS.

O município de Charqueadas está localizado a 56 km de Porto Alegre. Tem uma população de 33.621 habitantes, e a sua área é de 214,80 km², sendo maior a área rural do que a urbana. O município de Charqueadas foi emancipado em 1982. Sua economia é baseada na indústria, e a atividade predominante é a transformação de aço, sendo a maioria da população operária. A renda familiar da maioria da população é de até três salários mínimos, e o grau de escolaridade que predomina é o ensino fundamental incompleto. A taxa de desemprego está estimada em 14,7% (FEE-RMPA, Abril/05).

Segundo os dados do IBGE/2000, do total de pessoas com 10 ou mais de idade, 5,69% não possuem instrução ou possuem menos de um ano de estudo; 55,22% possuem de 1 a 7 anos de estudo; 20,29% possuem de 8 a 10 anos de estudo; 15,23% possuem de 11 a 14 anos de estudo, e 2,20% possuem 15 ou mais anos de estudo.

A população jovem do município representa 40% da população (Censo Demográfico 2000 – IBGE), e a cidade não tem muitas alternativas de lazer e esporte. Ocorre que muitos desses jovens acabaram se marginalizando, indo ao caminho das drogas, da criminalidade. As taxas de evasão e repetência no município são elevadas, por volta de 4,5% de abandono e 18% de reprovação no ensino fundamental, e 20,4% de abandono e 13,9% de reprovação no ensino médio.

A partir da extração de carvão, surgem as principais empresas, cada uma representando um segmento: COPELMI (mineradora extrativista), TRACTABEL (usina termelétrica), GNK do Brasil, entre outras, e Aços Finos Piratini, que deu origem ao ciclo da siderurgia e à implantação do pólo metal-mecânico. As atividades econômicas modificaram a vida na região. A inauguração da siderúrgica de aços especiais, a Aços Finos Piratini, hoje, pertencente ao Grupo Gerdau, representou um forte dinamismo para o município, pois, além da absorção da mão-de-obra, atraiu outras empresas para Charqueadas, a maioria do ramo metal-mecânico.

Segundo dados fornecidos pelo IBGE (2005), onde se encontra um maior número de postos de trabalho, no município de Charqueadas, de pessoas assalariadas é na indústria de transformação, e o comércio e serviços é o que detém o maior número de estabelecimentos, mas não o de pessoas assalariadas. Isso demonstra que a indústria é muito importante no desenvolvimento econômico da região.

5.2 - Estabelecimentos de ensino do município

O município possui 17 escolas de nível fundamental, sendo assim distribuídas: municipais: dez (oito urbanas e duas rurais); estaduais: sete (seis urbanas, uma rural); particular: uma (urbana). No Ensino Médio, a cidade conta com duas escolas estaduais, duas escolas particulares, e uma federal, também urbana. No ensino técnico o município conta com uma escola federal e duas particulares.

A modalidade de Educação para Jovens e Adultos está em duas escolas da rede estadual, que oferecem a modalidade no nível fundamental e uma que é um NEJA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, e em uma escola particular.

5.3 - Evolução das matrículas

5.3.1 – Matrículas de EJA

Na EJA, nível médio, é crescente o número das matrículas, considerando-se o período de **2000 a 2008**. Na rede pública, inversamente ao que vem acontecendo na rede privada, há um crescimento de mais de 65%, até o ano de 2006. Nos anos de 2007 e 2008, há uma significativa diminuição dos índices de matrículas.

Quadro 2

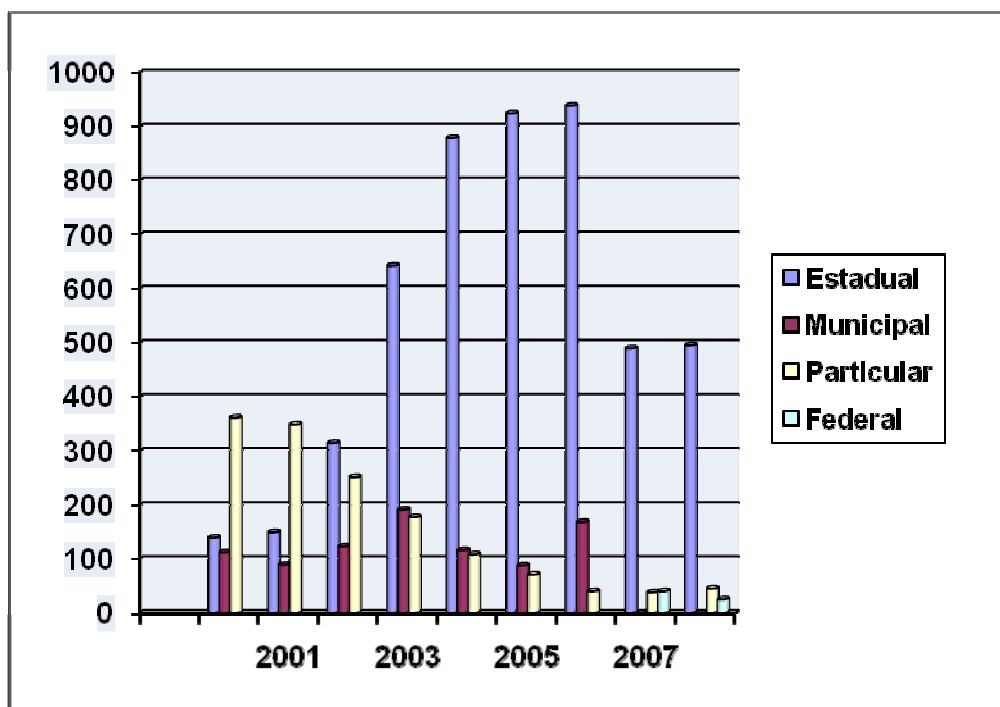
Evolução das Matrículas EJA Nível Médio 2000 a 2008 / Charqueadas

EJA	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Estadual	139	149	314	642	878	924	938	489	495
Privado	361	348	251	177	108	71	40	38	45
Federal	0	0	0	0	0	0	0	40*	25*

Quadro 2: Evolução das Matrículas EJA/Charqueadas

* Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos
Fonte: INEP/MEC

Gráfico 4 – Índice de Matrículas EJA de 2000 a 2008.



5.3.2 - Matrículas no Ensino Médio

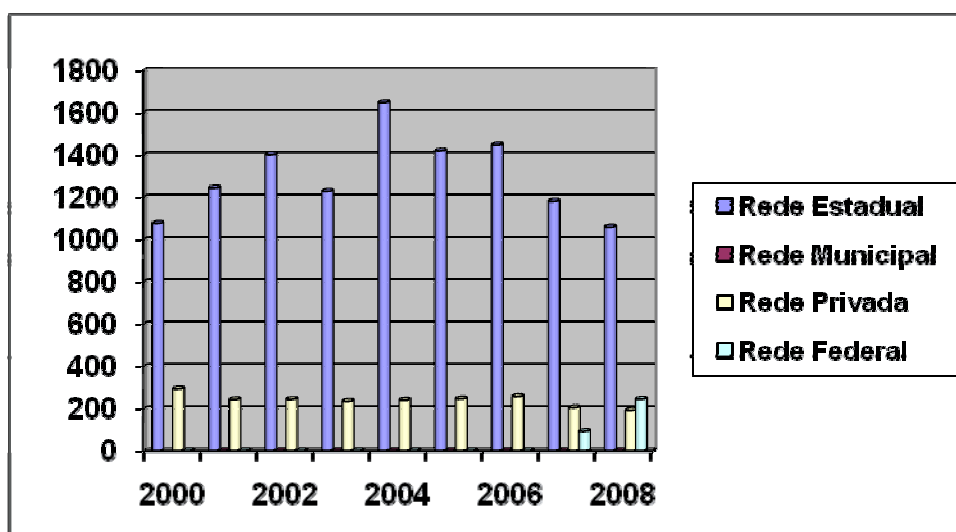
No ensino médio do município, também no ensino público da rede estadual, podemos observar que há um crescimento de 26% durante o período de seis anos. E também ocorreu uma queda nas matrículas na rede privada. Durante o período analisado especialmente os anos de 2006 á 2008 há um decréscimo nas matrículas na rede estadual, mas a causa deste fator pode ser explicada, em parte com a instalação da escola técnica federal em 2006 no município.

Quadro 3: Evolução das Matrículas Ensino Médio/ Charqueadas.

Evolução das Matrículas no Ensino Médio de 2000 a 2008 / Charqueadas

Ensino Médio	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Rede Estadual	1.076	1.243	1.400	1.228	1.647	1.418	1.447	1.180	1058
Rede Municipal	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rede Privada	293	242	243	234	239	245	257	204	191
Rede Federal	0	0	0	0	0	0	0	92	244

Fonte: INEP/MEC

Gráfico 5: Índice de Matrícula Ensino Médio**5.3.3 – Matrículas no Ensino Técnico**

Quanto ao ensino técnico, o município possui uma escola da rede estadual, que oferece curso na área de Química, e de Magistério uma escola no Sistema Federal – IFE que oferece cursos na área Industrial como: Mecatrônica, na área de Informática e Construção Civil e Gestão. A rede privada de ensino tem duas escolas com cursos nas

áreas de Gestão, Meio Ambiente, Saúde, Indústria, Informática, oferecendo cursos de Eletrônica, Informática, Enfermagem, Contabilidade, Secretariado, Segurança no Trabalho, Eletromecânica, Gestão de Políticas Ambientais, Gestão Empresarial, Gestão de Finanças, Gestão de Marketing, Gestão da Produção Industrial.

Evolução das Matrículas na Educação Profissional

Quadro 4: EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS EDUCAÇÃO PROFISSIONAL/CHARQUEADAS

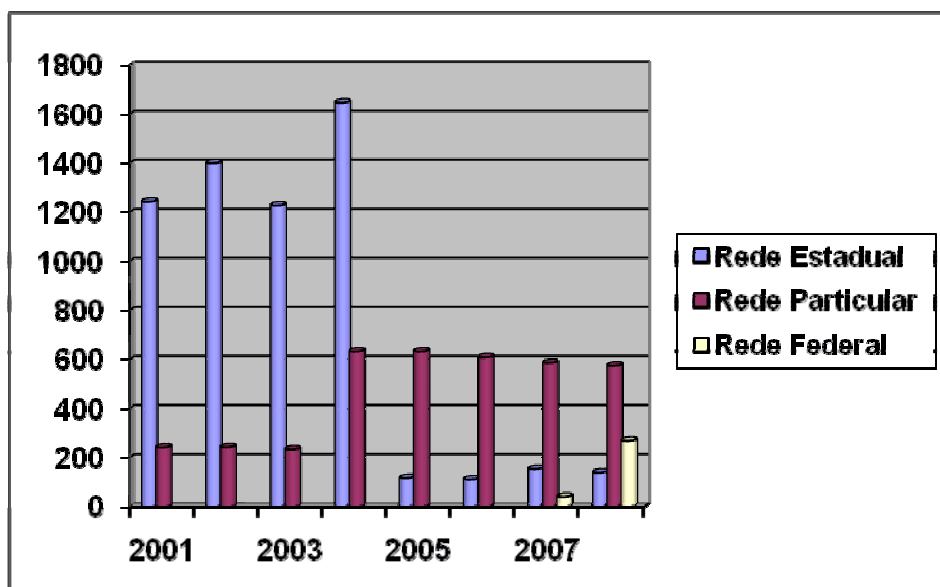
	2001	2002	2003	2004	2005**	2006	2007	2008
Rede Estadual	1243	1.400	1228	1647	117	111	154	139
Rede Privada	242	243	234	239	633	609	586	575
Rede Federal	0	0	0	0	0	0	40*	269

Fonte: INEP/MEC

* Educação profissional / Integrada à Educação de Jovens e Adultos

**Opção das escolas em oferecer somente o ensino pós-médio. Maior demanda para a rede privada.

Gráfico 6: Índice de Matrículas na Educação Profissional



Esses dados foram apresentados com o objetivo de analisar e sinalizar a mudança dos índices de matrículas na EJA, educação profissional e ensino médio ocorridas após a implantação do IFET Campus Charqueadas. Uma instituição centenária de educação, que em pouco mais de dois anos nesta cidade, já representa 50% das matrículas do ensino técnico e 25% das matrículas do ensino médio, quando comparado à rede estadual. Na modalidade EJA, ainda é incipiente cerca de 10% do total das matrículas da rede pública. Vamos torcer para que essa modalidade de ensino se fortaleça para além dos muros da escola e traga mais pessoas a cursarem a formação de PROEJA. Contribuindo para solidificar essa política e diminuindo os índices de pouca escolarização da população desta região, e quiçá facilitando a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho.

5.4 - Os Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos protagonistas desta pesquisa foram selecionados, pois estava tentando reconhecer dentre eles aqueles que melhor se identificaram com o objeto do meu estudo, os interlocutores deste estudo, com as suas falas darão a matéria-prima para a investigação.

Minha preocupação inicial foi esclarecer aos estudantes da turma quais eram as minhas intenções para realizar a pesquisa, por que estava lá e se gostariam de participar.²⁴

Ao definir quem seriam os sujeitos da minha pesquisa - a turma de PROEJA do curso técnico em Informática do campus de Charqueadas - senti necessidade de me aproximar deles para explicar o meu trabalho, e cheguei à escola com muita ansiedade. Nesse momento, apesar de toda a minha experiência profissional, sentia como se fosse meu primeiro dia de trabalho com uma turma de alunos. Todos os estudantes do curso tiveram muito a contribuir com o meu trabalho, mas precisava, neste estágio, definir quantos eu iria selecionar para após constituir a análise dos dados levantados. A seguir, agendei a realização das entrevistas com alguns educandos para os próximos dias, na mesma semana, agendei uma entrevista com o gerente de educação para esclarecer quais eram os meus objetivos para pesquisar aquela instituição de ensino,

²⁴ Diário de campo : neste dia cheguei lá na escola muito nervosa e com muita expectativa fui recebida, pela coordenadora do PROEJA da escola e a seguir fui conduzida até a sala de aula, me apresentei ao grupo de alunos e expliquei como pretendia realizar o meu trabalho. Fui muito bem recebida e acolhida, todos aceitaram participar e logo fiz um cronograma de encontros para poder ouvir a todos.

justificando a minha presença na instituição. Dessa forma, é indispensável que o pesquisador fique em contato direto com a realidade desses interlocutores, narrando e analisando todos os dados e manifestações presentes no grupo.

O gerente de ensino demonstrou-se muito acolhedor e receptivo a realização desta pesquisa.

A primeira parte do trabalho que realizei constituiu-se de um questionário, realizei com todos os alunos da turma (20) vinte alunos, tinha por interesse verificar a faixa etária, sexo, estado civil, procedência, nível de estudo, hábitos de estudo, trabalho (e em que área), salário e renda, e suas impressões acerca do curso em que estão matriculados.

A segunda parte do trabalho consistiu na elaboração de um roteiro de entrevista semi-estruturada, que compreenderam questões relativas à escolha do curso, qual a sua relação com o trabalho e a escola, além de tentar compreender os motivos que os levaram a cursar novamente o ensino médio. Para constituir esta etapa, não tive a preocupação com a questão de gênero, foram entrevistados onze alunos do curso, em dois momentos: o primeiro momento se deu antes que eu qualificasse o projeto de dissertação - entrevistei quatro alunos e esses estavam no segundo ano do curso; o segundo momento, então, foi após a qualificação, quando entrevistei os outros sete alunos que estavam cursando o terceiro ano.

O roteiro de entrevista semi-estruturada compreendeu mais de trinta questões subjetivas, já visava à composição de algumas categorias para realizar a análise dos dados, como: Perfil, Trajetória Profissional e Formativa, Projetos Futuros, Motivação para o Curso e Significado do Curso, Atendimento das Expectativas. Após a transcrição das entrevistas e leitura do material obtido nas questões subjetivas do roteiro, e com base, portanto, no material empírico estudado, encontrei quatro categorias de análise. Na categoria Relação com o Trabalho, utilizei como indicador a Trajetória Profissional, e, na categoria Relação com a Escola, a Trajetória Formativa. Na categoria A Escolha do Curso, utilizei como indicadores: Projetos Futuros, Perspectivas e Expectativas. Por último, na categoria Significado do Curso, utilizei como indicadores o espaço educativo, as relações no interior da escola e o espaço físico.

Os alunos foram entrevistados na escola, os professores eram comunicados antecipadamente da minha presença e liberavam os alunos para participarem. O fato de ter realizado esta pesquisa em dois momentos propiciou uma maior compreensão do meu objeto de estudo, pois assim tive a oportunidade de adensar as minhas reflexões, e

realizar acréscimos ou recortes a respeito do material colhido; cumpre salientar que nada do que foi obtido foi descartado. Procurei aprofundar as questões a serem investigadas, o que me proporcionou a confrontação de alguns dados, enriquecendo o meu trabalho.

Entrevistei o gerente de educação e a supervisora pedagógica da escola com o objetivo de colher mais subsídios que me auxiliassem na composição e análise dos dados a respeito dos motivos que levaram a instituição a escolher esse curso.

As informações obtidas através de questionários e entrevistas foram aplicadas no primeiro e no segundo semestre de 2008, e sistematizadas no primeiro semestre de 2009.

5.5 - A Escola Estudada



Figura 1

Fonte: www.ifsul.edu.br

Conforme relatei no início dessa dissertação, a instituição foi escolhida por desenvolver o curso de PROEJA integrando à educação de jovens e adultos, articulado com a educação profissional. E para investigar porque os estudantes dessa turma estão realizando este curso, mesmo com o ensino médio concluído.

A instituição onde realizou esse estudo foi instituída no município de Charqueadas²⁵ no ano de 2006, mas a rede de educação da qual faz parte é centenária. A seguir, busco situar o leitor trazendo um pouco da história da instituição que pertence à rede federal de educação profissional²⁶.

Os CEFETs surgiram em 1978, com a Lei 6.545/78, que dispôs sobre a transformação das escolas técnicas de Minas Gerais, do Paraná e do Rio de Janeiro em Centros. Em 1999, além desses, foram criados os CEFETs da Bahia e do Maranhão. O objetivo desses centros era o de ofertar, em uma mesma instituição, cursos profissionais, em diferentes graus e níveis de ensino, em estreita integração e articulação com o sistema produtivo.

Em 7 de julho de 1917, data do aniversário de Pelotas, foi criada a *Escola de Artes e Ofícios* por iniciativa da diretoria da *Bibliotheca Pública Pelotense*. A escola teve seu prédio construído através de doações da comunidade. O terreno foi doado pela Intendência Municipal e localiza-se na Praça Vinte de Setembro. Em 1999, ocorreu a transformação da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas - CEFET-RS, o que possibilitou a oferta de cursos superiores e de pós-graduação, abrindo espaço para projetos de pesquisa e convênios, com foco nos avanços tecnológicos.

No ano de 2006, o Secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação SETEC/MEC, Eliezer Pacheco, inaugurou, oficialmente, a primeira escola técnica federal do município de Charqueadas. A escola é uma Unidade de Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas CEFET²⁷. A instalação da escola faz parte do programa de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do MEC²⁸, lançado em 2005. A criação de novas Unidades de²⁹ Ensino Descentralizadas pauta-se por importantes objetivos, como: elevação da oferta de matrículas; interiorização da rede; criação de instituições em estados até então

²⁵ Esse item foi desenvolvido tendo como fonte de consulta alguns folhetos do CEFET de Charqueadas e também consultando o site www.cefetrs.br/memorial. Acesso em 04.06.08.

²⁶ Em 23 de setembro de 2009, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica completará 100 anos. O Ministério da Educação, cômico da relevância histórica para a educação nacional pública e 100% gratuita, comemorará essa data realizando diversos eventos entre 2009 e 2010.

²⁷ Hoje IFET Sul-Rio-Grandense – Campus Charqueadas.

²⁸ Estão em funcionamento, em todo o país, 75 novas escolas técnicas federais. Dessas, 53 integram a primeira fase do plano de expansão da educação profissional e tecnológica, lançado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2005.

²⁹ As outras 22 instituições de ensino fazem parte da segunda fase do plano, apresentado em 2007. Até o fim deste ano, estarão concluídas as 64 escolas da primeira etapa; as demais 150 (segunda etapa) serão entregues até dezembro de 2010. Estão em funcionamento, no total, 215 instituições.

não atendidos pela rede federal, entre outros. Merece citação o critério que definiu a localização das novas unidades, com base na identificação de cidades-pólos como mesorregiões.

Esse caminho aprofundará a contribuição da rede federal ao desenvolvimento socioeconômico de diversas regiões, permitindo o acolhimento de um público historicamente posto à margem de políticas de formação profissional, entre outros benefícios, o que, sem dúvida, contribuirá para uma mais justa ordenação do território brasileiro a partir da inclusão de regiões há tempo excluídas das políticas públicas em Educação Profissional e Tecnológica.

De acordo com o Ministério, há, na região, grande procura por profissionais e quadros técnicos de nível médio para empresas dos setores metalúrgico, mecânico, moveleiro, agroindustrial, têxtil e de alimentos. Para a implantação de uma escola em um município dentro do Programa de Expansão da Rede Federal, esse deve apresentar uma contrapartida. Sendo assim, o município de Charqueadas doou o terreno de 6 hectares ao Governo Federal. O prédio que hoje é ocupado pela escola foi construído com outra finalidade, estava lá há dezesseis anos e tinha como objetivo inicial a construção de uma escola de ensino fundamental com ensino técnico, necessitando, assim, passar por grandes reformas, que ainda estão sendo executadas. Os recursos para as reformas e construções são disponibilizados pelo Ministério da Educação.

A Escola possui uma área construída de 3.585 m², seu endereço consta no bairro Centro da cidade, próximo ao Parcão da cidade, as moradias próximas ao prédio são simples e ainda tem uma rua de acesso totalmente sem asfalto. O seu quadro de pessoal docente e administrativo é composto por pessoas muito qualificadas – são especialistas, mestres e doutores. A estrutura física conta com salas de aula, laboratórios especializados e oficinas equipadas, biblioteca, auditório e mini – auditório, também foi construído um ginásio de esportes coberto e com quadras poliesportivas.

A escola iniciou as suas atividades em 2006, sempre com os cursos integrados, ou seja, conforme previsto no artigo 4º, inciso primeiro, do Decreto 5154/04, articulando a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e o Ensino Médio. Ofereceu, desde o início, um curso técnico de nível médio em Informática na modalidade educação de jovens e adultos - PROEJA. De acordo com o plano de curso, da instituição a opção por este curso é justificada pelo fato que a área de Informática está em expansão e que as oportunidades de trabalho são crescentes, assim como há a necessidade de qualificação para a ocupação dos cargos.

5.6 Da Escola Planejada à Escola Real

Apresento aqui algumas reflexões, que foram se constituindo durante o trabalho de pesquisa. No meu entender, busquei construir este capítulo situando o leitor/a a compreender a realidade analisada desde as opções para escolha da formação a empreender na análise das concepções de cidadão e das especificidades desses sujeitos que estão implícitas no processo de formação - e assim contribuir para a continuidade dos estudos dessa política, bem como a responder aos meus objetivos citados no início deste estudo.

A chegada : Planejamento da escola e definição da concepção de ensino

“Eu fui convidado a participar do projeto aqui em Charqueadas em março, o Diretor foi convidado em fevereiro e o projeto havia sido entregue ao MEC em novembro do ano anterior, o projeto original contemplava um curso de mecatrônica.(Entrevista GESTOR)

Os gestores foram convidados a participar desse projeto no ano em que se deu a sua implantação, para tal deveriam pensar na configuração dessa escola. Assim, julguei pertinente mostrar, para uma melhor compreensão deste estudo, como se deu o processo de instalação da escola no município de Charqueadas, já foi citado no item anterior que a escola faz parte do processo de expansão da educação profissional que previu a construção de escolas técnicas em todo o país.

Coube ao IFE Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas implantar, em 2006-2007, duas novas unidades de ensino, uma no município de Charqueadas e outra em Passo Fundo. Em contrapartida, para que essa instalação ocorresse, o município deveria oferecer algumas condições. Então, o município ofereceu um terreno onde já existia uma escola com um prédio em construção e coube ao IFE concluir e ampliar a sua estrutura física, bem como planejar suas propostas para o início de suas atividades letivas.

De acordo com a LDB, a escola tem autonomia para escolha de seu currículo, assim, a opção formativa a ser definida pela escola foi construída tendo como princípios balizadores: a demanda formativa da região, por se tratar de uma região com

importantes indústrias; a formação que deveria se dar em uma área já consolidada no ensino técnico da instituição, pois já existiam parcerias entre o IFE e indústrias da região para a formação dos seus empregados; a exigência do MEC para a implantação do projeto na região; o Decreto do PROEJA:

*[...] em 2005 quando um grupo de professores e da direção veio até aqui em Charqueadas [...] visitaram outras empresas aqui em Charqueadas, pois o município tem um parque industrial metal-mecânico forte, [...]. Daí então **daquele momento que eu não participei**, mas naquele momento se distinguiu **que área do metal mecânica principalmente a área da mecatrônica, seria a melhor, [...] aí quando nós chegamos aqui nós, já nos foi passado: olha pela nossa primeira avaliação a mecatrônica é um curso interessante para a região.** (Gestor)*

No momento em que os gestores eram encaminhados a assumir a nova escola, um novo Decreto foi promulgado, agora seria preciso pensar e elaborar as *diretrizes* que iriam balizar as suas ações ao iniciar uma nova gestão, no sentido de promover a reflexão sistemática através da educação que articula as questões de significância do contexto cultural e socioeconômico com os conhecimentos sistematizados, integrantes da formação convencional, integrando os diferentes saberes (populares, científicos, filosóficos) necessários à formação humana:

*[...] Só que nós também no momento que a gente chegou em 2005, **tinha sido lançado o primeiro edital do PROEJA**, [...] daí foi uma coisa muito dinâmica, olha porque tu chegar assim e vamos montar uma escola? Nós temos o dinheiro na conta e tem lá mais o terreno e o prédio e monta uma escola, como que tu monta uma escola? Que diretriz? [...] Então aonde buscar teus referenciais na tua história, nos teus valores no que tu acreditas bom então tu olha os cenários o que eu tinha?*

A partir desse momento, o gestor realiza uma reflexão observando os resultados decorrentes das mudanças ocorridas na legislação profissional tendo como ponto de partida o Decreto n.º2208/97:

*[...] esse cenário em 2005 tinha sido derrubado no final do ano o Decreto 2208, o sequencial. [...] foi traumático para nós, a implantação da LDB a implantação de Decreto depois no momento político que deu, porque foi nos dito: **não agora é assim e nós tivemos que deixar aquilo que a gente acreditava que era o ensino integrado a educação profissional com o ensino médio, para um ensino nos parecia bom, que legal ensinar só área profissional, mas aquilo não nos bastava** então claro vamos apostar no integrado e claro era uma diretriz do Ministério da Educação, **mas como claro uma coisa é o Ministério da Educação dizer nós vamos ter o integrado outra coisa é tu ver isto acontecer isto não acontece assim, por aquilo me parece o Decreto 2208 estava enraizado no ensino profissional, apesar de nós não gostarmos muitas pessoas gostavam, nós eu digo eu e os colegas que vieram, mas muitas pessoas gostavam.** (Gestor)*

Vemos, refletido na fala do gestor, o terceiro posicionamento expresso por Frigotto *et al*, em relação as políticas do período entre a revogação do referido Decreto até a promulgação do Decreto n.5154/04, “que declara diretamente a intenção de revogação do Decreto nº2208 (p.23/24)”. Quando o gestor se refere que a simples revogação não garantiria a implantação da nova concepção de ensino médio e educação profissional e tecnológica.

A discussão da formação integrada desenvolve-se na educação profissional desde a promulgação da LDB, mas os instrumentos legais que normatizam a educação profissional como o referido Decreto nº. 2208/97 e a Portaria nº. 646/97 regulamentam a proibição dessa formação integrada e regulamentam “formas fragmentadas e aligeiras de educação profissional em função da alegada necessidade do mercado.”(p.25)

Como já explicitado anteriormente, constatações a respeito das consequências decorridas desses instrumentos legais revelam-se na fala do gestor ao observar as diferenças de concepções existentes, em instituições que pertencem à mesma rede de ensino federal. Na época da implantação de novas Unidades de Ensino, e na discussão das propostas educacionais, assim expresso (...) *Eu cheguei numa reunião lá no Ministério*

da Educação e nos mostraram as unidades novas. Nas Unidades só aparecia o ensino subsequente não tinha o ensino integrado.(Gestor)

O gestor salientou que, independente da ordem do Ministério da Educação, ele tinha a compreensão de que eram os únicos, naquele momento, a conceber a proposta para realizar um ensino integrado.

*[...] eu vi que era uma aposta nossa, pois as coisas não são assim não basta o Ministro nos dizer nós vamos fazer tal coisa, [...] mas para ti colocar as coisas agora vai **acontecer é muita energia, [...] nós estamos no segundo mandato de um grupo que continua estudando e no Ministério da Educação continua com esta diretriz e nem tudo está implantado funcionando como a gente queria ver funcionar.[...] integrado, porque foi aquilo que nós acreditávamos porque aí vem a questão dos referenciais, eu tinha passado um tipo de ensino assim.**(Gestor)*

A análise a respeito do currículo integrado realizada por Santomé apud Ramos (1998) explica que a denominação ‘currículo integrado’ tem sido utilizada como tentativa de contemplar uma compreensão global do conhecimento e de promover maiores parcelas de interdisciplinaridade na sua construção.(p.1)

Para que essa concepção de educação ocorra na educação profissional, será necessário, segundo Ciavatta (2005), que as instituições reconheçam e compreendam a sua própria história, para tanto alguns pressupostos são elementares à constituição de uma formação integrada e humanizadora dentre eles está a “adesão de gestores e de professores responsáveis pela formação geral e da formação específica”:

É preciso que se discuta e se procure elaborar coletivamente, as estratégias acadêmico-científicas de integração. Tanto os processos de ensino-aprendizagem, como de elaboração curricular devem ser objeto de reflexão e de sistematização do conhecimento através das disciplinas básicas e do desenvolvimento de projetos que articulem o geral e o específico, a teoria e a prática dos conteúdos, inclusive com o aproveitamento das lições que os ambientes de trabalho podem proporcionar. (CIAVATTA, 2005 p. 100)

Para constituir essa concepção de educação o gestor tem como elemento principal a sua trajetória de vida, as dificuldades que precisou enfrentar para que ele pudesse estudar

“[...] eu saí do curso de eletrônica eu queria fazer engenharia eletrônica, fiz o técnico em eletrônica, só tinha o curso na universidade particular mas não tinha o que fazer meu pai não tinha dinheiro, meu pai tinha mais dois filhos, bom e aí o que eu ia fazer? Então eu fui lá e escolhi arquitetura porque era na universidade federal, eu fui lá e fiz passei porque eu estudava no CEFET era um ensino integrado e queria ser “alguém na vida” - o gestor resgata das suas lições de vida uma proposta de ensino que pudesse se voltar para a população do município, articulando a elevação de escolarização com o ensino técnico facilitando a inserção dessas pessoas no mundo do trabalho, e dessa forma “mais do que formar profissionais específicos para uma área é uma oportunidade para trabalhar várias áreas além da área profissional”.(Gestor)

Gadotti (1995), ao tratar do processo interdisciplinar, partindo de uma concepção de um currículo integrado, considera que o mesmo:

Organiza o conhecimento e desenvolve o processo de ensino-aprendizagem de forma que os conceitos sejam apreendidos como sistema de relações de uma totalidade concreta que se pretende explicar/compreender.

No trabalho pedagógico, o método de exposição deve restabelecer as relações dinâmicas e dialéticas entre os conceitos, reconstituindo as relações que configuram a totalidade concreta da qual se originaram, de modo que o objeto a ser conhecido revele-se gradativamente em suas peculiaridades próprias (GADOTTI, 1995 p.31).

Essa concepção de formação, expressa na fala do gestor, ao tratar sobre o currículo integrado e a interdisciplinaridade entre os conhecimentos científicos que buscam realizar, se mostra também em sintonia com os pressupostos contidos nos fundamentos políticos pedagógicos do Documento Base quando trata da formação:

Isto significa que não se pode tratar a formação como algo exclusivamente do mundo do trabalho ou do mundo da educação. Trata-se de percebê-la como um ponto de intersecção, para o qual devem confluir diversas abordagens e contribuições, entre elas a dos sujeitos trabalhadores. (BRASIL, 2007 p. 46)

5.7 O desafio do PROEJA

É na escola que se aprende “a olhar o mundo e, para isso, é fundamental a dimensão ética. Na escola não só se transmitem normas, valores e direitos, como se aprende a olhá-los, reconhecê-los, criticá-los” (GENTILI, 2000).

Através de uma decisão governamental, as escolas da rede federal que representaram a base da ação de governo iniciaram a oferta de um ensino que até então era restrito a poucas de suas instituições. De acordo com o Documento Base, “as instituições já desenvolviam experiências de educação profissional com jovens e adultos, de modo que, juntamente com outros profissionais (...) passaram a questionar o programa, propondo a sua ampliação”(p.12).

O PROEJA se colocou como um novo desafio para que as instituições pudessem administrar a escola e implementar a sua proposta de ensino, para assim “universalizar a educação básica, aliada à formação para o mundo do trabalho, com acolhimento específico a jovens e adultos com trajetórias escolares descontínuas”(BRASIL,2007 p.12).

Havia a obrigatoriedade da oferta desse programa em todos os IFET; porém, cada um se apresentara de acordo com sua própria realidade e capacidade. O gestor relata a surpresa que teve ao saber que teria de trabalhar com o PROEJA e revela as ações que precisariam seguir:

Então vamos fazer o Proeja? Então o que era isto daí ensinar jovens e adultos, uma coisa que eu vejo hoje é que o ensino profissional estava totalmente distante disto daqui, as pessoas não tem formação para isto elas tem que ter boa vontade [...] daí a gente foi procurar mas qual a formação? A gente começou a participar do grupo de estudos lá em Pelotas do pessoal do EMA que se preparava para o Proeja[...] começamos a fazer uma formação [...] nós tentamos entender a Lei, entender o EJA. Dentro do que a gente conhecesse deste mundo, começamos a visitar as escolas, o pessoal de Sapucaia veio até aqui.

O gestor comenta que, no momento em que ingressaram novos docentes com uma formação diferenciada, ele entendeu que aquele era o momento certo para iniciarem com a discussão de novas propostas:

Entrou mais um grupo de pessoas daí eu acho que isso sim, isto foi o estopim foi a questão da bandeira, [...]em Brasília diziam: as unidades vieram para alavancar o desenvolvimento e a gente acreditou nisso, estamos aqui para alavancar o desenvolvimento, e o que a gente entende como desenvolvimento: é que em algum momento você vai fazer coisas novas, quebrar paradigmas e é das pessoas, porque a pior coisa é a ignorância tu ignorar as coisas, não ter acesso ao mundo.

A preparação para o Acolhimento

O programa do Ministério da Educação - MEC coordenado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC sobre a matéria PROEJA trouxe consigo desafios políticos e pedagógicos, entre eles, como conceber um currículo levando em consideração as especificidades do público da EJA. E não reascender, com a vinda desse público, o dilema sobre o papel da escola de formar para a cidadania ou para o trabalho produtivo.

Nesse sentido, conforme apontado por Santos

Por sua vez, o caráter aleatório do PROEJA ocorre na compreensão do aluno, da aluna da EJA como figura de desordem em relação à ordem estabelecida pela escola moderna no que diz respeito aos tempos, às aprendizagens e aos processos, conforme as elaborações de Georges Balandier, na compreensão que há sempre ordem na desordem. (SANTOS 2008 p.3)

Para acolher o público, os gestores entenderam que naquele momento eles desempenhavam um papel muito importante para as pessoas da região, nos dizeres do gestor ele revela que deseja que as pessoas sejam esclarecidas de sua importância na sociedade. E para isso a escola representa um papel importante na conscientização dos sujeitos:

*[...] então eu acho que este também é um papel importante da gente tentar levantar dar **uma sacudida** nesta poeira das pessoas e tirar um pouco desta poeira das pessoas para **que elas possam seguir; o mundo** se encarrega; a vida se encarrega de trilharem seus caminhos e serem felizes, **mas tu tem que tirar esta poeira** e esta poeira nos cobre fortemente, nestas regiões no Brasil neste país de terceiro mundo, vamos para este termo: antigo de desenvolvimento isto é o que estava presente, e aí a gente ficava pensando o que vamos fazer para melhorar a vida desta gente? Isto seria o que nos moveu no momento.*

Paulo Freire (1979) afirma que o homem só exercerá um ato comprometido quando ele puder agir e refletir. Os gestores atuaram a partir da realidade que tinham, e a buscaram transformar nas suas relações:

*[...] claro que tu acaba atingindo mais alguns colegas do que a outros o quanto tu **precisa ser sensível ao aluno**. E para alguns colegas isto poderia parecer que estou agindo como se fosse pai desse aluno e não é isto é achar um meio um caminho, mas é ser mais o que um **ensinador** e a gente chega na frente dos alunos com toda esta carga e dizer que aqui é assim, a gente vai comprar briga com três ou mais colegas, e eles devolvem **tipo alguém nos enxerga**, o aluno olha para ti e diz : **nossa esta a escola que eu sempre quis**. Na minha vida inteira e agora que eu consegui quando alguém te diz isto se tu és um educador comprometido, então mexe contigo tudo até então estava no campo dos sonhos e das idéias das coisas lidas e desejadas e agora é real!*

O gestor tem a consciência de que a sua atuação na elaboração deste curso foi essencial, a partir dele será dada a sequência no processo de constituição de outros cursos, mas a sua marca terá sido deixada:

*[...] claro que hoje já ingressaram outros professores que não estiveram desde o início e tem um monte de coisas, mas a gente iria saber que alguma coisa ia se dissipar, **algumas coisas ficariam enraizadas nas pessoas que começaram, e elas vão tocar adiante**, isto a gente tem claro a escola não será mais a mesma daqui a dois anos. Até o formato do próximo curso será diferente totalmente. (...) O outro curso vai dar outro*

rumo. E as coisas que a gente viveu neste vão nos servir para modificar a estrutura dessa nova turma.

Nos dizeres dos gestores, vê-se o cuidado com que foram planejadas as aulas; contando da emoção ao se dirigirem aos alunos pela primeira vez:

É eu acho que o que ficou, ficou para estes alunos tudo que se construiu nesses seis meses antes de começar esse onze de setembro ficou nestes meninos, mas esta turma sempre levará a marca da primeira turma de Proeja (coordenadora pedagógica);

Eles aprenderam determinado conteúdo porque antes disso a gente se reuniu e pensou o que seria melhor para poder atender os alunos, nós estudamos a legislação referente à EJA e os processos educativos, estudamos autores como Paulo Freire, Jamil Cury

Dessa forma, o IFE Sul-Rio-Grandense Campus Charqueadas iniciou as suas atividades educacionais com a implantação do PROEJA “ o curso foi, inicialmente , construído de forma coletiva com seis professores e dois gestores, posteriormente à chegada de novos professores e do início das aulas foi avaliado e reformulado”(p.129).

Acolhimento do público - A formação docente

*Quando optamos pelo Proeja [...] a gente também não pode ser tão, como se diz, inocente [...] vendo à prática de alguns colegas de uma escola tradicional de 65 anos a gente sabia se a gente começasse um curso duro ali a coisa iria ser dura, então para amolecer este coração iria ser difícil então a gente [...] queria que as pessoas **pensassem e refletissem sobre as suas práticas**, que as pessoas entendessem o aluno, que temos que buscar novas metodologias, no mínimo isto temos que nos preocupar que **o aluno tem o dia a dia dele**, com o que ele faz, **então começamos pelo Proeja que o público já era um público, talvez fosse mais deficitário** não sei se seria este o termo mais adequado, do que no ensino formal talvez, e **tentava sensibilizar ao máximo os professores para que entendesse esse público ali** e com certeza nós entendíamos que os nossos outros cursos não seriam tão duros as pessoas seriam mais ... [...] não vou dizer que a gente não chegue a resultados [...] a gente chegue lá no fim com o aluno com o mínimo de conhecimento, bom mas a*

*gente para chegar até lá a gente vai chegar com **uma maior sensibilidade** muito mais.(GESTOR)*

Arroyo (2006), ao tratar da formação de educadores, parte de outro olhar sobre o ofício do educador, cujo papel é anterior à escola, mas é nela que se produz, fazendo com que os professores se reencontrem com outras identidades. Nesse sentido, conforme o autor, para os processos formativos de professores que irão atuar na EJA, devem estar articuladas demandas suscitadas nas realidades dos estudantes, e os educadores, enquanto mediadores das práticas, darão sentido a sua formação, organizando dinâmicas educativas fundadas na compreensão do perfil dos atores envolvidos, sem perder de vista a concretização de práticas emancipatórias.

Esse ponto de vista tem como mote o desenvolvimento humano, uma vez que está imbuído em restaurar a concepção de educação básica como direito à realização humana, além de considerar, como finalidade da educação, o pleno desenvolvimento dos estudantes e a sua humanização.

Para isso, reforça o autor, é necessário que se recorra às temporalidades dos professores, ou seja, sua imagem social, seu papel cultural, suas formas de se relacionar, como adulto, com crianças, adolescentes ou jovens; enfim, permite-se que aflore e seja assumido o educador que há em cada profissional da escola. Reconhecendo nos estudantes os sujeitos de direitos que são.

O próximo testemunho do gestor reflete seu entusiasmo para executar uma proposta inédita dentro do IFE, imbuído de seus ideais e princípios para uma educação que valorize o estudante, para assim poder oportunizar a uma pessoa excluída do sistema de ensino uma educação dentro dos valores e princípios do IFE.

[...] Agora é a chance de fazer alguma coisa, de incluir pessoas, então tá vamos lá e ver se realmente isto tem fundamento da pra pegar o cara lá, que nunca vai entrar na escola, vamos resgatar ele e botar na escola, que a gente vai fazer para transformar esta vida? Aí vão os nossos valores, vamos ser diferente, vamos levantar esta bandeira é uma questão de idealismo, acho que qualquer um neste momento teria uma bandeira, entenderam o cara chega assim e diz: olha a salvação do mundo tá contigo, alguma coisa tu vais fazer.

São movimentos que provocariam mudanças, e refletiram-se no grupo de trabalho da escola. O grupo de professores dessa escola está em busca da compreensão do significado de ser docente do PROEJA. Nesse sentido, conforme afirma Libâneo (2004), ao realçar a importância do desempenho do professor: *O profissionalismo refere-se ao desempenho competente e comprometido dos deveres e responsabilidades que*

constituem a especificidade de ser professor e ao comportamento ético e político expresso nas atitudes relacionadas a prática profissional(p.73).

Assim de acordo com o autor, isso significa que o professor deveria evidenciar algumas características durante a sua prática profissional: *“domínio da matéria e dos métodos de ensino, a dedicação ao trabalho, a participação na construção coletiva do projeto pedagógico-curricular, o respeito à cultura de origem dos alunos”*(p.73).

Ao planejarem o curso os proponentes evidenciaram um cuidado para que a formatação do curso técnico visasse ao atendimento do público alvo do programa, buscando a articulação das diferentes áreas do conhecimento ao proporem situações que se confrontem com as situações desencadeadoras, propiciando condições para a articulação e diálogo entre elas, na perspectiva da formação integrada no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual.

Para tanto, o grupo realiza semanalmente sessões de estudos com a finalidade de discutir densamente a legislação, as especificidades da educação de jovens e adultos, aonde são trazidos textos que abordam as temáticas acolhidas pelo programa.

A partir desses momentos de estudo, algumas mudanças já foram evidenciadas no trabalho pedagógico, já são observados alterações na postura do professor, ele pode ser o principal sujeito de sua própria formação, na medida em que for capaz de tomar sua prática como objeto de reflexão crítica, conforme revela a fala da supervisora do IFE *“os estudos realizados pelo grupo viraram momentos de formação aos docentes e embasaram a elaboração de mais um curso de PROEJA”* (COSTA, et al 2009 p.130).

O perfil esperado pela Instituição

Segundo o Documento Base, foi planejado para a execução desse programa que a população alvo seria a de EJA, o perfil desejado seriam os sujeitos provenientes da EJA, que é um público historicamente representado por ausências de políticas focadas para o seu atendimento, como veremos na afirmação:

No que diz respeito à educação básica de jovens e adultos no Brasil, pode-se afirmar que predominam iniciativas individuais ou de grupos isolados, acarretando desconinuidades, contradições e descaso dos órgãos responsáveis. Por outro lado, a cada dia, aumenta a demanda social por políticas públicas perenes nessa esfera. Tais políticas devem pautar o

desenvolvimento de ações baseadas em princípios epistemológicos que resultem em um corpo teórico bem estabelecido e que respeite as dimensões sociais, econômicas, culturais, cognitivas e afetivas do adulto em situação de aprendizagem escolar (CABELLO apud MOURA, 1998).

Ao considerarmos o público destinatário, ao qual o Documento designa a política: o público da EJA, no sentido de contribuir com o seu retorno a escola e assim conduzi-lo a uma formação profissional, percebemos que as instituições de ensino profissional ainda tem muito a caminhar, pois, conforme avalia Moura (2006 p.1), não existe linha de ação especificamente voltada para a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), embora algumas delas tenham muitos jovens e adultos como alunos. Nas instituições que atuam na educação profissional e tecnológica, tanto na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Escolas Técnicas Federais (ETF), Escolas Agrotécnicas Federais (EAF) e demais unidades, como nos sistemas estaduais e nas redes nacionais de formação profissional que integram o denominado Sistema “S”.

Para Haddad (2003), garantir aos Jovens e Adultos o acesso a educação é respeitar os direitos humanos, para o autor:

Historicamente, a educação de jovens e adultos tem sido tratada pelo poder público como política compensatória, de caráter assistencial, e não como um direito humano. No passado recente, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso vetou que esta modalidade fosse beneficiada por uma política universal, ao limitar o seu acesso aos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – Fundef³⁰. Ao

³⁰ Instituído pela Emenda Constitucional nº 53, de 19 de dezembro de 2006, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – Fundeb é um fundo de natureza contábil, regulamentado pela Medida Provisória nº 339, posteriormente convertida na Lei nº 11.494/2007. Sua implantação foi iniciada em 1º de janeiro de 2007, de forma gradual, com previsão de ser concluída em 2009, quando estará funcionando com todo o universo de alunos da educação básica pública presencial e os percentuais de receitas que o compõem terão alcançado o patamar de 20% de contribuição. O Fundeb substituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - Fundef, que só previa recursos para o ensino fundamental.

Os recursos do Fundo destinam-se a financiar a educação básica (creche, pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos). Sua vigência é até 2020, atendendo, a partir do terceiro ano de funcionamento, 47 milhões de alunos. Para que isto ocorra, o aporte do governo federal ao Fundo, de R\$ 2 bilhões em 2007, aumentará para R\$ 3 bilhões em 2008, R\$ 5 bilhões em 2009 e 10% do montante resultante da contribuição de estados e municípios a partir de 2010. Fonte: www.fnede.gov.br – acesso em 05/07/09

mesmo tempo, incentivou uma política compensatória através do Programa Alfabetização Solidária.(HADDAD, 2003 p.1)

A instituição havia se preparado para receber um público diferente, pois historicamente os alunos provenientes da EJA têm sido designados como sujeitos sociais e culturais marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura, esses sujeitos têm em comum a exclusão do sistema regular de ensino.

Os gestores divergem ao se referir ao fato de o curso ter sido escolhido tendo em mente o público de PROEJA. O gestor relata que existe um grupo que enxerga o público de PROEJA de forma negativa dentro da instituição, e nesse sentido a formação para esse público poderia ser qualquer uma, pois de qualquer modo eles não iriam aprender: *depois a gente ouviu que o curso de mecânica “não é para esta gente” eu ouvia isto “eles não vão aprender” e quanto ao curso de informática eu ouvi. (...) na verdade se escuta e se escutou não só internamente, mas externamente que estes alunos não iriam conseguir.*

O gestor salientou que considerou acertada a decisão do curso, considerando o perfil esperado do público de PROEJA:

[...] era mais isto assim ser Proeja e ser mecânica duas áreas novas [...] a gente entendeu que informática seria o curso e ai tem outras coisas que passam também depois amadurecendo, depois a gente viu nós temos que criar um curso isto foi mais na cara dele, que seja para as pessoas trabalharem aqui, porque se eu quero um Proeja, eu quero um curso para adultos, estes adultos já têm família, as famílias não irão se deslocar para outra região, tem os filhos e sair daqui as vezes são filhos adolescentes, já estão acostumados, já estudam, já trabalham aqui e ai tu vais trabalhar em Porto Alegre? Não vai compensar financeiramente então isto tem sido também foi uma questão de amadurecimento.

A Divulgação

O gestor explica que eles utilizaram-se de diversos meios para divulgar o curso e a Instituição, realizaram diversas ações, primeiramente recorreram à divulgação nas escolas do município, ofereceram e realizaram cursos de qualificação, visitaram associações de bairros, sindicatos, comércio local e recorreram até a carro de som:

*A gente não sabia e muita gente ainda não conhece o Cefet é que antes tinha uma escola de formação inicial e continuada de cursos profissionais aqui, mas uma coisa assim eu vivi sempre em Pelotas então lá tinha uma escola que chegou a ter quase dez mil alunos com o ensino profissional bom, que todo mundo conhecia na cidade e tinha uma Universidade Federal reconhecida, então [...]eu não tinha esta noção quando eu vim para Charqueadas, eu dizia o ensino é federal e,[...]as pessoas entendiam polícia federal? Vai me prender? E isto me chocava **assim e a gente teve que aprender** também tem outra questão de como é essa **região? e como é que ela nos vê?** (GESTOR)*

O gestor realiza um retrospecto de como foi difícil conhecer a cidade e ser conhecido, conta que precisou, além de tudo, convencer Pelotas de que iria dar tudo certo ali naquele novo local e diz: [...] **nós colocamos no cartaz que era uma escola de ensino público e gratuito, pois a gente precisa convencer Pelotas, que aqui daria certo, porque lá eles não precisam disso [...] então é complicado tu não bates nas costas do cara, aqui não tem um lugar para tomar cafezinho, lá em Pelotas tu tens um local para tomar cafezinho que as pessoas vão e conversam. Assim como a esquina democrática, então tu tens que buscar os espaços da cidade e tu tens que descobrir a cidade, perguntar para eles como é que vive esta gente, que é legal, o que não é legal é uma cidade que tem cinco presídios como se vive? Numa cidade que tem uma empresa que é multinacional aqui aí tu vê que contraste é uma cidade que tem um núcleo bom tem a vila Piratini, tem casas boas, mas ainda é uma cidade de mineradores que saíram de dentro das minas e alguns morreram nas minas , para mim elas saíram de dentro das minas diretamente para os fornos lá da Gerdau. Olha, quantas coisas tu tens que levar em consideração, tu tens que quebrar e construir isso é o vem **por trás nós não somos e não queremos ser uma ilha, mas claro que a gente as vezes é uma ilha.****

O gestor explica o que foi preciso fazer para se tornarem conhecidos: *Uma das primeiras ações também o que a gente fez para **que ela seja reconhecida** e isso era uma crítica que a gente fazia para Sapucaia do Sul, porque lá eles colocavam o cartaz ensino público e gratuito e a gente dizia: mas tu precisas colocar isto daí? Mas nós tivemos que colocar no nosso cartaz, claro a gente começou foi em todas as escolas, fomos à associação de bairro, nós nos metemos em tudo que tinha pra ver se éramos conhecidos e ainda vamos a todos os lugares.*

*(...) foi em todas as escolas, e a gente foi a associação de bairro, nós nos metemos em tudo que tinha pra ver se éramos conhecidos e ainda vamos a todos os lugares e **ainda não somos conhecidos** e nós vamos a toda hora.*

O gestor explicou que precisaram ir até as escolas de EJA da região para oferecerem o curso e se tornarem conhecidos:

*[...] fomos até o EJA e dizer nós vamos dar curso para vocês, vocês querem curso? Então tá nós temos professores para dar curso para vocês e fomos e demos um curso de formação inicial e continuada para o EJA, para que eles **conhecessem a escola**, ganharam “**diplominha**”, mas eles tinham que conhecer a escola.*

Para poder dizer a eles, que a escola era deles e que eles viessem.

Processo Seletivo

Como já explicitado anteriormente, a instituição se preparou para o acolhimento do público realizando diferentes atividades para a divulgação do curso, agora é chegada a hora de constatar se suas ações foram produtivas e alcançaram os resultados esperados. *Então como tu faz para chegar até estas pessoas aqui não tem um jornal diário, aqui não tem uma rádio AM tem uma rádio AM, mas é lá em São Jerônimo. Então como é que tu avisa as pessoas?*

Desse modo, a instituição optou por realizar um sorteio, considerando que este seria o processo seletivo mais democrático.

O gestor explica como foi que tiveram para o sorteio cerca de 700 pessoas:

*Nós não imaginávamos que viriam 700 pessoas, houve a divulgação e elas vieram, mas foi isso daí, os professores fizeram as matrículas, a inscrição e já conversavam quer dizer, era aquilo nós estávamos num “élan” todo mundo **estava empenhado** e aquilo tem que acontecer, esta foi a energia que surgiu em Charqueadas surgiu desta energia boa.(GESTOR)*

Na visão de uma das alunas do curso, o processo seletivo transcorreu como um sorteio público, e ela já tinha ouvido falar que as provas do IFE eram muito rigorosas:

[...] a minha cunhada já ouviu falar que todo mundo diz que o CEFET é muito difícil a prova ou coisa do tipo, que o ensino aqui é mais rigoroso ou coisa assim [...] eu fui ali na praça das bandeiras na biblioteca pública e me inscrevi [...] foi um sorteio público no sindicato dos metalúrgicos [...] fui tinha que tá lá presente tu ganhava um cartãozinho e tinha que colocar o canhoto que quando tu pagava eles te davam um canhoto, não adiantava só tu te inscrever tu

tinha que ta ali, ou então um representante pra trazer teu cuponzinho. Tinha que vir alguém aqui te representar ou tu mesmo eram 700 pessoas inscritas. [...] eram 40 vagas, mas houve bastante desistência logo no início do curso porque eu não fiquei nem entre os 40 e foram sorteadas 40 vagas e mais os suplentes eu fui a 17ª suplente aí depois de mim ainda entrou mais duas meninas.(ALUNA LEVE)

De acordo com a coordenadora do curso, foram sorteadas 70 pessoas para participarem do PROEJA. Quanto à oferta de vagas para a seleção dos estudantes, o Documento Base afirma:

Os cursos deverão ser gratuitos e de acesso universal segundo os critérios do Programa. A instituição proponente se responsabilizará pela oferta de vagas, inscrição, matrícula e organização de turmas. As vagas deverão ser ofertadas na forma de edital público, podendo a seleção ser realizada por meio de processo seletivo simplificado, sorteio, entrevistas ou a combinação de vários instrumentos seletivos ou outros meios que a escola venha a adotar, considerando-se, imprescindivelmente, a condição de democracia ao acesso. (BRASIL, 2007 p.59)

O Documento é abrangente deixando as instituições livres para realizarem o processo seletivo que melhor se assemelha com seus princípios, ideais e valores formativos. Verifiquei tal seleção através de uma consulta a *web*, visitando sites que divulgam eventos relacionados às instituições que oferecem cursos de PROEJA. Pude constatar que a forma de ingresso nessas instituições é muito diversificada, assim como está descrito no Documento Base.

Entretanto, um estudo realizado por Moura (2006), a respeito das possibilidades de ingresso para os filhos de uma classe trabalhadora em algumas das instituições federais, diz: “tornar-se aluno dessas escolas não é fácil, pois a concorrência para ingresso é muito elevada, uma vez que a quantidade de vagas que podem oferecer é muito menor do que a demanda”. O autor trata, nesse estudo, a respeito da relevância do sistema federal acolher o programa, mas é preciso que se tenha “clareza acerca de suas possibilidades assim como das suas limitações”, também salienta que os sistemas federais, estaduais e municipais devem ampliar seu campo de atuação e interagir “a fim de buscar a integração entre o ensino médio, a educação profissional técnica de nível médio e a educação de jovens e adultos com vistas à construção de um novo campo educacional”(p.10)

Assim o processo seletivo poderá servir tanto para incluir ou excluir, as pessoas promovendo e produzindo exclusões dentro do sistema, pois as instituições federais trazem consigo, ao longo de seu desenvolvimento, um caráter elitista, como vimos na fala da aluna anteriormente ao se referir sobre as provas dizendo que estas eram muitos difíceis.

De certa forma, o PROEJA entra no espaço institucional das escolas federais exigindo um deslocamento das práticas dessas instituições, e será preciso repensá-las. Ou não estariam seus métodos de seleção, desde as origens, a serviço da manutenção dos excluídos necessários? Algumas falas do gestor a respeito:

[...] tanto é que o sorteio nós fomos penalizados juridicamente o juiz entendeu que sorteio não pode fazer, tu estas sorteando então como é que tu estas selecionando as pessoas? Sorteando, o promotor foi lá e disse não e ai inviabilizou todo o sorteio no Cefet, não sei talvez ele tivesse melhores soluções para isto, então até hoje eu falava na reunião a gente pode pensar a coisa certa, mas fazer a coisa certa é muito mais difícil e como é difícil.

Em outro fragmento da entrevista, ressalta a sua nova compreensão a respeito do processo de seleção:

O que acontece uma escola que faz um processo seletivo ela, vamos dizer assim ela é eletiva vai entrar quem nesta escola claro, a gente vai olhar para a região de Charqueadas não é uma região tão rica assim que só entre o filho daquele que pode mais não, mas é claro que entrará muito mais aquele que tem maiores condições então tu já tens outro público diferentemente do EJA, a gente quer retornar isto agora com a mudança no processo seletivo a gente quer retornar aquela massa que está fora que está sem acesso.(GESTOR).

(...) independente de o juiz ter dito se era legal ou não nós já tínhamos pensando em outra forma na verdade o juiz só nos ajudou a decidir por outro processo seletivo

Conforme a coordenadora do curso, este novo processo seletivo, se deu de maneira a que fossem atribuídos pontuação aos candidatos, por exemplo: *o candidato que não tivesse ensino médio pontuaria mais; o candidato que tivesse menor rendimento econômico pontuaria mais; o candidato afastado a mais tempo da escola*

também pontuaria mais. Mas “nada seria impeditivo que um candidato que tivesse o ensino médio e alguma das condições acima de ingressar no PROEJA”.

E ressalta que a posição da instituição está embasada legalmente e, em um questionamento feito informalmente a um representante do MEC a esse respeito, teria obtido como resposta: *a educação é um direito de todos.*

Os Mecanismos de seleção que resultaram na entrada de alunos com o ensino médio

A respeito do processo seletivo, a instituição, ao realizar o seu primeiro processo seletivo, realizou um sorteio público onde foram 700 inscritos a participar e ao se formar essa turma uma particularidade foi constatada: na montagem das turmas, ocorre o primeiro contato com os alunos, e descobrem que a maioria deles já possuía o ensino médio concluído. Assim, extraí algumas falas dos gestores ao dizerem:

*Eles tinham **mais** do que era exigido.*

*O curso era no mínimo para quem tinha a oitava série e isto **eles tinham** então eu não podia dizer para o cara tu já tem o ensino médio então tu não vai fazer.*

***Não tínhamos como saber**, mas mesmo assim **não impedimos as pessoas** que já possuíam o ensino médio de ingressar no curso (Gestor /Coordenação pedagógica)*

Logo me reportei ao Documento Base e, num primeiro olhar, nada parece que temos a considerar aos dizeres dos gestores, a princípio eles estão em consonância com o Documento Base:

- ter o ensino fundamental concluído;
- ter idade compatível com a definida no projeto e em conformidade com a legislação sobre EJA (Parecer CNE/CEB nº11/2000 e Resolução CNE/CEB nº 01/2000) (p.59)

Esse poderia ser um dos fatores determinantes para que a escola apenas aceitasse a ordem de sorteio e dos suplentes, e realizassem as matrículas a fim de cumprirem o Decreto. E assim, não necessitaria buscar outros alunos, com o perfil desejado a esse curso. Desse modo, a falta de critérios na seleção, a pressa em divulgar a instituição e o prazo estabelecido para o início das aulas levaram os gestores a aceitarem a ‘turma’, tal como se encontra configurada.

Conforme a coordenadora do curso, a cada novo processo seletivo é aberto um edital e nele serão definidos os mecanismos: sorteio, provas, entrevistas. Aonde são

classificados os candidatos para o número de vagas existentes e os suplentes são chamados na sequência das desistências ocorridas. *“Mas é um suplente do mesmo processo seletivo, nós não podemos abrir um novo processo seletivo para suprir aquelas vagas”*

A coordenadora relata a posição da instituição para não impedir o ingresso de pessoas com escolaridade superior ao exigido pelo Programa: *“nós não temos como proibir as pessoas para retroceder em sua escolarização, eu não posso impedir o aluno que tenha o segundo grau de estudar aqui no segundo grau é ilegal.”* Bem como, salientou que não existem instrumentos legais para verificar se realmente o aluno afirmar possuir determinada escolarização como por exemplo: somente o ensino fundamental: *“ que documentos a escola solicita para realizar a matrícula? Uma pessoa que já possui graduação fez ou não ensino fundamental?”*

Essa é a atual configuração da turma: são 70% dos alunos na faixa etária, entre 21 e 30 anos; 31 e 40 anos - 20%; mais de 40 anos - 10%. No que diz respeito ao sexo, os dados revelam uma predominância masculina: 51% da turma são do sexo masculino, e 49% do sexo feminino.

A maioria da turma já possui o ensino médio concluído, havendo a predominância de alunos que estudaram em escola pública - 70% dos alunos. No ensino regular, 75% dos alunos, e na EJA 25%.

Os alunos vistos pela Instituição após o ingresso

Até aqui, tratei sobre como a escola se preparou para receber o público para o PROEJA, e como foi o processo que acabou levando à absorção de um público com o ensino médio, distorcendo os princípios do Programa.

A partir de agora, passo a explicar como se deu esse processo a partir do ingresso dos alunos.

Nesta pesquisa, me propus a conhecer o perfil desses sujeitos que se encontram neste processo educativo e um de seus objetivos visa atender às especificidades, dos seu sujeitos , partindo do pressuposto de Arroyo (2006): (...) *O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos. (ARROYO, 2006, p.22)*

Em setembro do ano de 2006, no IFE Sul-Rio-Grandense, estavam iniciando as duas turmas de PROEJA, com quarenta alunos cada, mas, logo no início do curso, ocorreram muitas desistências, afirmo isso embasada em dados observados e relatados pelos alunos, e em dados obtidos através da pesquisa CAPES/ PROEJA, houve uma desistência de 50% das turmas. Que representou a constituição de uma nova turma de vinte alunos.

O gestor explicou que precisavam fazer alguma coisa para quebrar a distância inicial e então (...) *a primeira aula que a gente teve com eles foi muito legal todo mundotava engasgado. (...) tinha o professor de educação física e ele me disse vou fazer um trabalho (...) e ai ele começou devagar, mas deu certo ai começaram a chorar e aquilo me marcou bastante.* Aqui, o gestor relatou que considerava muito significativo o movimento que haviam realizado junto aos professores da escola para sensibilizá-los, no acolhimento a esse novo público que estava chegando à instituição: *ali acho que conseguimos a questão do coração. (Gestor)*

Aqui, os gestores relatam que não compreenderam logo no início porque esses alunos queriam usar o uniforme da instituição:

(...) e os nossos pedem uniforme e eu não conseguia entender porque esses alunos querem o uniforme, afinal de contas é justamente a escola que já nasce sem que tenha que ter uniforme é que os alunos estão pedindo? Sim e aí um colega me disse: isto os identifica com a escola eles querem sair na rua e as pessoas verem que eles são dali e só se eles tiverem uma camiseta branca com um letreiro luminoso escrito Cefet que vai dizer que eles são daqui então por isso que eles querem o uniforme. Até com outro sentido do uniforme a uniformização vista como pertencente a algum lugar como status é legal a cidade tem a gincana e eles se identificam como deste ou daquele grupo eles compram uma camiseta da gincana no início do ano e eles usam todo o ano, na cidade a gente vai ver as camisetas são deste ano e de anos anteriores então esta coisa de ter uniforme (...)é significar que tu faz parte de um grupo.

Os gestores relatam a surpresa que tiveram quando os alunos dessa turma não queriam mais ser chamados de PROEJA, este fato ocorreu quando ingressaram os alunos do curso técnico em mecatrônica (...) *um ano de curso eles não queriam mais ser chamados de PROEJA .Eles mesmos chegaram e a gente disse não a gente os chamava de:” os meninos do Proeja” e para nós isto era significativo e era e é.Chamá-los de Proeja é importante para esta instituição confere a eles uma outra cara, os professores eles tem uma bandeira viva então tudo aquilo que a gente sonhou está ali naquela turma é tudo aquilo que a gente pensou , estudou, ta ali é presente é real. Só que quando entraram os alunos do curso*

de mecatrônica ai depois eles queriam ser chamados de técnico de informática e não mais de Proeja . Eu nunca deixei de chamá-los de Proeja e disse não para mim vocês são eu não estou desmerecendo ninguém eu acho que se eu deixar de chamá-los de Proeja eu vou desmerecer;
(GESTOR, Coordenadora Pedagógica)

Na visão do gestor, a escola tem um significado diferente para os alunos de PROEJA, considera que a estrutura da escola oferece um diferencial para eles ao dizer:

Isto é muito legal dá certo status fazer, ah não naquela escola tem ônibus, tem carro, naquela escola o diretor tem uma sala para ele, então quer dizer em minha opinião adquire um significado é uma escola diferente e nós queremos dizer isto mesmo é uma escola diferente, vamos transformar todas as escolas.

6 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Conforme proposto no início desta dissertação, me dispus a investigar qual o sentido que se constrói para essas pessoas no desejo dos alunos realizarem um curso com certificação do Ensino Médio, e ainda, junto a ele terem certificação de técnico .

No entanto, os estudantes percebem que, a partir dessa nova etapa, tudo é novo para eles, pois eles já possuem o ensino médio completo ao ingressarem no PROEJA.

Será preciso compreender porque realizaram *essa escolha* para as suas vidas pois, para quem não desiste é porque tem uma grande meta pessoal a conquistar. E, desse modo, constatar o que esperam dessa formação.

Considerando que estamos tratando de alunos do PROEJA, devemos questionar quanto à volta desses alunos para a escola e que referência de escola estamos construindo para eles. Devemos levar em conta que estamos falando de sujeitos inseridos no mundo do trabalho, sujeitos que já possuem a responsabilidade de serem pais e mães. Nesse sentido, segundo Moll, será preciso construir a sala de aula como espaço da palavra, isto é, da escuta, *“reconstruir o trajeto de retorno e de inscrição simbólica no espaço escolar é um dos primeiros desafios no trabalho com esses homens e mulheres marcados por situações escolares, inúmeras vezes, desfavoráveis”* (MOLL. 2005 p.12).

Neste trabalho, tive a pretensão de escutar as histórias dessas pessoas adultas, que retratam não só seus saberes, seus conhecimentos, suas concepções de homem, de trabalho, de mundo, mas também seus sentimentos, suas expectativas, as necessidades e os desejos ou esperanças, projetos futuros. De maneira que as aprendizagens e os sentidos que eles dão à escola e para o que se aprende nela não estão dissociados da vida e dos sinais que ela deixou.

Para a construção dessa análise, considerando que o processo de escolarização de jovens e adultos deve permear a concepção de uma formação integral, elegi como elementos essenciais: suas Trajetórias Formativas e Profissionais; Projetos Futuros, Perspectivas e Expectativas, como avaliam o ambiente educativo, as relações de e na escola e a estrutura de ensino.

Utilizo o estudo realizado por Franzoi (2003) a fim de me auxiliar na compreensão da análise das trajetórias formativas e profissionais, a autora construiu seu estudo analisando cada tipo de trajetória, classificando-as como: “trajetórias mais contínuas ; trajetórias fragmentadas ou em constante mutação”(p.81).

6.1 Relação com o Trabalho

A partir da análise do conjunto de dados obtidos juntos aos alunos da turma, foi possível desenvolver, do que foi extraído das falas dos entrevistados, a compreensão que os sujeitos apresentam das suas trajetórias profissionais, pude constatar que os alunos estão inseridos de uma maneira precária no mercado de trabalho, pois suas ocupações são temporárias e variáveis. As suas trajetórias profissionais são descontínuas ou fragmentadas assim como definiu Franzoi (2003) “designa as trajetórias que, quanto à ocupação, podem ser consideradas “erráticas”, sem continuidade nem em um mesmo local de trabalho, nem sequer em mesma área de atividade“(p.92). Conforme foi possível constatar nos dizeres dos alunos:

*“(...) a gente não tem muito **que escolher o que manda muito é o capitalismo, não adianta, já era o tempo de trabalhar com aquilo que tu gosta, tem que trabalhar com o que aparece e tem.**”(O aluno música)*

A trajetória profissional desse aluno iniciou não muito diferente das demais: ele realizava pequenos trabalhos: “(...) *comecei a trabalhar fazendo serviço, free lance, aí depois eu comecei a trabalhar na oficina, trabalhei com bastante coisa eletricidade industrial e predial, na construção também trabalhei.* (O aluno música)

Esse aluno apresenta uma especificidade em relação aos demais, ele tem uma deficiência auditiva severa, que foi adquirida ainda quando era criança após ter contraído caxumba. (...) *eu só escuto no ouvido direito o nervo auditivo morreu eu perdi porcentagem de audição depois eu tive labirintite e uma porcentagem de audição que me restava só 30% e depois da labirintite perdi a audição no ouvido esquerdo e quase no direito também, uma infecção no labirinto labirintite infecção no nervo dava tontura, e era uma coisa bem chata.* (O aluno música)

O fato de o aluno ter perdido a audição poderia indicar que ele não tivesse escolhas e deveria optar apenas por uma ocupação para dar seguimento em sua vida profissional:

(...)“não posso trabalhar em lugares assim de poluição de barulhos e ruídos”

(...) eu sempre fui barrado porque eu tenho uma deficiência auditiva no ouvido esquerdo e aí eu nunca passei na audiometria eu nunca ia poder pegar lá na Gerdau.

(...) trabalhei bastante até chegar atrás do balcão trabalhar limpo eu não gostava de trabalhar limpinho eu gostava de trabalhar na sujeira mesmo mais depois que eu vi que não era meu chão, “Eu sempre gostei de trabalhar com mecânica de automóvel e com graxa! E tinha um certo preconceito em trabalhar com burocracia... Mas depois as coisas foram mudando e acabei gostando de serviços burocráticos.”(O aluno música)

O aluno explicou que **para** (...) trabalhar com barulho assim sujo tu vai para ter um ganho razoável só tu trabalhando numa empresa numa industria (...)e a sua deficiência o impedia, assim ele concluiu: **(...)eu sempre ia ter que trabalhar no setor administrativo burocracia, por isso que eu peguei e ingressei neste curso. .(O aluno música).**

Além disso, o aluno expressou, em seu relato, uma não conformidade ao se referir a respeito do trabalho exercido pelo seu pai: *(...) eu não gosto da metalurgia, por exemplo, assim meu pai tem 30 anos de metalurgia na Gerdau ali e também eu vejo, assim, ele tem um ganho razoável, mas vai sempre fazer a mesma coisa e chega em casa estressado não que vá existir um serviço que vai ser um céu, daí eu via muito aquela imagem do meu pai. .(O aluno música)*

Perguntei ao aluno se estava satisfeito com o seu atual trabalho e ele demonstrou uma positividade pelo fato deste trabalho lhe proporcionar novos aprendizados: *“(...) sim tem outros trabalhos em outras tarefas a gente vai aprendendo a fazer”.(O aluno música)*

Embasei em Ciavatta (1998) a compreensão da fala desse aluno, pois a autora afirma que a *“formação técnico-profissional tem sido decidida no campo técnico-empresarial, o mercado”*(p.106). Nesse sentido, a lógica que prevalece seria a lógica do mercado. O aluno também demonstrou, em sua fala, que parece ter internalizado o discurso ou assumido como seu o que comumente é difundido nas falas de muitos empresários: nos dias de hoje, ao dizer que o seu emprego e o seu crescimento profissional dependem do esforço que ele realizar ou será uma jogada de sorte: *(...) a empresa é assim que eu já estou há três anos, só que é uma empresa (...) é uma loja em*

crescimento e todo o crescimento meu depende do crescimento da loja que eu tiver junto com a empresa ou ajudar né? Mas a princípio eu estou aqui para fazer o estágio, mas, agora visão de crescimento só se eu der uma jogada de sorte. (aluno música)

Esse aluno veio do campo para a cidade em busca de melhores condições de trabalho, mas ao passar do tempo percebeu que estava sendo explorado e buscou acolhimento no Movimento sem Terra :

Nos anos 80 “vim em busca de um emprego abandonei o campo e vim para o Vale dos Sinos e tinha emprego garantido, tinha crescimento e o sindicalismo urbano eles queriam trazer o filho do trabalhador rural, porque só sabiam trabalhar “, em dois anos me dei conta de que não queria mais trabalhar assim.

Particpei da ocupação da fazenda Anoni e com isso aprendi que “cidadão hoje é saber se defender falar de igual para igual.”(O aluno mudança)

Os outros alunos do curso também se apresentam a essa pesquisa com as suas trajetórias profissionais e logo passo ao conhecimento do leitor, esse aluno trabalha desde os 13 anos de idade e também iniciou sua trajetória profissional realizando pequenos serviços:

Eu trabalho sem carteira desde piá eu acho que tinha uns 13 anos eu já trabalhava na construção civil ajudante de obras, pintura, era uma gurizada a gente pegava uns bicos e fazia um dinheirinho, mas o meu primeiro emprego mesmo foi na AFAÇO ai eu jogava (...) ai teve um tempo lá que abriu uma vaga e eu que ficava de gandula, tive uma cotinha uma bolsa, ai eu ajudava lá na copa, mas faz tempo isso depois eu fiquei de Office boy na prefeitura, depois não me lembro mais. Agora eu to com 21 então é esses bicos né? (O aluno esporte)

Sua atual profissão foi escolhida por acaso, hoje, é agente comunitário de saúde:

(...) o concurso eu não tinha tanto interesse em fazer, como eu tava lá em Triunfo eu só pensava lá em Triunfo que ia me empregar lá no pólo (...) aí a tia me disse pra fazer o concurso.

Demonstra satisfação ao se referir a seu atual trabalho: *Estou satisfeito com o atual trabalho (...)sim pra minha idade ta me ajudando a ter as coisas que eu tinha vontade. (O aluno esporte)*

Além do seu trabalho como agente de saúde, trabalha nos fins de semana no Projeto em que se engajou, considera seu trabalho valoroso.

(...) no Projeto escola aberta sim vai fazer três anos também foi por causa do futebol.

(...) *trabalho na escola aberta na parte de esportes a gente gosta de jogar, conversar com a gurizada **todo mundo acha loucura trabalhar final de semana**. Mas eu acho **tri legal** porque eu acho que os piás merecem assim.* (O aluno esporte)

Já a outra aluna trabalhava no comércio como vendedora, mas faz pouco mais de um ano que ela não trabalha, ela sente que o trabalho que realizava era de grande utilidade (...) *Não eu estava trabalhando numa locadora de CDs que é do meu compadre, eu ajudava muito (...) **então tudo que tinha pra fazer no computador tudo era eu que fazia era só eu que sabia fazer**, cartaz, preços de diárias, promoções.*

(..) *eu **fiquei grávida e precisei dar um tempo** por que daí eu engravidei do menino eu já tinha a menina, daí engravidei do menino e não consegui continuar mas faz pouco tempo que eu parei foi um ano.* (A aluna dedicada)

Para essa aluna, o trabalho como bolsista é sua primeira experiência profissional:

(...) *não nunca trabalhei agora eu trabalho no gabinete do diretor eu sou bolsista.* (A aluna sorriso)

A outra aluna também bolsista iniciou a sua trajetória profissional aos sete ou nove anos, ela não lembra bem, mas ia aos parques todos os finais de semana com a família para vender (...) *eu costumava **dizer que eu não tive infância que a minha infância foi um carrinho de pipoca né?*** (...) *eu trabalhei assim, trabalho desde nova no setor de comércio, eu trabalhava com máquinas de algodão doce a gente fazia eventos, festas daí era eu, a minha mãe, meu pai, trabalhavam comigo vendendo nos fins de semana até os 17 anos e depois dos 18 eu sai da casa* (A aluna batalhadora)

Depois que saiu de sua casa, pois seu padastro não a deixava “trabalhar”, só conseguiu colocação como empregada doméstica:

(...) *eu trabalho desde 16 ou 18 anos **eu acho foi meu primeiro emprego** de doméstica (...) meu padastro ele não me deixava trabalhar. Dizia que eu tinha que estudar primeiro (...) e optei por procurar um emprego. E o que eu achei foi de empregada doméstica.*
(...) *trabalhei de doméstica (...) é e sempre como doméstica* (A aluna batalhadora)

A aluna explicou que, quando começou a estudar no IFE, precisou largar o emprego de doméstica, logo abriu seleção para bolsista e assim mudou de ocupação:

(...) *e já no início abriram inscrição pra bolsista e ai eu me inscrevi porque aí até nesta parte eu já tava desempregada;*

Eu tinha saído do meu emprego no mês de junho ou julho daí foi quando eu saí do meu emprego providência de Deus né? Porque eu já não ia poder mesmo, porque se tivesse trabalhando lá eu não ia conseguir, não por que lá eu pegava as 7h 30min da manhã e não saía de lá antes de sete ou oito da noite. (...) e ser bolsista com um pouco mais de conhecimento nesta área é tudo. (A aluna batalhadora)

Já outra aluna iniciou a sua trajetória profissional aos 16 anos. (...) *trabalhei três anos como monitora infantil na escolinha. E tem como atividades profissionais recentes:*

(...) atualmente eu fico no laboratório de informática cuidando para os alunos usarem. (A aluna professora)

De acordo com informações recentes, essa aluna encontra-se trabalhando em um dos postos de pedágio do município. As dificuldades em se colocar no mercado de trabalho estão expressas na fala dessa aluna, que relata as várias atividades que realizou:

(..) trabalhei assim só que sem carteira assinada, eles gostam muito de pegar a gente pra trabalhar, mas assinar a carteira que é bom, é bem difícil, sempre trabalhei informal né?

(...) trabalhei assim muito fazendo artesanato em casa; eu faço de tudo um pouco eu já fiz biscuit, já fiz porcelana, bijuteria até coisinha pra botar na parede coisa assim, crochê, tricô, fiz um pouco de cada coisa, fazia também aquelas coisinhas de jornal e aí eu ia lá ao meu tio pra envernizar

(..) na marcenaria eu já trabalhei também com meu tio, ajudando a envernizar as caixas. (A aluna Leve)

Esta outra aluna revela, em seu depoimento, que sua trajetória profissional foi se construindo através de contratos temporários, mas sempre vinculados à atividade pública: *trabalho atualmente em atendimento ao público, minha situação de trabalho é por contrato, mas já fui candidata a Conselheira Tutelar e tive 149 votos e isso que eu fiz só 20 dias de campanha. Durante a minha experiência em substituir uma Conselheira Tutelar em licença, “eu cresci muito a experiência pude fazer muita coisa por muita gente* A aluna acredita que sua vida deve ser vivida uma coisa de cada vez ao dizer: *“ O homem faz planos, mas prevalece os planos de Deus.” (A Aluna escritora).*

O outro aluno iniciou sua trajetória profissional após passar por um longo processo de recuperação, porque, quando estava entrando na sua adolescência, foi atropelado por um caminhão:

(...) passou deixa ver 16, 17, 18 anos e eu sempre gostei muito de futebol e tudo e pessoal dizia

(...) tu tem uma voz boa e isto e aquilo aí eu vi tinha rádio em Butiá, a rádio Sobral e eles

estavam precisando de repórter e tal, de uma pessoa que goste de futebol que entenda de futebol fui lá e me inscrevi (O Aluno João).

O aluno explicou que tinha um locutor que fazia faculdade e, quando ele precisava de tempo para estudar ou até mesmo namorar, deixava que ele fizesse o seu trabalho (...) *até que ele que me ensinou a operar o áudio porque ele era sobrinho de uns dos donos, então naquele tempo que ele trabalhava lá ele já tava fazendo faculdade ele tinha devia ter uns 22 anos, (...) ele queria estudar, ele queria namorar e eu ficava lá eu era guri tinha 16 ou 17 anos ficava lá na rádio.*

Ele relatou que tinha mais alguns funcionários da rádio que pediam que ficasse no lugar deles *Os caras precisavam sair de férias ou adoeciam e aí eu ia no lugar deles e eu fui pegando e eu fui fazendo plantão*

Logo, relata as trocas de função por quais foi passando no período em que ficou trabalhando na rádio até que lhe fez falta o estudo:

(..) dali eu fui crescendo (...) direto depois passei a operador de áudio. (...) eu fui passando de repórter de campo para comentarista, e já entrei para dentro da rádio, de comentarista passei a repórter policial, e depois repórter de rua, mas já trabalhando dentro da rádio . (...) E eu que era interessado aprendi, depois eu fui fazer locução (...) passei pra locutor e ai onde eu passei para locutor aí fez falta o estudo. (O aluno João).

A seguir, o aluno esclareceu que precisou mudar de cidade e tentou conseguir emprego como radialista em várias rádios da cidade e região. E explicou que a rádio em que ele trabalhava não queria fazer investimento na sua qualificação.

*A pessoa que me entrevistou me perguntou? **Tu és profissionalizado?** Porque aí no caso quem tinha que pagar era a rádio, uma época era o sindicato que queria nos profissionalizar, a emissora tinha que pagar o curso pelo menos na época era isso aí e eles não queriam pagar acharam que era um investimento desnecessário para uma rádio do interior e aí então tudo aquilo pesou. (...) aí pintou um emprego numa empresa em Butiá aí eu acabei mudando o meu rumo. (O aluno João)*

A situação desse aluno alterou-se e ele atribuiu ao estudo a sua nova ocupação:

Passou poucos anos e começou a dar crise nas máquinas agrícolas, crise e agora depois que eu já tava formado deu essa crise braba lá aí eu dancei né? Que foi agora em 2005 que eu fui pra rua lá, mas já tava formado já tinha o 2º grau completo foi aonde eu tive chance de vir pra cá e conseguir um emprego aqui né? Eu tinha 14 anos de empresa lá recebi a indenização e comprei aqui uma casinha velha, uma casa de madeira e aí eu consegui vir pra cá porque aqui tem mais emprego do que em relação a Butiá e aí consegui né? Dentro do ramo de metalúrgica(O Aluno João)

A outra aluna relata que logo que concluiu o ensino médio se casou e não precisou trabalhar, mas, depois de nove anos, precisou procurar um trabalho, pois seu marido perdeu o emprego e não tinham condições de manter a família:

*(...) e eu fiquei em casa porque meu esposo trabalhava e ele ganhava bem na época, não tinha necessidade de eu trabalhar e eu decidi ficar cuidando da filha (...)Dai ele ficou nove anos trabalhando ali e eu ganhei meu menino neste meio tempo , no ano em que eu ganhei meu **menino no final do ano eles botaram ele pra rua e eu também tava parada né?** Não tava trabalhando ai depois houve a necessidade já que eu não tava trabalhando, eu tinha de arrumar um serviço, daí eu comecei a procurar (...) trabalhei numa loja que tem ali no centro perto da prefeitura, em 2002, (...) é trabalhava de vendedora depois fui pra caixa trabalhei de tudo um pouco e ai depois como nós íamos nos mudar pra cá em abril. Meu marido tinha conseguido outro trabalho.*

Ela engravidou de seu outro filho e novamente parou de trabalhar, agora seu esposo já estava trabalhando

Eu já tinha fechado um ano e meio lá neste outro serviço que eu tinha e ai a minha barriga já tava explodindo, tava quase ganhando ele daí ele disse pra mim parar.(aluna completa)

Dois anos depois, a situação se reverteu novamente e ela precisou retornar ao mercado de trabalho para que eles pudessem sobreviver.

*(...) e ai eu arrumei serviço fiquei um ano sustentando a casa, ganhando R\$480,00
(...) eu comecei a trabalhar, nesta escola infantil faz dois anos que eu trabalho lá. (aluna completa).*

6.2 Relação com a Escola

Através da fala dos depoentes, é possível evidenciar uma relação de descontinuidade com as suas escolas anteriores, pois os estudantes que permaneceram no curso demonstraram muito empenho e vontade de estudar e buscam, na área profissional, a possibilidade para concretizar seus sonhos com isso avançar. Mediante a escuta do que eles têm a dizer, é possível entender as diferentes relações que se estabelecem entre os colegas de aula, durante o curso e, o quanto essas foram determinantes para fazer com que alguns alunos chegassem até a etapa final. Nas suas falas, vão se revelando os seus projetos futuros, a partir do que tinham: das suas expectativas acerca do curso, quando iniciaram as aulas, ao que planejam para o seu futuro após concluírem seus estudos.

Assim, por exemplo, a fala deste aluno revela que a sua família migrou do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida e ele precisou interromper seus estudos para poder trabalhar e ajudar:

(...) Eu venho de uma família de nove irmãos, da cidade de Três Passos estudei até a 5ª série. E tive que parar porque precisava ajudar na lida. (...) Depois de 28 anos fiz o EJA fundamental em Viamão no assentamento. Depois de realizar o Eja fundamental decidi continuar estudando. Fiz o 2º grau completo e cursei algumas cadeiras da faculdade. (O aluno mudança)

O aluno conclui a sua relação com a escola a partir dessa elaboração que construiu da sociedade e do papel que a escola assumiu para escolher os seus alunos:

“A sociedade é individualista e a escola cumpre bem o seu papel, tem vários jeitos de se fazer deveria ter nas escolas a disciplina de cooperativismo.”(O aluno Mudança)

Este outro aluno revela que precisou acelerar seus estudos, pois queria fazer o curso técnico, mas, logo que iniciou o curso técnico em química, ele desistiu:

(...) não eu comecei o ensino médio no Assis e fiz um ano do 2º grau, aí depois eu sai do Assis, pra eu poder sair mais rápido eu queria fazer a prova do técnico em química, e fui pro Dimensão lá tinha uma prova pra fazer o ensino médio na modalidade EJA em 6 meses ou em um ano ou um ano e meio, daí eu fiz o EJA em 6 meses. Daí eu passei e eu comecei a fazer (...) Não gostei do curso, me frustrei com a metodologia aplicada nas aulas e a maioria dos professores demonstrava falta de interesse em ensinar” (aluno música)

A fala de outro aluno revela que a falta de escolaridade agiu como um empecilho para a sua atuação e explicou que era muito incentivado a retornar aos estudos por seu colega, mas ele relutava, até que se deparou com uma falha sua ao apresentar um programa de rádio:

(...) e eu me lembro dizia assim pra mim ele tem uma irmã dele aqui em Butiá, mas ela era professora nesta época, ela era diretora de uma escola, da escola que depois eu vim a estudar nela. Era Visconde de Mauá, aí ele disse assim vai lá e fala com a... Vai lá e fala com ela e volta a estudar cara tu tens uma voz boa uma dicção boa, e eu nem tava nem aí, daí vou te contar ai uma vez uma falha que eu dei, vinha um cara no teatro da Ospa em Porto Alegre um cara internacional, era um show de jazz né? Ai eu fui ler as manchetes, eu nunca me esqueço isto ai me marcou eu fui ler as manchetes: hoje a noite no teatro da OSPA em Porto Alegre grande show cantor Bill aí dei o nome do cara e matei a pau né? Ai grande show de “jass” aí eu disse jass como estava escrito né? jazz ao invés de dizer jess (...) e eu lembro que ele empurrou a porta ai ele se esticou ali e ria, ai eu chamei a música agora vamos a música tal assim. E ai ele disse bah! Cara tu arreventou no nome do cara ai

chega na hora de dizer qual o show do cara tu faz isto? (...) mas eu nunca dei importância pra falta do estudo, no fim acabei não estudando e eu sai da rádio Sobral. (O aluno João)

6.2.1 A relação entre escola-trabalho aproximação/afastamento

O aluno explicou que foi em busca de um novo trabalho, mas a falta de estudo foi um empecilho para conseguir se colocar novamente:

*(...) eu vim para Porto Alegre cheguei aqui na rádio e nunca me esqueço era o Aldo Fontela da rádio Atlântida não da rádio Cidade entrei lá gravei um piloto, ele disse tu tens uma baita de uma voz , uma voz boa deixa teus dados aqui anotados, ai **ele perguntou tem o 2º grau completo? Eu disse não**, ai ele perguntou tem curso de inglês? **Então tudo aquilo pesou**, aí diz ele olha lamentável a tua voz é muito boa e tudo tu é um locutor bom tem uma boa dicção , tem uma locução boa de voz, **mas tu não tem o segundo grau que é o mínimo e não tem o curso de inglês, então lamentavelmente** dizia ele, **então me desestimulei.** (O aluno João)*

O aluno explicou que ele foi buscar emprego em outra área e, por isso, ficou sem estudar:

(...) ai pintou um emprego numa empresa em Butiá, ai eu acabei mudando o meu rumo sem estudo e tal ai entrei pra dentro daquela empresa e fui crescendo. (O aluno João)

No ano de 1998, foi quando o aluno sentiu a necessidade de retomar seus estudos, já estava há muito tempo sem estudar até que uma vizinha o incentivou a voltar a estudar e o aluno retomou: *(...) ela era professora e tava fazendo faculdade e ela foi à nossa casa e nos convidou **eles eram vizinhos de frente assim nunca me esqueço**, hoje ela já ta formada, já leciona e tudo e ai ela foi e me convidou me dêem uma força e tal, entrem ali eu preciso de no mínimo dez alunos. (O aluno João)*

O aluno explicou o que o motivou a voltar a estudar : *eu tava como encarregado de setor estava cuidando do setor :**era líder** como eles chamavam (...) quando eu retornei aos estudos só que ai eu entendi assim, eu comecei a avaliar, eu como líder de setor ai eu olhava **colegas meus que trabalhavam fazendo curso técnico e eram subordinados a mim e comecei a me sentir mal**, bom mas o cara ali ta fazendo técnico outro daqui a pouco vem e pimba me da **uma rasteira isto ai seria a lógica da coisa** e ai eu tinha aquele problema pensava em voltar a estudar(O aluno João)*

O aluno depositou, na educação formal, a possibilidades de se qualificar, projetando, na escolarização, as perspectivas concretas de uma vida profissional mais promissora e segura. Assim, a escola foi um caminho viável para essa concretização.

Segundo Charlot (2002), essa ação é a mais frequente, o autor salienta que 75% a 80% dos alunos vão à escola em busca de um emprego no futuro.

A coerência é de que “para se ter um bom emprego se deve ter um diploma e, para se ter um diploma, se deve passar de uma série para outra. Deve-se ter um diploma para ter emprego, deve-se ter emprego para ter dinheiro para ter uma vida normal” (CHARLOT. 2002 p.27).

6.2.2 A relação entre a escola e a família aproximações / afastamento

As alunas, a seguir, revelam em suas falas, que pela gravidez ou para poder cuidar de seus filhos precisaram interromper seus estudos. Sendo para uma das alunas a gravidez um empecilho para concluir o técnico e para a outra o ensino médio.

Vejam os dizeres das alunas:

*(...) já tinha feito o 2º grau sim e tinha começado o **técnico em química** só que eu fiquei grávida e a professora também, a minha licença maternidade não coincidiu com a da professora e quando ela voltou **eu é que precisei sair** ;(A aluna Sorriso)*

*(...) fiz até o 3º ano do segundo, mas rodei, **cheguei a fazer todo o 3º ano do segundo grau mas**, rodei era escola normal regular não era EJA. No ano de 1999 eu parei, porque eu **engravidai, e ai eu parei pra ganhar meu nenê** eu ganhei meu nenê no meio do ano(A aluna batalhadora)*

(..) eu me formei com 17 anos hoje eu to com 30 anos treze anos é bastante tempo, nesse tempo eu fiquei em casa cuidando dos meus filhos.(A Aluna Leve)

A filha pequena a impediu de continuar o curso técnico em química:

*(...) foi em novembro e não consegui ai fui no outro ano de novo, ela tava maior ela tava com 9 meses, e não consegui, eu não sei eu chegava **lá e parecia que tinha que voltar pra casa**, sei lá eu só fiquei com ela não saia pra lugar nenhum nem festa nem nada, ai eu comecei a estudar e pensava meu Deus que vou fazer? E ficava até o intervalo e voltava pra casa às vezes eu pegava ela chorando as vezes não. (...) era pequeninha e ela chorava e eu não tinha coragem de deixar ela sozinha, daí eu não consegui ficar;*

(...) faltava duas matérias (...) aí não voltei e me arrependo até hoje, se eu tivesse a deixado chorando né?. (A aluna Sorriso)

(...) Cursei até o sétimo semestre de Pedagogia. No ensino médio eu fiz magistério, mas como as minhas filhas eram pequenas eu tive que parar de estudar. (A Aluna escritora)

Nas citações da maioria das estudantes, o retorno para a escola foi motivado por terem recebido estímulo de alguém da família, ou dos filhos, do marido, da mãe, enfim, desejam “recuperar o tempo perdido” pela necessidade de se atualizar e buscar um futuro melhor para ela para aquelas que não são mães, para seus filhos. Os relatos mais frequentes são em relação a necessidade de solicitarem de apoio/ autorização da família:

(..) aí conversei com meu marido conversei com o pessoal em casa, porque eu tenho dois filhos pequenos e como é que eu ia deixar as crianças sabia que o curso era noturno(Aluna Leve);

(..) eu queria voltar a estudar (...) daí abriu aqui e eu nem imaginava que iria conseguir (...) e eu fui sorteada e ela disse: tu tens que ir porque eu não fui e tu foi a sorteada agora tu vai ter que ir até o final, a gente foi num bando a gente tava em oito gurias e só eu fui sorteada. (...) a minha filha já tinha dois anos e pouco estava mais tranqüila, eu já tinha tirado o peito dela daí foi tranqüilo, agora ela fica com a minha mãe.(A Aluna Sorriso)

Esta aluna salientou que voltou a estudar porque seu marido já havia feito vários cursos e ela estava cuidando dos filhos, queria se atualizar também:

(...) daí eu senti a necessidade de voltar a estudar (..) ele fez vários cursos dentro da firma também e eu disse eu fiquei parada agora a filha já ta grande e agora é a minha necessidade de voltar a estudar pra mim é me reciclar. (A Aluna Completa)

Esta aluna comentou que, por motivos de doença na sua família, precisou ficar afastada dos estudos, mas mesmo assim foi incentivada por seu marido para retomar:

(...) eu estava há treze anos sem estudar a gente ta sempre envolvida com coisas assim aí a gente tem que ta por perto (...) daí meu marido me falou tu não queria voltar a estudar? E eu falei que sim, então ele disse vai lá e te inscreve nesse curso novo que vai abrir.(A Aluna Dedicada).

6.2.3 A relação entre sucesso e o fracasso escolar

No depoimento desta aluna, nos deparamos com a ideia de que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos são vítimas ou resultado do "fracasso escolar", uma vez

que teriam sido excluídos do processo escolar na sua idade regular. Ela explicou como foi difícil para ela concluir o ensino fundamental e revela como considera válido para a sua formação retomar seus estudos, pois estava a seis anos sem estudar, até iniciar o PROEJA:

*(...) até levava os cadernos se dava uma oportunidade (...) quando eu reprovava **ah minha mãe dizia assim tu não estudo**, não, não é que eu **não estudei eu me esforçava** às vezes tinha que fazer uma viagem longa e aí quinta-feira eu já não ia na aula. **Eu sei o que é falta de estudo** eu estudava final de semana, mas se eu tivesse passado direto nas séries do ensino fundamental eu já teria me formado há muito tempo, **então sei o que eu passei quanto tempo levei quando a gente perde em um na de estud..***

*(...) **eu não sei como funcionam as novas leis**, mas como eu estava há muitos anos longe da escola eu teria que começar de novo, eu não sei se eu ia ter que fazer o primeiro, **segundo e terceiro tudo de novo** não se é pelo menos foi o que me informaram, aí eu achei bom porque eu ia começar do zero e repeti de novo o primeiro, segundo, terceiro mas ia concluir o segundo grau e ia ter uma especialização né? Uma profissionalização, melhor um curso técnico assim. (A Aluna Batalhadora)*

Nesse sentido, busco Charlot (2001), para compreender o sentido do fracasso escolar demonstrado na fala dessa aluna, o autor afirma que há trabalhos que mostram que os alunos das camadas mais desfavorecidas são os que têm mais dificuldades na escola, são os que reprovam mais; no entanto, a luta contra o fracasso escolar "*continua sendo um dos principais desafios das políticas educacionais em inúmeros países, e o problema da desigualdade social em face da escola foi o mais explorado pela sociologia da educação até o momento*" (CHARLOT, 2001, p.16)

6.2.4 As opções formativas

A falta de opções para a formação profissional na cidade e de perspectivas após o Ensino Médio levou as alunas a realizarem os cursos disponíveis na região:

(...) professora não foi comigo, só fiz o curso porque era o que tinha aqui; (...) era público né? (...) era só particular não dava para o rendimento da família; (...) não tinha nenhum curso que me agradava ali; (...) aí fiz magistério para ter um diploma; (...) eu cresci aqui vivi sempre aqui, não eu conheço outros lugares (A Aluna Leve)

Parou de estudar por falta de perspectiva. Ficou treze anos sem estudar:

(...) não porque terminei o segundo grau e entrar na faculdade federal é muito difícil mesmo eu tentei, eu fiz um vestibular, eu não sou muito boa em matemática, física eu não me dou muito bem. Então não tinha mais o que fazer (A Aluna Dedicada)

Esta aluna revelou em seu depoimento que queria fazer um curso na área de Desenho, mas não tinha na cidade:

(...) eu já tinha feito um curso técnico em informática só que a ênfase em programação, nós programávamos bastante (...). Gostava de desenhar (...) ou alguma coisa da área ou na área de desenho ou na área de programação alguns desses porque eu também gosto muito de desenhar (A Aluna Dedicada)

O aluno revela que, após desistir do curso de química, ele ficou um ano sem estudar por falta de opções formativas na cidade:

(...) eu não tinha alternativa, era fazer curso que eu não gosto de metal mecânica, metalurgia, gestão empresarial no CNC e tinha outro curso de contabilidade então não tinha alternativa de curso, ou ia para Porto Alegre né?, Então neste meio tempo eu tava trabalhando em uma loja e na loja eu fazia vários cursos voltados pra vendas né? (O aluno música).

Um estudo realizado por Ferreti (1997) aponta alguns desafios a serem superados pela formação profissional: ***questão principal a ser enfocada pela formação profissional tem a ver, evidentemente, com as novas demandas que lhe faz o setor empresarial.*** Assim, como vimos na fala do aluno que, na região, os cursos existentes estavam voltados às indústrias da região, não havia outras opções para ele.

Nesse sentido, podemos observar através da fala dos alunos abaixo que o mais importante é a quantidade de cursos que conseguem acumular ao longo de seu processo de formação e se esses têm alguma probabilidade de inseri-los no mercado de trabalho.

Outros alunos revelam, em seus dizeres, que consideram importante para o seu currículo possuírem muitos cursos. Até o seu ingresso no PROEJA:

Cursei todo o ensino médio e fiz o curso de magistério conclui o curso em agosto e em setembro iniciou o Proeja: (...) eu fiz o 2º grau depois eu fiz o magistério. (...) entrei aqui em setembro.(A Aluna Professora)

Os alunos revelam que os cursos realizados eram voltados ao mercado de trabalho da região:

(..) fiz o técnico em química o técnico em química faltou o estágio e fiz mecânica de manutenção e tava fazendo metalurgia (..) eu sempre estudava dois turnos desde que eu comecei o ensino médio só no primeiro ano que não; (..) agora faço o técnico em informática. (...) o de química e o manutenção nosso curso era voltado para o pólo petroquímico, metalurgia também.(O Aluno esporte)

(...) já fiz muita coisa, como cursar Desenho mecânico- eu fazia de noite, antes desse eu cursei o Técnico em Química, e depois eu fui para a Espanha.(A Aluna escritora)

Essa outra aluna explicou que gostava de informática e que os cursos gratuitos nessa área eram escassos, fazendo com que ela repetisse três vezes o mesmo curso:

(...) durante um tempo fiz assim um curso de informática, mas é desses cursos assim, que é um pacote, o último que eu fiz durou oito meses, e eu sempre gostei muito de informática daí esse último curso que eu fiz no sindicato eu cheguei a fazer três vezes(A Aluna batalhadora).

6.2.5 O regresso à escola

Na fala deste estudante, é salientada a sua determinação e a sua coragem ao retomar seu processo de escolarização, essa não é uma decisão fácil e depois que a decisão é tomada a sensibilização do docente ser fundamental para determinar a sua continuidade nos estudos.

(...) tinha aquele problema pensava em voltar a estudar pensava será que eu vou conseguir enfrentar?Será que eu vou conseguir estudar? Me dava nos nervos era aquela tensão que me dava, só assim em eu estar escrevendo, por exemplo se a professora tava olhando ou se alguém tava olhando já me dava um nervoso e eu não conseguia mais escrever me dava um tremor, isso acontecia até quando eu ia assinar meu nome numa coisa lá.(O aluno João)

Paulo Freire, afirma: “Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.” (Freire, 1979, p. 9).

E foi a partir da participação do aluno no MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) Programa que foi gestado por Paulo Freire, quando era Secretário da Educação do Estado de São Paulo (1989/1991) – que o aluno conseguiu superar seus medos, através do método que era utilizado conforme sua fala:

(...) uma vizinha nossa lá ai eu já era casado,nessa época eu já tinha casado em 98 ai uma vizinha nossa entrou aquele tal de MOVA e ai eu entrei pra escola e ai eu fui perdendo aquilo ali, no contato ali junto com o pessoal sentado na mesa, uma mesa assim de fazer churrasco, uma mesa grande como as mesas de fazer churrasco domingo eles faziam a aula e ali fui perdendo, perdendo e tal e ai ela foi me incentivando porque eu acertava tudo eu sempre tive uma cabeça boa pras coisas e

ela dizia :tu tem capacidade tem competência volta a estudar (...) e eu fui vendo que eu podia superar aquilo dali que aquilo era coisa da minha cabeça e eu tinha que me superar e ai em 98 eu retornei entendeu? Ai eu tive que fazer, porque eu tinha parado no começo da 8ª série quando eu me acidentei, então tive que fazer à 7ª e a 8ª de novo e depois fiz o 1º e 2º ano e o 3º ano, ou seja, quatro anos eu estudei lá direto e ai depois eu vim pra cá. Fiquei uns três ou quatro anos sem estudar até entrar no curso.(O Aluno João)

Considerando o depoimento do aluno, parece que uma das condições primordiais para se pensar um efetivo processo da aprendizagem é levar em conta que para saber ensinar é preciso saber escutar, entre tantas outras virtudes que resguardam o exercer a docência.

6.3 ESCOLHA DO CURSO

Como o mote norteador dessa pesquisa visa perceber que relações se estabelecem entre os diferentes elementos envolvidos para análise dos dados que formam as expectativas dos alunos ao buscarem o curso de PROEJA.

Logo no início, não sabiam em qual tipo de curso estavam ingressando, alguns julgaram ser um curso da prefeitura, outros concluíram ser esse um curso técnico qualquer, alguns sabiam que se tratava de uma escola técnica federal nova que estava se instalando na cidade. Os alunos revelam, em seus depoimentos, que escolheram o curso por acaso, ou por falta de opções na cidade, outros, por saberem que se tratava do curso de informática, foram sem pensar na instituição que o estava oferecendo. Os depoimentos, que trazem o conhecimento dos alunos a respeito do IFE, revelam que escolheram o curso porque sabiam se tratar de uma escola federal, portanto consideraram esse fato como essencial para a sua escolha.

Alguns desses fatores acima citados poderiam ser considerados como *tropeços* da instituição no momento da divulgação do curso, pois não houve um tempo hábil para que a população soubesse qual escola estava chegando à cidade. Tratava-se de uma escola consagrada e com 65 anos de tradição no ensino profissional.

Os depoimentos dos alunos corroboram para essa assertiva:

(...) *na época que eu entrei no CEFET eu tava no outro curso, o nosso professor que nos dava aula ele era formando do CEFET de Pelotas então ele falava muito bem da escola (O aluno esporte)*

(...) *Não sabia ao certo se era computação. “ (...)Nem sei por que na verdade quem descobriu este curso foi o meu marido, (...) sabe assim quando tudo acontece no acaso? (...) escolhi este curso por que este é gratuito lá eu teria mais um custo (...)e este é bem pertinho da minha casa eu poderia ir a pé é bem melhor é pertinho de casa (A Aluna dedicada)*

(...) *Quando veio o CEFET eu não tinha outra alternativa, eu não gosto da metalurgia. Estou apostando na escola para ver se é tudo o que dizem, e se ele corresponde a exigência da escola. (...) tui o momento de ver se a escola federal é o que dizem ou não é; (O Aluno música)*

(...) *mas naquela época do CEFET tinha o de Segurança do Trabalho eu até pensei em fazer, mas no fim surgiu este e eu pensei ah então eu vou fazer por que informática era o que eu gosto*

(...) *olha assim no começo é por que saiu assim porque saiu uma nova escola técnica gratuita; (...) e eu fui sorteada (...) olha nem sei assim, não eu queria mais assim porque eu queria ter um curso técnico assim agora à gente ta aprendendo esses negócios (...) me identifiquei mais que é redes (A Aluna professora)*

(...) *foi uma coisa que eu me interessei quando eu vi a prova sobre o concurso; (...)eu disse eu vou tentar de repente né? (...) uma boa oportunidade porque é um curso que não tem aqui; (...) e por se tratar de um curso público uma chance boa né? Eu achei é uma oportunidade que tava dando de graça. (A Aluna Leve)*

(...) *ainda não conhece o CEFET, mas lá o pessoal fala nos carvão ainda não foi bem divulgado não sabe bem o que é (A Aluna Sorriso)*

(...) *Cheguei ao até aqui através de uma inscrição na internet, realizada pela minha esposa, “eram 700 inscritos e só iam entrar 40”. (...) estar no Cefet “é uma escola federal e de qualidade” e considero mais “importante é o conhecimento o diploma é consequência o mais importante é saber fazer”. (O aluno mudança)*

(...) *matriculou-se sabendo a escola federal é boa e se estou aqui é para aproveitar é um curso bom to aprendendo muito(A Aluna escritora)*

E ai eu achei que fosse esse assim né? Como eu gostava de informática eu disse ah eu vou fazer né? Mas ai quando eu fiquei sabendo o que era aula mesmo daí eu gostei né?Vi que era uma oportunidade (A Aluna esforçada)

A respeito do paradoxo da escolha, (MELUCCI, 2002 apud BROD 2006 p.45) “escolher parece, hoje, o nosso destino daquilo que não se pode evitar”.

Como já referido, no transcorrer dessa pesquisa, busco o significado do PROEJA para esses alunos, procurei investigar se a realização desse curso de alguma forma viria

a impactar na mudança de sua trajetória profissional e formativa, deste modo, questionei os entrevistados a respeito de seus planos futuros, antes e após terem ingressado. Assim, passo a examinar, em primeiro lugar, quais eram e se tinham planos futuros antes de entrarem no curso.

6.3.1 Projetos Futuros - Antes de ingressar no curso

Para tratar a respeito deste tópico, utilizo o estudo realizado por Franzoi (2003) que ancorou sua análise a respeito dos projetos futuros dos egressos do PEQ, sob dois vértices: o de “possuir ou não uma profissão, bem como com referências profissionais que porventura possuam”.(p.99). Os projetos que os estudantes tinham, antes de ingressarem no curso, se referem a projetos em relação ao seu emprego / inserção profissional, e, assim, a informática seria uma forma que eles teriam para alcançar tal finalidade.

Os depoimentos retratam a justificativa apresentada:

Quando o aluno ingressou no curso, tinha como meta somente administrar uma cooperativa

*[...] meu desejo é **administração** de uma cooperativa (O aluno mudança)*

Para esta aluna, seu desejo é o de utilizar a informática para auxiliar os outros, principalmente a área educacional, tem como objetivo maior ser eleita para o Conselho Tutelar

*[..]Era de aprender a usar a informática como uma ferramenta para auxiliar não só para mim, como para o meu trabalho e para continuidade dos estudos(...) eu quero terminar a minha faculdade. (...) Tenho como plano concluir a faculdade e me candidatar ao Conselho Tutelar, vejo a informática **como uma ferramenta** de auxílio nas escolas, creches, “ **a informática pode ter outra atividade** como utilizar para o lado social e profissional, as escolas estão ultrapassadas os computadores ficam fechados em uma sala de aula pois não tem quem saiba mexer com eles.”(A Aluna escritora).*

Para esta aluna, a conclusão do ensino médio é a sua meta principal, o curso foi interrompido em razão da sua gravidez.

[...] Tentar concluir o 2º grau que eu não consegui nem na outra escola (A Aluna Batalhadora)

Para esta aluna, sua meta é realizar um curso superior na área de educação física.

[...] Eu quero trabalhar com as crianças pretendo fazer a faculdade de educação física (A Aluna professora)

Os planos deste aluno são direcionados a realização de um curso técnico em informática.

*[...] Meus **planos sempre foi de fazer um curso técnico de informática**. Bom que tive a possibilidade de ser na nossa cidade (O Aluno Wellinton)*

Estes alunos pretendem avaliar e desafiar as suas capacidades e assim o ingresso no curso vem a desafiá-los.

*[...] descobrir se teria capacidade de concluir o curso, e adquirir **uma profissão** se acaso concluir o curso (O Aluno Ocupado)*

*[...] Chegar até o fim, dar o melhor de mim, **superar a mim** mesmo no que, até então, já tinha vivido (O Aluno anônimo)*

Os projetos futuros desses alunos se relacionam à conquista de um trabalho, o é o que os que motiva a buscarem os cursos técnicos:

*[...] queria voltar a estudar para **conseguir um emprego** depois e ajudar a pagar algumas contas lá de casa e fazer algumas reformas (A Aluna Dedicada)*

*[...] se eu seguir eu acho que **vai ser um bom emprego**, um bom salário (A Aluna Sorriso)*

Este aluno não está incluindo, em seus projetos futuros, o novo conhecimento de informática para busca de um trabalho, ele está satisfeito com o seu atual trabalho, mas não descarta nenhuma possibilidade.

[...]O curso de informática eu acho muito legal né? Mas na verdade até que eu pretendo seguir na área,mas eu gosto da área em que eu to trabalhando eu trabalho com pessoas, mas eu não descarto nada (O aluno esporte).

Este aluno prefere não realizar planos futuros, aguarda que a vida o leve para um novo caminho, mas nutre uma expectativa em relação ao seu ingresso no curso superior e este poderá se dar em razão de ele ter cursado o PROEJA.

*[...]**depende da direção do vento**, não adianta na vida da gente **tudo o que a gente vai fazer** eu estalo é agora e tudo acontece, senão tu vai forçar a barra bota muita*

expectativa que não tá na hora mesmo, toda a vez que eu quis ir no embalo forçar a barra acabei me decepcionando quando as coisas vem ao natural é mais fácil.

Eu espero ter base pra eu futuramente se tiver que pagar a faculdade ou através do PROUNI, eu ter base né? Agora se eu conseguir passar numa faculdade federal... (O Aluno Música)

6.3.2 Projetos Futuros – Em que o curso mudou sua perspectiva de futuro

Após a realização do curso, a perspectiva de futuro para os entrevistados ganha outra configuração, pois está relacionada a sua ocupação atual, seus esforços estão direcionados em busca da conquista do nível superior. Ou de conseguir a inserção profissional, ou outro emprego para ganhar mais. O curso técnico serviu aos seus propósitos formativos. Assim seus depoimentos revelam:

Este aluno visualizou, a partir do curso, outra possibilidade de geração de renda para ele e para os seus colegas, agora, não pensa somente em administrar uma cooperativa, ele pretende cursar o nível superior e abrir uma cooperativa, mas de informática:

*[...] lá no assentamento tem limite de crescimento financeiro e pessoal, pretendo estudar Direito, quando sair do Proeja (...) pretendo **montar uma cooperativa de informática**, onde tenho a idéia de oferecer serviços de assistência técnica, “já dei a idéia para a turma”. Logo ao terminar o Proeja. (O Aluno Mudança)*

A perspectiva dessa aluna, que não tem um vínculo empregatício, adquiriu novos significados, além de auxiliar as pessoas e concluir a sua faculdade, ela pretende organizar um empreendimento seu, e publicar o seu livro.

*[...] Depois do curso eu pretendo auxiliar as pessoas “ a informática tá ajudando em tudo mas **onde eu tiver tudo vai ser diferente**” Eu quero fazer o estágio; quero terminar a faculdade; e usar esse conhecimento para ser empreendedora de idéias que poderão mudar muito mais a minha vida como poder ajudar os outros e quero editar o meu livro já escrito. **Ao concluir o curso eu pretendo montar algum negócio “oportunidades vão surgir”**. “ não desisto de nada”. (A Aluna Escritora).*

Este aluno revela, em seu depoimento, que só aceitaria mudar o seu ramo de atividade se a informática lhe oportunizasse um ganho maior.

[...] não acho que não só se eu fosse ganhar mais assim se eu visse que isso servisse para me ajudar, sei lá não tenho certeza.

*Mas a gente vai ter que sempre tentar melhorar, **vou tentar fazer vestibular para ver se passo**. Na última vez que conversei com o aluno ele fez questão de dizer que tinha sido aprovado em um curso superior a distancia. (O Aluno esporte).*

Os projetos futuros deste aluno reafirmam a sua intenção inicial em realizar um curso superior.

*A música talvez seja uma alternativa para o meu futuro profissional, creio eu que tenho chances (...) **música é a única coisa que eu faço que me dá prazer e satisfação de verdade**” e é isso que eu quero fazer quando sair daqui e eu tenho bastante chance de passar no vestibular de música mais do que eu matemática, informática, porque eu toco desde os seis anos de idade e eu fiquei sabendo que tem um só por vaga, e agora eu tenho mais chance de passar (O Aluno Música)*

Para esta aluna os seus planos não sofreram muita alteração após ingressar e permanecer no curso.

*[...] eu quero fazer depois que sair daqui (...) **fazer educação física pra trabalhar com crianças** eu to bem fora da área, mas pra eu queria para trabalhar com as crianças. (A Aluna professora).*

Para estes alunos existe uma intenção muito definida, relacionam o curso à conquista de um trabalho, geralmente o motivo principal que determina os alunos a buscarem os cursos técnicos:

*[...] Meus planos são o de **levar adiante o ramo de informática** e vou fazer vários outros cursos da área (O Aluno Wellinton)*

*[...] **Trabalhar na área de informática** para me aperfeiçoar cada vez mais (A Aluna Batalhadora).*

*[...] **Trabalhar na área** em que me tornei um profissional qualificado. (O Aluno Ocupado)*

*[...] Porque eu vou conseguir pelo menos um estágio, depois **o resto eu me viro pelo menos eu tendo a experiência depois é mais fácil pra conseguir.** (A Aluna Dedicada)*

*[...] eu não gostava mas acabei gostando porque **vai me dar uma perspectiva boa de trabalho** e condições favoráveis para mim é uma área boa pra mim(O Aluno Música)*

Esta aluna pretende conseguir inserção profissional através do curso, mas acha impossível conseguir um trabalho com carteira assinada nas indústrias e comércio do município, e vislumbra a possibilidade de cursar um tecnólogo quando concluir o PROEJA:

*[...] **eu pode pegar no pólo essas podem até efetivar na nossa área,** (...) aqui dentro não tem uma empresa de informática (...) **mas eles não vão contratar um técnico em informática** (...) porque eles **não vão assinar a carteira né** ?tem muita gente desempregada
(...) quem sabe venha o tecnólogo é o que o diretor diz que em 2010 vai ter ai eu faria daí não precisa do ensino médio (A Aluna Sorriso)*

Este aluno pretende continuar investindo em cursos de capacitação na área de informática:

[...]Me recuperar da falta de dedicação que tive com o curso e seguir me dedicando a área da técnica de áudio (Aluno anônimo)

6.4 SIGNIFICADO DO CURSO

Para dar sequência a esse estudo, conforme me dispus a investigar qual o significado desse curso para esses sujeitos ao realizarem o PROEJA, visto já possuírem o ensino médio concluído. Torna-se essencial, nessa etapa, analisar como se constituíram as relações dentro da escola, compreendendo que é na escola como um espaço institucional que se processa o conhecimento sistematizado pela sociedade.

Para tanto, utilizarei os depoimentos dados pelos sujeitos, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a permanecer no curso, pois esses precisam se entender em sua vivência escolar, podendo-lhe direcionar os conteúdos e as metodologias para que sejam privilegiadas no seu contexto. E mesmo que se consiga compreender seus desejos, suas expectativas e suas necessidades, o PROEJA não lhes deve significar apenas uma fragilização e aligeiramento da sua formação profissional e de sua relação com o conhecimento, para isso busquei eleger, para compor o ambiente desses estudantes, os depoimentos que revelassem tais considerações. Pois, muitas aprendizagens escolares, em particular aquelas referentes a atitudes e valores, dependem muito mais de vivências, que envolvem a razão e o afeto, do que da transmissão oral e explícita.

Em (CHARLOT, 2001 *apud* FORTES 2006 p.146), [...]“entrar na escola é entrar em um universo novo, marcado por uma dinâmica de continuidade e descontinuidade e especificidade em relação a vida, que é preciso gerir”.

Assim, o respeito a si mesmo, aos semelhantes e aos diferentes, o repúdio à discriminação, a confiança nas próprias capacidades, o espírito de iniciativa, a responsabilidade são aprendizagens que dependerão mais das experiências de relações humanas vividas na escola do que da prescrição de regras.

Apresento a seguir, como se constituíram as relações que mobilizaram homens e mulheres a buscarem o PROEJA, nessa etapa de suas vidas:

O ambiente educativo:

Neste tópico, busco identificar, a partir das concepções que os alunos possuem de ensino, metodologia, didática, qual é a sua visão a respeito do curso de PROEJA que eles cursam, nesse caso o curso de Informática. Assim, procurei ilustrar seus depoimentos salientando a visão negativa e a visão positiva, a respeito do curso que frequentam:

Visão Negativa:

Este aluno, que gosta de praticar esportes, reclama da escola ao oferecer pouco espaço e também de seus colegas que não gostam de jogar:

[...] a quadra é boa só que eles nunca jogam por quê? Porque só tem 1 período de Educação Física e meus colegas não gostam de jogar (Aluno Esporte)

Já o outro aluno não considera justo com ele e com outros colegas ao mencionar a postura adotada por alguns no que se refere à honestidade deles quando precisaram justificar suas faltas:

[...] alunos que faltaram por falta de frequência aparecem assim com atestados frios e não estavam doentes estavam afastados na cidade. (O Aluno Musica)

Neste outro depoimento, o aluno se diz inconformado com o excesso de liberdade que os professores deram à turma quando o curso iniciou, pois, segundo ele, os alunos não deveriam decidir a respeito das questões do curso:

O que eu não gosto aqui é que no início alguns professores deram muita autonomia para as pessoas para turma, não tinham que dar muito espaço para as pessoas assim nos conteúdos de aula; (...) ter algum transtorno, também na elaboração do curso quando eles começaram o curso eles deram muita autonomia pros alunos decidir alguma coisa expor alguma(...)(O Aluno Música)

Na visão desta aluna, o problema é relacionado ao horário de término das aulas, segundo seu depoimento, é muito cansativo, pois ela trabalha durante o dia e mora muito longe da escola:

[...] mas o que cansa, mas é o que tem que ser é nossas aulas até as 11h é o horário até as 11h o horário é puxado. (A Aluna professora)

Para esta outra aluna o aspecto negativo que ela detectou se refere às poucas horas destinadas ao laboratório, pois gostaria de ter mais aulas práticas.

[...] nossa aulas, as técnicas mesmo são muito pouca, a gente fica pouco no laboratório(A Aluna Sorriso)

Em outro depoimento, a aluna revela seu desencanto com o curso quando soube que teria que aprender novamente as matérias do ensino médio por ela já cursadas:

*[...] quando falaram que era um curso de informática de três anos eu pensei que ia montar e desmontar, **mas não como o integrado**, (...) daí o dia em que chegou a grade curricular com um monte de matéria (...)e só tinha duas matérias técnicas hardware e software(A Aluna Sorriso)*

Essa aluna revela que não esperava encontrar o curso que encontrou, achava que iria entrar e logo já sairia habilitada para configurar computadores.

[...] é o que me trouxe o curso foi uma realidade melhor que eu achava assim né ? cursa e sai uma hacker daqui daí tipo, a gente teve que se adaptar até os professores(A Aluna Leve).

A necessidade que a escola teve para nivelar os conhecimentos específicos da turma, relacionados a área de informática, foi, para esta aluna, a causa de um atraso no andamento do curso, pois para ela o curso poderia ter iniciado em um nível mais avançado:

*É que assim, no primeiro ano daqui a gente aprendeu a mexer no computador, mas **mexer no computador eu já sabia né?** Mas eu acho que eles **tiveram que voltar pra traz** pra botar todo mundo no mesmo ritmo. (A Aluna Leve)*

Nesse sentido, percebi que as falas desses alunos se complementam com a fala da supervisora da escola ao relatar que os alunos faziam uma ideia equivocada a respeito do curso:

*[...] não eu acho que eles tinham a idéia também de que eles seriam **usuários**, eles vieram para fazer o curso técnico em informática, e ao mesmo tempo tinha a sensação de que eles pensavam que iriam sair como usuários. E como usuários eles tinham que conhecer alguma coisa da **informática não na sua profundidade** acho que a idéia de técnico em informática não tem mais ênfase, mas **técnico em informática em manutenção**, isto que eles não compreendiam então o que significava de fato, então eles levaram um ano para cair a ficha(Supervisora)*

Na visão destas alunas, os componentes curriculares como filosofia, matemática e física agem como empecilhos para elas conseguirem sucesso nos estudos, e assim não conseguem gostar do conteúdo:

*[..] eu **odeio filosofia**, não gosto de filosofia não tava a fim de vim na aula (A Aluna Dedicada)*

[...] Eu acho a matéria mesmo difícil não sei se de tanto ele puxar a nossa orelha a gente já faz grupo de estudo, mas a matéria é chata e aí fica mais difícil de aprender (A Aluna Professora)

[...] queria que tirassem física, não agora até fiquei feia que o professor disse que aumentaram as notas, mas o que adianta aumentar de 4 para cinco.(A Aluna completa)

Este aluno não concorda com a metodologia utilizada, acha difícil poder acompanhar as aulas e também não concorda com o sistema de avaliação da instituição.

[...] a metodologia eu não concordo, acho que as turmas devem ser separadas, e também deveria ter uma avaliação diferenciada pela idade pela turma não pode ser nota.

“Como os conteúdos podem ser os mesmos? Como eu tenho a obrigação de acompanhar? (O aluno mudança)

Visão Positiva

No depoimento desta aluna, ela considera muito valioso o conhecimento que está adquirindo com o curso, ela acha que o curso é uma oportunidade de adquirir novos saberes, e este é para ela muito mais importante do que ter um certificado.

*[..] estou aqui é para aproveitar é um curso bom to aprendendo muito. Também considero que a **aprendizagem** é muito mais importante do que um diploma, pois não adianta ter **no currículo e no diploma para não saber usar** (A Aluna escritora)*

Para estas alunas, o fato de poder contar com um professor para esclarecer suas dúvidas é algo que elas ainda não haviam vivenciado:

[...] tu tem o professor a tua disposição tu tens horários alternativos, tu tem extraclasse tu tem mais não sei o que (A Aluna Batalhadora)

[...] nunca vi um aluno assim dentro da escola procurando um professor e um professor disponível pro aluno (A Aluna Sorriso)

O conhecimento e a segurança que os professores transmitem aos alunos é muito positivo e é revelado nas falas abaixo:

[...] eles sabem o que tão falando seguravam o pessoal na sala de aula e lá no outro o pessoal nem dava bola viravam as costas lá, aqui eles impõem uma regra. (A Aluna Dedicada)

[...] a aula de matemática , é o professor de matemática. Agora eu sei fazer algumas coisas que antes eu não sabia fazer, e ele desencadeia aquilo desde o começo tu pega tu aprende. (A Aluna Leve)

[...] a escola ta respondendo as minhas expectativas porque os professores tão ali, mas ta na gente ir buscar o conhecimento (A Aluna Sorriso) .

De acordo com Charlot (2000), “a relação com o saber é relação com o tempo. A apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros - "o aprender" - requerem tempo e jamais acabam” (p.77)

Estes alunos consideram o ensino médio, que estão fazendo agora, como sendo de qualidade ao compararem com o outro ensino médio já cursado, como se agora para eles fosse de verdade:

[...] o ensino médio aqui é bom é bem puxado é bem melhor do que os outros. (A Aluna Leve)

*[...] escola que tivesse um **ensino médio de verdade** não que eu ache que na outra escola pública estadual. (O Aluno Musica)*

A comparação não se restringe somente ao ensino médio, quando os alunos também comparam os outros cursos técnicos que realizaram com o que estão fazendo agora, relatam estar gostando do curso:

Quando eu fiz outro curso técnico não gostava de informática (...) a informática era a matéria que eu menos gostava, eu não sabia nem mexer, nem internet eu só sabia entrar.

[...] tu até pode nem gostar, mas tem que aprender porque é uma área de futuro. Aí depois que eu entrei aqui tudo mudou agora eu gosto de informática, porque aprendi a fazer. (O aluno esporte)

[...] ta aumentando as matérias antes era menos técnica este ano a gente tem 13 matérias (A Aluna Leve)

Este aluno retrata, em seu depoimento, como se sentiu valorizado ao poder contar a sua história de vida e seus saberes dentro da escola, demonstrando assim que existe um espaço de construção, diálogos, no ambiente educativo:

[...] organizaram um seminário integrado nas disciplinas de Sociologia e História, aonde cada um falava de uma experiência sua de vida e eu “apresentei minha luta pela terra” (O aluno mudança)

Sendo assim, ao refletir sobre o processo da aprendizagem efetivo, o educador deverá levar em conta que para saber ensinar e preciso saber escutar, entre tantos outros valores que abrigam o exercer a docência, ou seja,

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais,

que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele (FREIRE, 2006, p.113).

As Relações no Interior da Escola

*(...) eles me deram um óculos que eu não teria mesmo condições de comprar,
(Tinha que dizer é um agradecimento pra escola por que eles me deram me proporcionaram coisas que eu não tinha condições de comprar (A Aluna Batalhadora))*

A escola é um local de encontros e a sala de aula é um ambiente de protagonismo, onde se entrecruzam saberes e singularidades no espaço-tempo compondo sentidos. Assim, na perspectiva de tecer as redes de relações que os estudantes estabelecem ao longo de sua convivência no curso, entre eles e entre os professores, que em grande parte se tornaram responsáveis por sua permanência no curso, passo a descrever alguns de seus depoimentos:

A vida dura, as atividades como dona de casa, estudante, mãe e esposa, fizeram com que esta aluna realizasse uma comparação entre a sua vida e a da sua colega mais nova e sem filhos:

*[...] eu me estressava tanto a ponto de eu fazer uma prova com um colega **que eu sei que tem tempo pra estudar que não tem casa que não tem filho, e que tem mãe que faz as coisas, tem mãe que lava as roupas e tira 1,9 numa prova que valia 2 e ela não tem outra coisa pra fazer então tu imagina, hoje ela me falou que acordou 15 para o meio dia então uma criatura dessas não tem capacidade de levantar e ir estudar?**(A Aluna Dedicada)*

Vale ponderar em relação ao trabalho a ser desenvolvido com aluno trabalhador, com o aluno jovem, com o adulto, com o mais idoso é diferente de estar lidando com um aluno que podemos titular de já institucionalizado no âmbito das práticas escolares ditas regulares. São duplamente guerreiros, uma vez que afrontam esse grande desafio de rescindir a velha rotina de vida e procurar o que lhes fora negado até então. Desafio esse que por eles já fora vencido ao tomarem a resolução de regressar para um ambiente escolar e buscar o que conferem de mais valioso, o conhecimento. Assim, esses alunos retratam, em seu depoimento, o valor atribuído ao esforço de seus colegas:

*Tu ta vendo um monte de gente **os meus colegas são tri** esforçados(...)eles vem pra cá estudam um monte eu acho muito legal isso tem que dar muito valor(Aluno esporte)*

*[...] a gente já chega meio cansado aqui que a maioria deles trabalha o dia inteiro, alguns corre turno também o pessoal chega cansado (...) a gente **tinha que se unir** a gente tinha duas turmas a 101 e a 102 e muita houve repetência muita gente já desistiu não vieram*

[...] a turma me recebeu bem já conhecia alguns também já tinha a cara conhecida a cidade não é muito grande; (Leve)

Ao longo do curso, os alunos estabeleceram e solidificaram muitas relações entre eles e os professores, assim, encontramos em (GIDDENS, 2002 *apud* FORTES 2006 p.132) o apoio que preconiza a afirmação ao dizer “é possível tornar-se amigo de um colega, e a proximidade no trabalho ou o interesse compartilhado gerado pelo trabalho podem estimular a amizade – mas ela só será uma amizade se a ligação com a outra pessoa for valorizada em si mesma”

Gosto de todo mundo na turma a turma é unida [...] eu gosto da turma mesmo que os professores ensinasse e dessem tudo e a turma não colaborasse não ia adiantar (A Aluna Professora)

[...] sabe eu gosto de todo mundo todo pessoal da turma uma coisa que é muito assim é que a turma é muito unida.

Os relacionamentos que eles constroem são permeados de significados, ponderam que a relação entre eles e os professores foi se solidificando, porque eles consideraram que a postura, a escuta dos professores foi essencial para a consolidação desses laços:

[...] aqui na escola os relacionamentos com os professores são baseados no diálogo e no aluno (Aluno musica)

Segundo Paulo Freire, o vínculo estabelecido entre o professor e o aluno é fundamental, e só é estabelecido se houver uma interação entre eles: o diálogo, e por meio diálogo, ambos constroem e reconstróem conhecimento.

“Nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo, onde quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996, p. 29)

Os professores que atuam com a educação de jovens e adultos comprovam que é possível construir outros modos de lidar com os sujeitos, o que requer rever o

conhecimento, os currículos e a própria estrutura escolar. Os professores estão construindo junto aos alunos novos saberes e práticas, e a produção do próprio trabalho.

Os depoimentos a seguir contribuem para a afirmação acima, e seguem:

*[...] mas depois sei lá gostei os professores são bons professor o professor **faz a diferença.***

[...] os professores são um diferencial (...)os professores eram tri bons(A Aluna Sorriso)

*[...] tem a diferença de professor tem professor que já viajou o mundo tem um que foi a Bangladesh, isto é muito legal é uma coisa que eu acho legal aqui a **cultura dos professores e eles sabem respeitar a gente não fazem diferença da gente** (Leve)*

*[..]eu não parei lá, na outra escola fiz até 30 de dezembro lá e aqui junto eu vinha pra cá as 6h horas e os **professores me ajudaram conciliaram os horários**(O Aluno esporte)*

*[...] muita coisa aqui é diferente aqui os **professores buscam** né? (..)eles se preocupam muito em tu entende aquilo, eles não tão aqui só por esta se tão fazendo curso técnico mas o segundo grau ah tu tem que te formar então tu te vira, sabendo ou não aqui é bem diferente, achei muita diferença os professores se dedicam eles vão atrás se tu tem alguma dúvida eles te explicam eles querem te ajudar (A Aluna dedicada)*

A estrutura oferecida

Um ambiente educativo adequado exige certa infraestrutura como salas ventiladas, mobiliário adequado, espaços para leitura e lazer dos educandos, transporte iluminação, segurança. Nesse sentido, verifiquei juntos aos estudantes como estavam avaliando as condições oferecidas pela instituição para que eles pudessem estudar, seguem os relatos abaixo:

Este aluno diz que recomenda o curso para os seus conhecidos, por considerar que a instituição oferece condições apropriadas para o estudo

[...] eu achei muito legal assim principalmente nesta parte de estrutura eu recomendo o curso pra todo mundo que quer estudar aqui (O aluno música)

O aluno salienta as condições financeiras da instituição, pois compara os equipamentos que tem disponíveis com os que utilizavam em outra instituição de ensino privada que frequentou

[...] eu não tinha muita expectativa quando eu comecei, eu não sabia que a escola federal tinha tanto dinheiro.

[...] tem quadra coberta, (O Aluno esporte)

Mas, em todos os locais, os problemas se apresentam, nessa instituição, não seria diferente e os estudantes relatam os problemas, mas salientam as coisas boas:

[...] mais iluminação externa, mas eu acho que nem é da escola é na rua aquela rua não tem e é puro buraco; [...] mas tem os guardinhas (A Aluna dedicada)

[...] falta um bar (O Aluno João)

[...] tem biblioteca(A Aluna escritora)

7 Encaminhando as Considerações Finais

Nesta etapa do meu estudo, procurei eleger alguns elementos que foram se constituído ao longo deste, a respeito do ingresso de estudantes com o ensino médio concluído, dentro os quais posso arrolar.

Primeiramente, o campo de conhecimento é recente, e a novidade do Programa é que ele envolve o ensino médio, a educação profissional e a educação de jovens e adultos. A instituição também é nova, a conjunção ocasionada dada pela implantação do PROEJA e da instituição são alguns dos fatores que justificam o número significativo de pessoas que vieram para participar do processo de seleção do curso. Havia também o desconhecimento do público a respeito do tipo de curso que estava sendo oferecido.

Em segundo lugar, os gestores relatam que, em função da imposição legal para o início do curso, seria imprescindível que a equipe responsável pela implantação da escola no município de Charqueadas agisse de forma rápida e eficaz, ainda existia uma preocupação para que o curso atendesse as expectativas da instituição sede e, ao mesmo tempo, necessitariam de apoio e aporte pedagógico desta, o que vemos refletido na fala do gestor *“Nós iríamos ter muito mais apoio e suporte para trabalhar o curso de informática, do que a própria mecatrônica e deixamos o curso integrado de mecatrônica para depois”*.

Assim, nesse contexto, a equipe responsável pela implantação e divulgação do curso tem um prazo exíguo para se apresentar à população do município. O que poderia ter ocasionado esse tropeço da instituição na hora da divulgação.

Em terceiro lugar, e é o que motivou a realização desta pesquisa, diz respeito ao perfil dos estudantes que vieram participar do curso, a maioria dos alunos com o ensino médio concluído.

CONCLUSÃO

Embora não tenha a intenção de resolver todas as inquietações acerca do tema com esta pesquisa, algumas questões chamaram minha atenção: grande parte dos estudantes já havia concluído o ensino médio; alguns alunos retornaram para a escola profissional – já tinham realizado outros cursos, o que me conduziu a hipótese de que esses estudantes estavam preocupados em acumular cursos técnicos, e a hipótese de que, mesmo tendo o ensino médio, buscavam novamente essa formação por se tratar de uma escola federal e esse ser um ensino diferenciado.

Nas entrevistas que realizei, surgiu uma fala recorrente que se referia a sua relação com a escola e a sua relação com o trabalho os relatos sobre as suas escolas me conduziram a hipótese de que essa relação era muito descontínua e muito próxima a do aluno da EJA. O que me fez sentir a necessidade de aprofundar através de suas trajetórias: formativa e profissional

Foi interessante observar como eles comparavam o Ensino Médio já cursado em sua trajetória escolar anterior, ao Ensino Médio do IFE. A sua relação com a escola anterior revela o precário relacionamento que mantinham com a escola que conheciam, o que está me levando a concluir que os alunos participantes dessa turma têm um perfil fronteiro com o do aluno da EJA. Na opinião deles, o curso é difícil de acompanhar, no entanto, esta é uma das razões pela qual consideram ser a escola de boa qualidade, os estudantes atribuem muito da qualidade do curso que realizam aos seus professores, por serem muito qualificados e acessíveis a eles. Outro aspecto importante observado refere-se às relações que eles firmaram durante o curso, segundo os alunos, são laços que foram se construindo lentamente, e que dificilmente conseguiriam se desvencilhar agora que estão concluindo o curso. Estas relações são de grande importância, pois mantiveram e motivaram alguns alunos a não desistirem de seus planos.

Nesta fase do trabalho, passo a divulgar os resultados da pesquisa que realizei que consistiram em momentos distintos.

A primeira parte do trabalho que realizei constituiu-se de um questionário, em que tinha por interesse verificar a faixa etária, sexo, estado civil, procedência, nível de estudo, hábitos de estudo, trabalho (e em que área), salário e renda, e suas impressões

acerca do curso em que estão matriculados. Com relação à faixa etária, verificou-se uma maior incidência de matrículas na faixa entre 21 e 30 anos - são 70% dos alunos matriculados; 31 e 40 anos - 20%; mais de 40 anos - 10%. Na faixa etária entre 18 e 20 anos, não foi encontrada nenhuma pessoa. No que diz respeito ao sexo, os dados revelam uma predominância masculina: 51% da turma são do sexo masculino, e 49% do sexo feminino.

Os dados relativos ao nível de escolaridade revelaram que 95% concluíram seus estudos em nível fundamental em escolas públicas e 0,5% em escola particular. Na modalidade de ensino regular, 90%, e na modalidade EJA 10%. A maioria da turma já possui o ensino médio concluído, havendo a predominância de alunos que estudaram na escola pública - 70% dos alunos. No ensino regular, 75% dos alunos, e na EJA 25%.

Sobre a condição de trabalhador ou não dos estudantes, constatei que os alunos que trabalham representam 85%. Dentre esses, 0,5 % atuam no comércio; 15% atuam na indústria; 0,5% são autônomos; 10% atuam no serviço público; 50% atuam com prestação de serviços, e o número de alunos que não trabalham representa 15%. No Curso Técnico de Informática, a maioria dos alunos trabalhadores atua na área de serviços. Os alunos que trabalham sem carteira-assinada desenvolvem suas atividades em mais de 40 horas semanais.

Isso me leva a refletir sobre a disponibilidade que esses estudantes têm para dedicar-se aos estudos fora da carga horária destinada às atividades presenciais. Quanto aos hábitos de estudo, 30% revelam que estudam entre 60min e 90min por dia; 30% revelam que estudam entre 15min e 30min, e 40% dos alunos só estudam quando têm avaliação.

Ainda no que diz respeito a sua condição de trabalhador, constatei que a renda familiar, considerando uma família com dois ou mais integrantes, é de R\$ 1.045,00. Esses dados, aliados aos que dizem respeito à carga horária semanal desenvolvida pelos estudantes trabalhadores, retratam a condição de exploração que faz parte do cotidiano de muitos trabalhadores em nosso país.

Acerca de sua área de moradia (urbana ou rural), ficou evidenciado que os alunos do Curso Técnico em Informática residem em área urbana. A grande maioria é da região metropolitana, sendo que 95% procedem de área urbana e 0,5 de área rural.

Quanto às impressões sobre o curso, 85% consideram o curso bom e o recomendariam para outras pessoas, e 15% consideram o curso bom, mas avaliam que precisa de reestruturação, principalmente no quesito avaliação.

A segunda parte do trabalho consistiu na elaboração de um roteiro de entrevista semi-estruturada, que compreendeu mais de trinta questões subjetivas, já visando à construção de algumas das categorias para analisar, como: Perfil, Trajetória Profissional e Formativa, Projetos Futuros, Motivação para o Curso e Significado do Curso, Atendimento das Expectativas. Após a transcrição das entrevistas e leitura do material obtido nas questões subjetivas do roteiro, e com base, portanto, no material empírico estudado, encontrei quatro categorias de análise. Na categoria Relação com o Trabalho, utilizei como indicador a Trajetória Profissional, e na categoria Relação com a Escola a Trajetória Formativa. Na categoria A Escolha do Curso, utilizei como indicadores: Projetos Futuros, Perspectivas e Expectativas. Por último, na categoria Significado do Curso, utilizei como indicadores o ambiente educativo, as relações no interior da escola, e a estrutura oferecida.

A partir da análise do conjunto de dados obtidos juntos aos alunos da turma, assim como dos referenciais teóricos que me auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa, foi possível identificar alguns resultados, que destaco a seguir.

Destaco, em primeiro lugar, o fato de a maioria dos alunos já ter concluído o ensino médio, perfazendo um percentual de 75%, o que pode ser explicado pelo processo de seleção ter sido um sorteio público e também pelo fato de a instituição não estar sendo reconhecida pela comunidade quando se deu o processo seletivo.

O fato de grande parte dos estudantes já ter concluído o Ensino Médio, assim como o tempo que esses alunos estão fora do ambiente escolar, levou-me a pensar sobre os objetivos do PROEJA. Essa política está de fato atendendo aos objetivos que se propõe: elevar a escolaridade e formar profissionalmente jovens e adultos, com trajetórias escolares descontínuas?

Nesse sentido, constatei que, de certa forma, o PROEJA, no que se refere à turma investigada, não está atendendo o público-alvo que se propõe a atender. Mas considero os motivos elencados pelos alunos para realizar o curso técnico. Entre outros, referem-se à qualidade da formação que estão recebendo, ao dizerem: “ aqui encontrei um ensino médio forte e de verdade”(O Aluno música); “tinha coisas de matemática que eu só fui entender aqui”(A Aluna completa); “eu estudei na escola municipal e depois estadual, então na escola estadual é te vira, então quando a gente entrou aqui, teve muita diferença, aqui é uma escola de melhor qualidade” (A Aluna dedicada); “ na minha outra escola eu não gostava de história, e aqui eu fui aprender que é bom estudar história”(O Aluno ocupado); “ fizemos um seminário onde pudemos colocar as

nossas experiências de vida ou de trabalho” (O aluno mudança); “ quando que na minha outra escola eu poderia falar com os professores” (O Aluno esporte).

Os relatos dos estudantes referentes à sua relação com a escola revelam o precário relacionamento que mantinham com a escola que conheciam, o que está me levando a concluir que os alunos participantes dessa turma têm um perfil fronteiriço com o do aluno da EJA. E assim, de certa forma, o PROEJA está atendendo as pessoas às quais se destina, que, embora tenham concluído o ensino médio, fizeram-no sem se darem conta de o terem realizado. “Cursar o ensino médio ainda é um privilégio de poucos, e, dentre esses, poucos têm acesso à qualidade” (BRASIL, 1998, p. 29).

Os alunos que participam dessa turma são pessoas que se permitiram o direito de sonhar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Revendendo os vínculos entre trabalho e educação**: elementos materiais da formação humana. In: Silva, Tomaz (org.). Trabalho, educação e prática social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. Pedagogias Em Movimento – **O que temos a aprender dos Movimentos Sociais?** Currículo sem Fronteira, v.3 n. 1, pp 28-49. jan-jun. Belo Horizonte, 2003.

_____. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: GIOVANETTI, Maria; GOMES, Nilma; SOARES, Leôncio (org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997.

BRASIL, **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 134, n. 248, seção I, p. 27834-27841, 23 dez. 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº. 11/2001** e Resolução CNE/CEB nº.1/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto nº5. 154. 23 de julho 2004.

_____. Congresso Nacional. Decreto nº5. 478. 24 de junho 2005.

_____. Congresso Nacional. Decreto nº5. 840. 13 de julho 2006.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto político pedagógico do CEFET-RN**: um documento em construção. Natal: CEFET – RN, 2005.

Conferência Internacional Sobre a Educação de Adultos. V: 1997: Hamburgo, Alemanha. Declaração de Hamburgo: agenda para o Futuro-Brasília. Sesi/Unesco, 1999.

CHARLOT, Bernard. **A relação com o saber: conceitos e definições.** In: Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia.** *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 97 p. 47-63, 1996 Tradução Neide Luzia de Rezende.

CUNHA, Luis A. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil**, Revista Brasileira de Educação (São Paulo), nº. 14, maio/agosto 2000

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença**. *Caderno de. Pesquisa* [online]. 2002, n.116, pp. 245-262.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: Reflexões iniciais novos sujeitos**. In: SOARES, L. (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. São Paulo: Autêntica, 2005.

FERRETI, Celso João; OLIVEIRA, Maria Rita Sales (orgs.). **As relações sociais na escola e a formação do trabalhador: para onde vai a escola?** São Paulo: Xamã, 1999.

_____. **Formação profissional e reforma do Ensino Técnico no Brasil: anos 90**. Educação e Sociedade, Campinas, ano 18, n. 59, ago. 1997.

FRANCO, Maria Ciavatta in FRIGOTTO, Gaudêncio et alli (org.) **“Educação e crise do Trabalho: perspectiva de final de século”**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes, 1998.

FRANZOI, Naira L. **Avaliação do Programa Integrar RS** . In: MAIA, Marco (org.). Trabalho, educação e cidadania. Reflexões sobre o Programa Integrar/RS. Porto Alegre: CNM/CUT, 1999.

_____. **Da profissão como “Profissão de Fé ao Mercado em Constante Mutação”**: Trajetórias e Profissionalização dos Alunos do Plano Estadual de Qualificação do Rio Grande do Sul (PEQ-RS). Campinas, 2003. Tese de Doutorado

_____. **Entre Formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e Mudança**. 29º edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 2006

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado?** In: IIEP. Seminário Nacional: a qualificação profissional como política pública. Santo André, 2002. - Digitado

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M; RAMOS, M. **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005

_____, CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico e controvertido**. Revista Educação e Sociedade vol.26 n°92 Campinas / 2005.

FRIGOTTO, G; CIAVATTA M.:(org). **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida**. A experiência do trabalho e a educação básica.Rio de Janeiro: DP&A,2002.

_____. CIAVATTA, (orgs.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília, MEC/SEMTEC, 2004.

GADOTTI, M. **Concepção Dialética da História**. São Paulo: Cortez, 1995.

GENTILLI, Pablo A. **Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2004

IRELAND, Timothy. **A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização**. *Revista Nova Escola*.n.223, ed. Junho,2009

KLINSKI, Cláudia et, al – **Pesquisa da Realidade Escolar Instituto de Educação Josué de Castro** – IEJC. Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – (Trabalho do II Módulo- Especialização PROEJA)UFRGS Iterra. Porto Alegre. 2007

KUENZER. Acácia. **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Educação cidadã, trabalho e desemprego: o possível como caminho para a utopia**. Porto Alegre, s/d. digitado.

_____. **Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado Neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **O Ensino Médio agora é para a vida**. *Educação e Sociedade*, Campinas, ano 21, n. 70, p. 15-39, abr. 2000.

_____. **Da Dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente.** Educação e Sociedade, Campinas, ano 28, n.100, p.1153- 1178.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil.** Rio de Janeiro: Cortez, 2003.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2001. (Coleção Educação)

MARRE, Jacques. **História de Vida e Método Biográfico.** *Cadernos de Sociologia*, v. 3, p.55-88, 1991

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reiventando o ensinar e o aprender.** 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MOURA, Dante H. **EJA: Formação Técnica Integrada ao Ensino Médio.** Boletim Salto para o Futuro nº16, set / 06. EJA: Formação Técnica Integrada ao Ensino médio.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e Perspectivas de Formação dos Trabalhadores: para além da formação politécnica.** Setembro de 2006. Universidade Federal de Fortaleza – CE – Digitado.

NÓVOA, Antônio. **Formação de Professores e a Formação Docente.** In: org NÓVOA. *Os Professores e a sua Formação.* Editora Publicações Dom Quixote, LTA, Lisboa, 1995, p.15-33.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos.** São Paulo, Editora Cortez, 2003.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na Globalização a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu.** São Paulo. Boitempo Editorial, 2005

POCHMANN Márcio; AMORIN Ricardo. **Atlas da exclusão Social no Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 2004.

RAMOS, Marise, **Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado.** In: *Ensino médio integrado: concepção e contradições.* São Paulo: Cortez, 2005.

ROSSETI-FERREIRA, Clotilde: **Análise do desenvolvimento humano enquanto uma rede de dinâmica de significados.** CINDEDI/USP 7 Ribeirão Preto/1997.

SANTOMÉ, J. **Globalização e Interdisciplinaridade: o Currículo Integrado.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SAVIANNI, Demerval. **Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião da ANPED, 2006. Caxambu. Digitado.

SILVA, Caetana Juracy Rezende. **Caminhos precisos e imprecisões da caminhada: a integração da Educação profissional e tecnológica com a educação de jovens e adultos**. (<http://portal.mec.gov.br/setec>) Acesso em: 20/06/2008

SCHWARTZ, Yves. **Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel**. Educ. Soc. v. 19 n. 65 Campinas Dez. 1998

_____. **Trabalho e saber**. Trabalho & Educação. Vol.12, n.1- jan/jun, 2003

_____. **Disciplina epistêmica e disciplina ergológica**. Revista pro-posições UNICAMP, vol.13, n. 37, 2002.

_____. **Trabalho e uso de si**. Revista Pro-posições Vol.1 n. 5 julho 2000 UNICAMP, pg. 34-50.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: Nunes, E, (org). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ANEXO 1

Roteiro para Entrevista

Nome do entrevistado:

Curso:

Endereço:

Endereço Profissional:

Sexo () Masculino () Feminino

Idade:

Cidade onde mora:

Na sua família, todos têm renda?

Quantas pessoas moram em sua residência?

Quem é o responsável (financeiro)?

Você cursou até que série ou etapa antes de ingressar no PROEJA?

Você havia parado de estudar? Por quanto tempo?

Por que parou de estudar?

Você já havia realizado um outro curso de educação profissional? Qual?

É o mesmo que você está fazendo agora?

Você trabalha? Com quantos anos começou a trabalhar?

Se não, está procurando emprego?

Você já trabalha nessa área do curso?

Você quer continuar trabalhando nessa área?

Você está contente com o seu atual trabalho?

Por que se matriculou no curso?

O que você imaginava encontrar no curso?

O que significa para você a instalação do CEFET na região de Charqueadas?

O que significa para você ser um aluno do CEFET?

O que você acha mais importante no curso?

O que você espera que o curso lhe proporcione?

A Escola consegue atender?

Está atendendo?

O que mais gosta na Escola?

E do que menos gosta ou não gosta?

Tem alguma coisa que eu não perguntei e tu querias colocar?

ANEXO II

Questionário

Nome:

1 - Idade:..... anos

2 - Cor () preta () parda () branca () amarela

3 - Local de moradia: Município:

4 - Você reside em:

() zona urbana (na cidade)

() zona rural (fora da cidade)

5 - Sexo () Masculino () Feminino

6 - Você está () empregado () desempregado

7 - Você possui:

Vínculo empregatício () Sim () Não

9 - Você é:

() autônomo

() Funcionário público

() Trabalhador eventual

() Trabalhador rural

() Outro

Qual?.....

10 - Quantas horas por semana você trabalha no seu principal trabalho?

() até 10 horas

() entre 11 e 20 horas

() entre 21 e 30 horas

() entre 41 e 44 horas

() mais de 44 horas

11 – Quanto você ganha por mês no seu trabalho?

R\$.....,00.

12 – Há quanto tempo você não tem trabalho?

() 30 dias

() De trinta a 90 dias

() De 90 a 180 dias

() mais de 180 dias

13 – Nunca trabalhou?

- sim
- não

14 – Nos últimos trinta dias, você fez algum trabalho eventual?

- sim, só na área do curso
- sim, na área da profissão ensinada no curso e também em outras áreas
- sim, somente em outra áreas
- não

14 – Quanto você recebeu no mês passado?

R\$......,00.

15 - Quanto tempo por dia você dedica ao seu estudo

- 15 a 30 min
- 30 a 60 min
- 60 a 90min
- até duas horas
- mais de duas horas

16 – Se você conseguir uma colocação no mercado de trabalho após concluir o curso do PROEJA, o que considera que foi importante para isso?

- Ter realizado o curso no CEFET
- Além desse curso, ter realizado outros
- a escolaridade
- sua experiência profissional

17 - Você recomendaria esse curso para os seus conhecidos?

- sim, eu recomendo
- sim, eu recomendo mas.....
- não recomendaria porque.....

ANEXO III

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO em
EDUCAÇÃO – Mestrado em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisa tem por objetivos: analisar as trajetórias pessoais, profissionais e formativas, e buscar qual o significado que tem para a vida dos alunos do curso Técnico em Informática / PROEJA, na Unidade de Ensino Descentralizada de Charqueadas do CEFET de Pelotas, o retorno aos estudos em um curso técnico. Trata-se de um trabalho de pesquisa para a obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A coleta de informações será realizada no período de março de 2008 a julho de 2009.

O estudo, que privilegiará a abordagem qualitativa, será efetuado através de visitas ao(s) local (is), observações, anotações, conversas informais, coleta e análise de documentos, aplicação de questionários e entrevistas. Ressalta-se que a realidade poderá ser filmada, fotografada, observada, e as entrevistas serão gravadas.

O material coletado será de uso exclusivo da pesquisadora, sendo utilizado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da dissertação e dos artigos e comunicações que dela resultem.

O material coletado também não poderá ser objeto de comercialização e/ou divulgação que possa(m) prejudicar os (as) entrevistados (as) ou a sua comunidade.

Por isso, venho a esta Diretoria de Ensino solicitar autorização para a realização da pesquisa e também para a utilização de fotos e imagens para uso exclusivo do estudo.

É compromisso desta pesquisadora manter os (as) participantes informados (as) sobre o andamento da pesquisa e, ao final de sua realização, comunicar-lhe(s) os resultados e/ou devolver-lhe(s), de alguma forma, o produto alcançado.

Claudia dos Santos Klinski
Assinatura do (a) pesquisador (a)

Naira Lisboa Franzoi
Orientadora

Assinatura do Diretor de Ensino / Gerente de Ensino

Local, data.....

ANEXO IV

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO – Mestrado em Educação**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisa tem por objetivos: analisar as trajetórias pessoais, profissionais e formativas, e buscar qual o significado que tem para a vida dos alunos do curso Técnico em Informática / PROEJA, na Unidade de Ensino Descentralizada de Charqueadas do CEFET de Pelotas, o retorno aos estudos em um curso técnico. Trata-se de um trabalho para a obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A coleta de informações será realizada no período de março de 2008 a julho de 2009.

O estudo, que privilegiará a abordagem qualitativa, será efetuado através de visitas ao(s) local (is), observações, anotações, conversas informais, coleta e análise de documentos, aplicação de questionários e entrevistas.

As pessoas – sujeitos da pesquisa – serão convidadas a fornecer informações a respeito do tema e do objetivo acima propostos. Ressalta-se que a realidade poderá ser filmada, fotografada, observada, e as entrevistas serão gravadas.

O material coletado será de uso exclusivo do (a) pesquisador (a), sendo utilizado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da dissertação e dos artigos e comunicações que dela resultem.

Durante o processo em curso, e mesmo na escrita da dissertação, será assegurada a confidencialidade dos dados e das informações que possibilitem a identificação do(s) a(s) participantes da pesquisa. O(s) a(s) participante(s), no entanto, será(ão) consultado(s) a(s), pois, se assim o desejar(em), sua identidade será revelada na escrita do texto da dissertação. Para isso, deverá(ão) manifestar sua vontade ao (à) pesquisador (a) quando da assinatura deste termo.

A pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto ao(s) à(s) participante(s) e não será objeto de nenhum benefício, ressarcimento ou pagamento ao(s) à(s) mesmo(s) mesma(s). Se, no decorrer do procedimento, o/a participante vier a manifestar sua vontade de que a entrevista seja interrompida e/ou seu conteúdo não seja divulgado, o(a) pesquisador(a) atenderá a sua vontade.

O material coletado também não poderá ser objeto de comercialização e/ou divulgação que possa(m) prejudicar os (as) entrevistados (as) ou a sua comunidade.

É compromisso deste (a) pesquisador (a) manter os (as) participantes informados (as) sobre o andamento da pesquisa e, ao final de sua realização, comunicar-lhes os resultados e/ou devolver-lhes, de alguma forma, o produto alcançado.

Claudia dos Santos Klinski
Assinatura do (a) pesquisador (a)

Naira Lisboa Franzoi
Orientadora

Eu,.....
Carteira de Identidade nº.....CPF nºresidente e domiciliado(a) à
Rua.....nº.....,
Bairro:.....,Cidade.....
Município.....Estado:.....
concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Local, data.....

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)